

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)

EMERSON VIANA BRAGA

***BLEND*, “A MISTURA QUE TODO MUNDO GOSTA!”: UMA *BLENDESCRIBÇÃO* DO
PROCESSO NO LÉXICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2023

EMERSON VIANA BRAGA

***BLEND*, “A MISTURA QUE TODO MUNDO GOSTA!”: UMA *BLENDESCRIPÇÃO* DO
PROCESSO NO LÉXICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito final e obrigatório para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de concentração: Linguística.

Linha de Pesquisa: Descrição e análise de línguas naturais.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Pacheco.

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2023

B792b	Braga, Emerson Viana. <i>Blend</i>, “a mistura que todo mundo gosta!”: uma <i>blendescricao</i> do processo no léxico do português brasileiro. / Emerson Viana Braga; orientadora: Vera Pacheco. – Vitória da Conquista, 2023. 169 f. Tese (doutorado – Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2023. Inclui referência F. 136-144. 1. Status Morfológico - <i>Blend</i>. 2. Pauta acentual. 3. Percepção. 4. Acústica. I. Pacheco, Vera. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III CDD: 415
-------	---

Catálogo na fonte: *Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890*
UESB – *Campus* Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Blend, “the mix everyone likes!”: a blendscription of the process in the lexicon of brazilian portuguese”

Palavras-chave em inglês:

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Doutor em Linguística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Vera Pacheco (Presidente); Profa. Dra. Elisângela Gonçalves da Silva (Membro interno); Profa. Dra. Marian dos Santos Oliveira (Membro interno); Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari (Membro externo); Profº. Dr. Luiz Carlos da Silva Schwindt (Membro externo).

Data da defesa: 08/12/2023

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-5738-3829>

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/1326026616929025>

EMERSON VIANA BRAGA

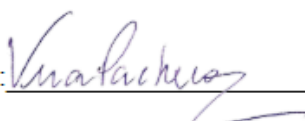
***BLEND, “A MISTUTRA QUE TODO MUNDO GOSTA!”: UMA BIENDESCRIBÇÃO
DO PROCESSO NO LÉXICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

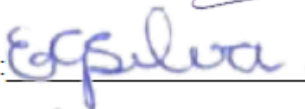
Data da aprovação: 08 de dezembro de 2023.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Vera Pacheco
Instituição: UESB – Presidente-Orientadora

Ass.: 

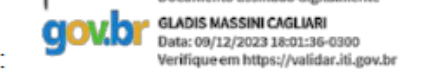
Profa. Dra. Elisângela Gonçalves da Silva
Instituição: UESB – Membro Titular

Ass.: 

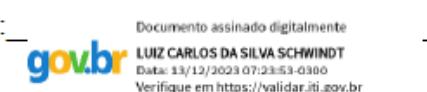
Profa. Dra. Marian dos Santos Oliveira
Instituição: UESB – Membro Titular

Ass.: 

Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari
Instituição: UNESP – Membro Titular

Ass.: 
gov.br GLADIS MASSINI CAGLIARI
Data: 09/12/2023 18:01:36-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Luiz Carlos da Silva Schwindt
Instituição: UFRGS – Membro Titular

Ass.: 
gov.br LUIZ CARLOS DA SILVA SCHWINDT
Data: 13/12/2023 07:23:53-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

A Evaristo (*in memoriam*) e à Dilza por serem as minhas melhores pessoas no mundo; à Vera Pacheco por ser um grande exemplo de profissional e de ser humano; e a todo homem preto, gay, nordestino, baiano e de favela.

AGRADECIMENTOS

Este texto de agradecimentos não seguirá a formalidade que comumente os textos acadêmicos de tese costumam ter. O período pós-acadêmico nos proporciona muitas aprendizagens e nos mostra a capacidade que temos de poder aprender diariamente com as pesquisas, mas, também, é um período de bastante solidão, quando precisamos nos debruçar sobre um fenômeno para apresentar resultados à comunidade científica. Embora soubesse que o período de solidão seria uma realidade em muitos momentos de escrita deste trabalho, eu nunca estive sozinho. Pude contar com o apoio de muita gente que, ao seu modo, tiravam-me da solidão que, em muitos momentos, me encontrava. Por essa razão, é necessário fazer uma **refletidão** e dizer: gratidão, **gratiliz**, **gratitude**, **gratitudo** a todos que, de alguma forma, contribuíram com este trabalho.

À UESB, universidade que me proporcionou, ao longo de 12 anos, a chance de poder conhecer o nível da graduação e da Pós-Graduação. Espaço amplo de conhecimento e de pessoas incríveis que quero levar para toda a vida. Com ela, foi possível fazer mestrado e doutorado no programa de Pós-Graduação em Linguística, doravante PPGLin, onde pude aprimorar meu aprendizado sobre as pesquisas na área da Língua Portuguesa, sobretudo, na área da Fonética e Fonologia.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio e financiamento das atividades do PPGLin da UESB.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) pela concessão da bolsa, o que permitiu que eu pudesse me debruçar integralmente nesta tese, além de poder propagar os resultados dela com apresentações de trabalho em eventos científicos.

À minha orientadora, Dra. Vera Pacheco, eu agradeço por todo conhecimento compartilhado. Um exemplo de profissional e de ser humano muito raro de encontrar uma só pessoa, além de ser uma pesquisadora **maravideusa** que inspira todos seus orientandos e colegas de trabalho. Embora a ciência trabalhe com a objetividade, eu posso dizer que foi sorte ter cruzado o meu caminho ao seu no universo da pesquisa. Obrigado pela confiança, a mim, depositada e por ter sido suporte em meus momentos de insegurança. Estendo todo esse agradecimento à professora **maravilinda**, Dra. Marian Oliveira, que, juntamente à pró Vera, me estimulou a trilhar no universo da pesquisa. Seu olhar cuidadoso e crítico ajudou-me a completar esse caminho.

Agradeço, também, ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UESB pela oportunidade de fazer Doutorado num espaço sério e idôneo, bem como aos profissionais exemplares que pertencem a ele, como os professores Drs. Adilson Ventura, Cristiane Namiuti, Elisângela Gonçalves, Jorge Viana, Maria de Fátima Almeida Baia e Valéria Viana com quem tive a oportunidade de ter sido aluno. E seria impossível deixar de agradecer à professora Dra. Maria da Conceição Fonseca-Silva que foi **maravigold** no meu processo de Doutorado. Eu jamais me esquecerei do apoio e da mão amiga que a senhora me estendeu. Deixo, aqui, registrado todo o meu agradecimento por isso. Não tem como lembrar do PPGLin e não falar de Luciana e Vanêide que foram luz em meio aos desesperos em que me encontrei, muitas vezes. Obrigados, meninas, por estarem sempre disponíveis e acessíveis para ajudar.

Aos **profesquisadores** Dra. Elisângela Gonçalves, Dra. Gladis Massini-Cagliari, Dra. Marian Oliveira e Dr. Luiz Carlos Schwindt, gostaria de agradecer por terem aceitado compor a minha banca de qualificação e de defesa. Vocês são excelentes profissionais que, com toda certeza, ajudaram a enriquecer este trabalho com toda experiência e sapiência de vocês.

Agradeço a outros **profesquisadores** que contribuíram com esta pesquisa, dando sugestões, enviando material e sendo cordiais ao responder aos meus inúmeros *e-mails* com pedido de ajuda: Dra. Elisa Battisti (UFRGS), Dr. Evan Cohen (Tel-Aviv University), Dra. Gladis Massini-Cagliari (UNESP), Dr. Ingo Plag (Universidade Heinrich Heine de Düsseldorf) e Alina Villalva (Universidade de Lisboa). Uma imensa gratidão, também, ao professor Dr. Luiz Carlos Schwindt (UFRGS) que, com todo seu **brilhuz** e seu **conhecimentop** na área de Morfologia e Fonologia, deu contribuições importantíssimas para muitas análises desta tese. É preciso dizer que parte dos resultados, aqui discutidos, tem sua mão e eu serei, imensamente, grato por isso.

Quero agradecer aos colegas de Doutorado pelos momentos divertidos e alegres que foram boas distrações em momentos de muitas tensões que vivíamos com nossas pesquisas, em especial, quero mencionar Dan, Graci, Milca e Rai. Não tão diferente, quero agradecer muitíssimo aos meus colegas e amigos do laboratório do LAPEFF pela paciência e partilha de conhecimento e trabalhos que culminaram em apresentações em eventos e publicações de artigos que desenvolvemos juntos. Lécio, Letícia e Warley, obrigado pela parceria e, Carmina, obrigado por tanto! Sua leitura cuidadosa desta tese e suas críticas foram preponderantes para melhoria dela. Aproveito para agradecer aos colegas do Núcleo Saber *Down*.

Mais uma vez (porque já fiz esse agradecimento em minha dissertação), queria agradecer (e não sei quanto) a André Faria e à Adriana Barbosa, meus primeiros exemplos de cientistas na área da Linguística. Por causa de vocês, eu descobri um amor por essa área de

conhecimento e pude me debruçar sobre a Fonética e Fonologia, áreas pelas quais me apaixonei à primeira vista.

Não tão menos importante, eu preciso e devo agradecer à Dilza e a Evaristo (*in memoriam*), por terem sido meus primeiros exemplos, enquanto ser humano, cujo amor incondicional e apoio inabalável foram meu porto seguro em todos os momentos. Vocês são uma base sólida em que construí meus sonhos e conquistas e são o meu **maravитudo**. Mesmo não tendo muitos recursos, deram-me o bem mais precioso que um filho pode ter: uma boa educação. Lembrar de vocês sempre me remete ao trecho da música, “*eu sou*”, de WD: “*logo cedo definido pela voz e sua cor. Esquecido pelo pai e a mãe que fez e não criou. Mas agradecido a Deus por sua [tia] e seu avô*”. Eu jamais me esquecerei de todo cuidado com minha educação, driblando todas as adversidades que a nossa realidade apresentava. Vocês sempre disseram que os estudos dignificavam o homem, tiravam-nos da ignorância e nos tornavam mais sábios. Bem, talvez, eu tenha entendido isso, afinal, enveredei pelos caminhos da ciência e, hoje, carrego o título de doutor que meu avô sempre dizia que eu teria. Se anjos da guarda existem, com certeza, vocês são dois deles.

À minha família, eu quero agradecer por todo apoio dado e por sempre acreditar em mim: tia Margarida e Lari, minha **primã**, vocês são, também, os amores da minha vida. Verinha e Raili, estendo todo meu agradecimento a vocês. À minha mãe, Maria José, a meu **bomdrasto**, Jai, e a meu pai, Dilson, eu deixo registrado, aqui, o meu agradecimento.

Há seres humanos que aparecem em nossa vida com um propósito tão incrível que o experimento científico, mais bem elaborado, não daria conta de explicar. Além da minha tia Dilza e meu avô Evaristo, esses outros seres humanos são Geni, Luciene e Júnior Handam, a quem carinhosamente eu tenho como mães e pai de coração. Eu agradeço a vocês por terem me abraçado e me incentivado nos momentos que eu dizia não ser capaz. Nesse interim, agradeço, também, à minha dinda Aline e aos meus afilhados Artur, Dioguinho e Maria Alice por serem luz em minha vida.

Ao longo da vida, vamos nos formando como cidadãos e observando as pessoas que nós queremos ter como referência. Há três delas que, com certeza, me fizeram acreditar ser possível alçar voos mais altos: André Faria, Dan Silva e Vitor Tadeu. Ser oriundo de favela, preto e gay nos coloca numa margem tão profunda que não nos permitem ter sonhos mais ousados. Então, gostaria de expressar minha profunda gratidão a vocês três que têm sido fonte de inspiração, referência e amizade em minha vida. Suas histórias, conquistas e força desempenharam um papel significativo em minha jornada e, por isso, desejo expressar meu mais sincero agradecimento.

Nessa mesma esteira, quero agradecer a Dinho, Maique, Mesqui, Tchacha e Titi, à Carol, Ellen, Ladie, Liliu e Marília, manifestando todo o meu amor. Nossas vidas nos levaram a diferentes lugares e caminhos, mas a ligação que compartilhamos permanecem inabalável. Vocês são mais do que amigos; são família escolhida, confiantes, e, muitas vezes, a voz da razão e o eco do amor. Os mesmos agradecimento e carinho vão para Carla, Carmessita e Paulo, amigos que ganhei no período de graduação.

Às famílias do vôlei de Jequié e Vitória da Conquista, quero agradecer, imensamente, por terem sido companheiras, aceitando-me, mesmo muito afastado dos ‘babinhas’ e dos treinos para me dedicar à minha tese. Praticar esse esporte com vocês é sempre um momento que não me permite entrar num colapso. Com ele, também, eu pude fazer amizades **maravigolds**. Caio, Ísis, Lauana, Luna, Tontom, e Victor, vocês são o sobretudo disso.

Gostaria de deixar minha gratidão a Marcelo, a quem, carinhosamente, chamo de **Marcelindo**, um grande amigo que quero levar para toda vida. Sua generosidade, empatia e carinho são um exemplo brilhante do que significa ser alguém especial. E por tudo isso e muito mais, quero expressar minha profunda gratidão. Você fez e faz uma diferença significativa em minha vida e estou imensamente grato por isso. Esteve disposto a ajudar com esta pesquisa, mesmo sem entender as facetas dela, sempre positivo de que eu faria um trabalho bacana.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer a Deus e este agradecimento está no final por ter sido, ele, ponte que me ligou e conectou às pessoas, antes, mencionadas. Obrigado por tudo e por todas as coisas e pessoas colocadas em minha vida.

“O que mais vejo aqui é o invisível do ver que se revista e revisa para não dar-se à vista mas que se vê vê-se é essa cárie cardial do branco que se esbranca do escrever e **escrevivo escrevimente**” (CAMPOS, 2004, p. 31, grifos nossos).

RESUMO

A criatividade linguística de formação de palavras tem sido pauta de estudos de diferentes linguistas. Entre os processos criativos de formação de palavras, encontra-se o *blend*, oriundo de duas palavras que já existem para formar uma palavra nova, com supressão de material segmental ou silábico de, pelo menos uma delas, e, em certos casos, sobreposição de segmentos (PEREIRA, 2016; GONÇALVES, 2019), a exemplo de *chafé* (*chá* + *café*) e *Debochara* (*deboche* + *Bechara*). Por ser formado a partir de duas bases, o fenômeno apresenta semelhança com o processo da composição, como no exemplo *cavalo-marinho* e *pontapé*. No entanto, os compostos são formados por meio da concatenação (VILLALVA, 2020), enquanto os *blends* formam-se a partir de uma não concatenação (BEVILACQUA; SILVA, 2021). Com isso, propomos, neste trabalho, fazer uma análise dos *blends*, a fim de trazer mais contribuições acerca desse fenômeno tão complexo que é bastante presente no dia a dia dos falantes. Para tal, traçamos a pesquisa em três planos de análise: i- uma abordagem do *status* morfológico do fenômeno na língua, a partir da reflexão do seu processo de lexicalização; ii- uma análise da percepção do seu conhecimento e uso por parte do falante nativo e iii- uma análise do padrão acentual, com vistas a compreender se o falante acessa informações acentuais na criação dos *blends*. Desta feita, lançamos mão de três questionamentos: 1- Qual é o *status* morfológico do *blend* no léxico? 2- Qual o nível de conhecimento e uso dos *blends* por parte dos falantes nativos? 3- O padrão acentual dos *blends* está relacionado aos seus tipos de formação? Como resposta preliminar para essas perguntas, levantamos, respectivamente, as hipóteses de que o *blend* seria um processo de formação de palavras independente do processo de composição que une duas palavras para gerar uma terceira; de que o conhecimento do sentido do *blend* estaria associado à capacidade de decomposição semântica dos *blends* por parte dos falantes nativos e o uso estaria ligado ao contexto social em que o *blend* foi criado; e a de que os *blends* apresentariam pautas acentuais distintas, considerando o seu tipo de padrão: interposição lexical (*promochila* << ~~*promoção*~~ + *mochila*), combinação truncada (*chocotone* << *chocolate* + *panetone*) e substituição sublexical (*roubartilhar* << *roubar* + *compartilhar*). Objetivamos, portanto, propor que o *blend* assume um *status* morfológico no léxico independente da composição, investigar qual o nível de conhecimento que o falante tem acerca de *blends* e averiguar a pauta acentual dos *blends*, levando em conta seu padrão de formação. Em vista disso, fizemos um levantamento de 750 *blends* para, a partir deste acervo, discutir sobre o *status* morfológico do fenômeno por meio de estudos feitos até o presente momento de elaboração desta tese. Levamos em consideração os aspectos que estão envolvidos em sua formação, a

saber: fonológico, morfológico, sintático e semântico. Para o teste de Percepção, foi feito um formulário via *Google forms* para atestar o nível de conhecimento que o falante nativo tem sobre os *blends*. Para a abordagem rítmica, lançamos mão da Fonética Acústica com vistas a entender qual o algoritmo acentual do fenômeno, a partir da duração relativa. Nossos resultados apontaram que os *blends* se diferenciam dos compostos, porque sua formação envolve questões prosódicas e podem apresentar ocorrência de processos fonológicos como haplologia, além de ser, majoritariamente, endocêntricos, ao passo que compostos mantêm sua integridade fonológica e são, em sua maioria, exocêntricos. Perceptualmente, os resultados mostraram que os *blends* são mais contextuais, pois tendem a ser mais conhecidos e usados no meio em que foram criados. Os resultados apontaram, também, que não há diferença na pauta acentual dos diferentes padrões de *blends* e, para além disso, mostraram que o falante tende a acessar informações acentuais na criação de um *blend*, o que nos fez deduzir que o fenômeno apresenta dois acentos primários, a partir da composição prosódica (ULRICH; SCHWINDT, 2020).

PALAVRAS-CHAVE

Blend; Status Morfológico; Percepção; Acústica; Pauta acentual.

ABSTRACT

The linguistic creativity in word formation has been the subject of study by various linguists. Among the creative processes of word formation is the blend, originating from two pre-existing words to create a new word, with the suppression of segmental or syllabic material from at least one of them, and in certain cases, overlapping segments (PEREIRA, 2016; GONÇALVES, 2019), as seen in examples like "chafé" (chá + café) and "Debochara" (deboche + Bechara). Being formed from two bases, the phenomenon exhibits similarities with the process of compounding, as in examples like "cavalo-marinho" and "pontapé." However, compounds are formed through concatenation (VILLALVA, 2020), while blends are formed through non-concatenation (BEVILACQUA; SILVA, 2021). Thus, in this work, we propose an analysis of blends to provide further contributions on this complex phenomenon that is quite prevalent in the daily lives of speakers. For this purpose, we have structured the research around three analytical dimensions: i) an investigation into the morphological status of the phenomenon within the language, through an examination of its lexicalization process; ii) an analysis of the perception of native speakers' knowledge and use of blends; iii) an analysis of the accentual pattern, with the aim of understanding whether speakers access accentual information in the creation of blends. Three main questions guide this study: 1) What is the morphological status of the blend in the lexicon? 2) What is the level of knowledge and use of blends by native speakers? 3) Is the accentual pattern of blends related to their types of formation? As a preliminary response to these questions, we propose the following hypotheses: that the blend is a word-formation process independent of the compounding process that combines two words to generate a third word; that the knowledge of the meaning of blends is associated with the capacity for semantic decomposition by native speakers and usage is linked to the social context in which the blend was created; and that blends exhibit distinct accentual patterns based on their formation types: lexical interposition (e.g., "promochila" << promoção + mochila), truncated combination (e.g., "chocotone" << chocolate + panetone), and sublexical substitution (e.g., "roubartilhar" << roubar + compartilhar). Our goals are, therefore, to suggest that the blend has a morphological status in the lexicon independent of compounding, to investigate the level of knowledge that speakers have regarding blends, and to examine the accentual patterns of blends, considering their formation types. To this end, we compiled a database of 750 blends to discuss the morphological status of the phenomenon, drawing from studies conducted up to the present moment of this thesis's preparation. We considered aspects involved in their formation, such as phonological, morphological, syntactic, and semantic factors. For the

perception test, we designed a Google Forms survey to assess native speakers' knowledge of blends. To investigate the rhythmical dimension, we employed Acoustic Phonetics to understand the accentual algorithm of the phenomenon through relative duration. Our results indicated that blends differ from compounds because their formation involves prosodic considerations and can exhibit phonological processes like haplology. Additionally, blends are mostly endocentric, while compounds maintain their phonological integrity and are mostly exocentric. Perception-wise, the results showed that blends are more contextual, as they tend to be better known and used in the environment in which they were created. The results also indicated that there is no difference in the accentual patterns of different blend types. Furthermore, the findings demonstrated that speakers tend to access accentual information in the creation of a blend, leading us to infer that the phenomenon has two primary accents based on prosodic composition (ULRICH; SCHWINDT, 2020).

KEYWORDS

Blending; Morphological Status; Perception; Acoustics; Stress pattern.

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1 – Representação de <i>blend</i> com compartilhamento de sílabas entre as bases.	34
Diagrama 2 – Representação da quebra na criação do <i>blend burrocracia</i>	72
Diagrama 3 – Representação da quebra na criação do <i>blend crentino</i>	72
Diagrama 4 – Representação do compartilhamento segmental entre as bases do <i>blend abacaxana</i> (<i>abacaxi</i> + <i>xana</i>).	74
Diagrama 5 – Representação do compartilhamento segmental entre as bases do <i>blend Debochara</i> (<i>deboche</i> + <i>Bechara</i>).	74
Diagrama 6 – Representação do compartilhamento silábico entre as bases do <i>blend Bandilma</i> (<i>bandida</i> + <i>Dilma</i>).	78
Diagrama 7 – Representação do compartilhamento silábico entre as bases do <i>blend Neymaravilha</i> (<i>Neymar</i> + <i>maravilha</i>).	78

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Transcrição fonética do <i>blend burrocracia</i>	37
Figura 2 – Descrição dos processos de formação de palavras do PB a partir de mais de uma base.	70
Figura 3 – Esquema de distribuição dos padrões de sílabas quanto à tonicidade	116
Figura 4 – Dendrograma do conglomerado das durações das sílabas PRET1, PRET2, PRET3, TONICA e POST do <i>blend advogata</i> do sujeito 1	117
Figura 5 – Dendrograma do conglomerado das durações relativas médias das sílabas PRET1, PRET2 e TÔNICA da palavra primitiva ‘picolé’.	122
Figura 6 – Dendrograma do conglomerado das durações relativas médias das sílabas PRET1, PRET2 e TÔNICA da palavra primitiva ‘português’.	122
Figura 7 – Dendrograma do conglomerado das durações das sílabas PT1, PT2, T e POST da palavra primitiva ‘namorado’	123
Figura 8 – Dendrograma do conglomerado das durações das sílabas PT1, PT2, T e POST da palavra primitiva ‘Bolsonaro’	123
Figura 9 – Dendrograma do conglomerado das durações das sílabas PRET1, PRET2 e TÔNICA do <i>blend sacolé</i>	124
Figura 10 – Dendrograma do conglomerado das durações das sílabas PRET1, PRET2 e TÔNICA do <i>blend portunhol</i>	126
Figura 11 – Dendrograma do conglomerado das durações das sílabas PRET1, PRET2, TÔNICA e POST do <i>blend namorado</i>	127
Figura 12 – Dendrograma do conglomerado das durações das sílabas PRET1, PRET2, TÔNICA e POST do <i>blend bolsogado</i>	128
Figura 13 – Dendrograma do conglomerado das durações das sílabas PRET1, PRET2, PRET3 e TÔNICA do <i>blend roubartilhar</i>	129
Figura 14 – Configuração dos processos de formação de palavras no PB, formados a partir de duas bases.	132

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Possibilidade de combinação entre as palavras <i>frango</i> e <i>dinossauro</i>	29
Imagem 2 – Possibilidade de escolha da posição de bases antroponímicas de <i>ships</i> do português brasileiro.....	45
Imagem 3 – Possibilidade de escolha da posição das bases antroponímicas de <i>ships</i> do inglês.....	45
Imagem 4 – Criação de um <i>blend</i> de modo intuitivo.....	47
Imagem 5 – Imagem do vídeo da música “bolsolixo” de MN MC	96
Imagem 6 – Postagem de internauta na rede social do <i>Facebook</i> , referindo-se a Lula.....	96
Imagem 7 – Uso do <i>blend alucicrazy</i> com o meme do personagem Nazaré.....	100
Imagem 8 – Comentários de internautas na rede social do <i>Instagram</i> , usando o formativo <i>maravi-</i>	101

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Configuração sintática da derivação dos padrões de <i>blends</i> , segundo Minussi e Nóbrega (2014).....	41
Quadro 2 – Síntese dos padrões dos <i>blends</i>	42
Quadro 3 – Exemplos mais comuns de palavras aglutinadas no português.....	56
Quadro 4 – Padrões morfológicos de formação dos <i>blends</i> com bases da mesma classe gramatical	64
Quadro 5 – <i>Blends</i> formados por uma base do PB + base estrangeira	69
Quadro 6 – Esquema representacional com ocorrência da haplologia com natureza de fusão e de apagamento no processo do <i>blend</i>	75
Quadro 7 - <i>Blends</i> haplologizados	77
Quadro 8 – Esquema representacional com ocorrência da haplologia com natureza de apagamento no processo do <i>blend</i>	79
Quadro 9 – Extensão silábica dos <i>blends</i> do PB	81
Quadro 10 – <i>Blends</i> utilizados para investigar a percepção do falante do PB quanto ao conhecimento e uso dessas palavras.....	85
Quadro 11 – Descrição da criação dos falsos <i>blends</i>	104
Quadro 12 - Pauta acentual do PB, segundo Camara Jr (2000[1970])	108
Quadro 13 – Palavras selecionadas para análise acústica	113
Quadro 14 – Sequência do sorteio das palavras (primitivas e <i>blends</i>).....	114

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Taxa de conhecimento e usos de <i>blends</i> por parte de falantes do PB.....	90
Tabela 2 – Escala do nível de conhecimento e uso de blends substantivos	91
Tabela 3 – Escala do nível de conhecimento e uso de <i>blends</i> formados por antropônimos acrescidos de qualificador	94
Tabela 4 – Escala do nível de conhecimento e uso de <i>blends</i> formados por base do PB + base estrangeira.....	98
Tabela 5 – Escala do nível de conhecimento e uso de <i>blends</i> formados por <i>ships</i>	102
Tabela 6 – Escala do nível de conhecimento e uso de <i>blends</i> formados por oniônimos.....	103
Tabela 7 – Escala do nível de conhecimento e uso dos falsos <i>blends</i>	104
Tabela 8 – Médias da duração relativa das sílabas entre todos os sujeitos.....	118
Tabela 9 – Duração relativa média das duas sílabas (S1 e S2) de palavras dissílabas primitivas e respectivos valores de <i>p</i>	119
Tabela 10 – Duração relativa média das duas sílabas (S1 e S2) de blends dissílabos e respectivos valores de <i>p</i>	120

LISTA DE SIGLAS

ABRALIN	Associação Brasileira de Linguística
BL	<i>Blend</i>
CT	Combinação truncada
F0	Frequência fundamental
FP	Fonologia Prosódica
FUVES	Fusões vocabulares
IL	Interposição lexical
MD	Morfologia Distribuída
MP	Morfologia Prosódica
PB	Português Brasileiro
SSL	Substituição sublexical
TO	Teoria da Otimidade

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
2 ROUBARTILHAR CONHECIMENTO NÃO É PLÁGIO! É PRODUSHOW!: UMA ANÁLISE ALUCICRAZY DO ESTADO DA ARTE DOS BLENDS	27
2.1 As definerísticas do <i>blend</i>	27
2.2 Padrões dos <i>blends</i>	34
2.3 Criação de <i>blends</i> associados a nomes próprios.....	43
2.4 Reconhecimento e acesso lexical dos <i>blends</i> (MINUSSI; VILLALVA, 2020).....	50
3 O LUGAR DO BLEND NO LÉXICO: BLENDESCRIÇÃO EM INTERFACE COM A FONOLOGIA, A SINTAXE E A SEMÂNTICA.....	53
3.1 Os limites entre o <i>blend</i> e o processo da composição	54
3.2 O <i>lexiritmo</i> dos <i>blends</i> : supressão e sobreposição em sua formação	72
4 QUEM É MAIS CONHECIDO? BOLSOLULA OU LULANARO?: CONHECIMENTO DE PALAVRAS FORMADAS POR BLENDS	83
4.1 Escolha dos <i>blends</i>	85
4.2 Perfil dos participantes e aplicação do formulário.....	87
4.3 Afinal, os falantes conhecem, ou não, os <i>blends</i> ?	89
5 PISTAS PARA O ALGORITMO ACENTUAL DOS BLENDS: ABORDAGEM ACÚSTICA	107
5.1 Pauta acentual dos <i>blends</i> : o que se sabe até aqui?	108
5.2 Delineamento percorrido para a busca do algoritmo acentual dos <i>blends</i>	113
5.3 Afinal, qual o padrão acentual dos <i>blends</i> ?	117
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
REFERÊNCIAS	136
APÊNDICES	145
APÊNDICE A – Quadro com <i>blends</i>	145
APÊNDICE B – Formulário desenvolvido para o teste de Percepção.....	166
APÊNDICE C – Média da duração relativa dos sujeitos 1, 2 e 3, respectivamente	168

1 INTRODUÇÃO

A obtenção de novas palavras na língua é um recurso linguístico que se mostra criativo quando gera palavras, a partir de outras já existentes, com sequenciamento concatenativo, ou seja, quando a palavra formada mantém todo o corpo fônico no nível fonético das bases originais (cf. ANDRADE; RONDININI, 2016; VILLALVA, 2020), como é o caso do processo da composição, a exemplo de *guarda-chuva* e *erva-doce*.

Os processos de criação de palavras mostram-se mais criativos, ainda, quando geram entradas lexicais não concatenativas (cf. GONÇALVES, 2019), ocasionando rupturas, truncamentos, à semelhança do hipocorístico, como *Fafá* para Fátima, encurtamento, como *maraca* para maracanã, etc (cf. GONÇALVES, 2004; VILLALVA, 2007). Entre os processos de criação de palavras não concatenativos, encontra-se o *blend*, um característico processo morfológico que mescla duas palavras, formando uma terceira, como pode ser observado no caso da palavra *portunhol*, que é constituída de outras duas, *português* + *espanhol*. A não concatenatividade deste fenômeno decorre, justamente, da supressão de material fônico. Por isso, considerado por alguns autores (BEVILACQUA; SILVA, 2021, p. 355), como um processo de caráter morfofonológico, pois “a imbricação provocada pela morfologia não concatenativa (morfologia + prosódia) mostra uma íntima relação existente entre os níveis da linguagem”.

A criatividade é uma característica que marca, fortemente, palavras formadas por *blends*, que criamos e utilizamos uma para compor o título desta tese. A palavra criada, *blendescrição*, é a mescla de *blend* + *descrição*, um híbrido de significação que remete às suas bases e que sinaliza a descrição de *blends*¹. Eis, pois, a proposta de nosso trabalho: discutir os mecanismos de ativação da palavra criada no léxico no Português Brasileiro a partir dos *blends*. Ainda, contando com o poder de criatividade dos *blends*, aproveitamos para mesclar, por vezes, palavras que compõem os títulos das seções e subseções desta tese, além de usar alguns *blends* de nossa coleta. Assim, mostraremos que esse processo de formação de palavras pode ser utilizado com muita facilidade.

Outra informação importante sobre este processo está na escolha do termo que pode ser apresentado sob diversas denominações na literatura. Silva (2019, p. 18), por exemplo, ao

¹ A seleção para a escolha do *blend* foi feita por meio de uma pesquisa informal em grupos do aplicativo WhatsApp. Misturamos as palavras de diferentes maneiras, a saber: “*blenddescri*, *describlend* e *blendescrição*”. Após isso, solicitamos a alguns amigos para escolher qual formação era mais adequada a partir de sua percepção. A última formação foi, unanimemente, a preferida por todos os votantes.

conceituá-lo, afirma que o processo não é discutido ou descrito de forma homogênea na língua, “a começar pelos diferentes nomes referentes a ele, tal como Contaminação (BASILIO, 2003), Fusão vocabular (BASILIO, 2005), Combinação (BECHARA, 2009); Palavra cabide (SANDMANN, 1991), Composição haplológica (SANDMANN, 1991), Amálgama (AZEREDO, 2000)”.

Bevilacqua e Silva (2021, p. 361, grifos dos autores) apresentam outras possíveis designações para o processo, como

amálgama, amálgama de palavra, amálgama lexical, *blend*, *blending*, *coinage*, combinação, contaminação, cruzamento, cruzamento de palavra, fusões vocabulares expressivas (FUVES), mescla lexical, mesclagem lexical, mistura, *mot-tiroir*, *mot-valise*, palavra-valise, palavra entrecruzada, palavra mesclada, palavra-síntese, *portmanteau*, entre outros.

De todo modo, o importante é esclarecer que todos esses termos são usados para descrever o mesmo processo e seu uso na língua.

Entre as diferentes denominações utilizadas, adotaremos, neste trabalho, o termo *blend*. A razão para a nossa escolha está no fato de i- remeter a uma mistura – tradução mais literal da palavra –, fato que ocorre quando duas palavras ‘embrulham’ corpo fônico e significados, formando uma terceira; ii- por ser um termo utilizado em muitos trabalhos linguísticos na área de Morfologia de forma global e iii- por acreditar que “a literatura da área precisa adotar um vocabulário universal para evitar a proliferação de vários termos técnicos usados em referência a uma mesma entidade” (GONÇALVES, 2013, p. 139).

Esta operação morfológica tem sido vista em diferentes contextos sociais, desde situações comunicativas diversas a redes sociais e jornais. Isto evidencia que a língua tem uma maneira de descrever a realidade em que está envolvida, além de reverberar numa necessidade social de abarcar tudo o que for pertinente a si (SAPIR, 1969).

O *blend* apresenta uma peculiaridade quando comparado ao processo da composição, pois tende a ser (re)conhecido no meio em que foi criado. Este é um dos motivos que o fazem ser considerado, também, efêmero: pode desaparecer da mesma maneira como surgiu (cf. MARAGONI JR., 2021). Poucos *blends* se consolidam na língua e têm um conhecimento unânime, como *namorido* (*namorado* + *marido*), *chafé* (*chá* + *café*), por exemplo (MARANGONI JR., 2021).

Verificamos que os *blends* constituem formações que unem duas palavras, como os compostos formados por justaposição e por aglutinação. Acerca desses compostos estabelecidos pela gramática, Villalva (2003) constata que a justaposição passa, apenas, por

uma lexicalização semântica, o que significa que as palavras matrizes mantêm sua estrutura morfológica original, mas a combinação adquire um significado específico, como em *arco-íris*. Por outro lado, na aglutinação, a lexicalização não é apenas semântica, mas também formal, isto é, a estrutura morfológica original das palavras matrizes é perdida e a palavra composta forma uma nova estrutura morfológica. Em *aguardente*, por exemplo, a palavra passa por um processo de crase.

Por essa razão, Villalva (2020) não reconhece o conceito de aglutinação na composição atuante do português, porque, além de se comportarem como palavras simples, devido à mudança formal e apresentando apenas o acento primário, não são produtivos na língua. Dessa forma, assumiremos, nesta tese, o mesmo ponto de vista de Villalva (2020) de que não há aglutinação, a rigor, como processo produtivo ou ativo no português. Com isso, faremos discussões e análises dos compostos formados por justaposição para traçar as convergências e divergências com o processo do *blend*.

Dito isso, então, o fenômeno possui características semânticas e fonológicas que o distanciam da justaposição. Se por um lado, o significado do *blend* criado remete, majoritariamente, às suas bases de origem, por outro lado, há, majoritariamente, um distanciamento do significado do composto formado com relação às bases das quais foram oriundos. Propomos, então que, no âmbito semântico, eles estão num *continuum*. Além disso, quanto ao material fônico e a pauta acentual nas formações, verificamos igualmente diferenças entre a composição e os *blends*. Com relação à justaposição, não há a alteração na sua estrutura fonológica e mantem a pauta acentual das bases formadoras (ANDRADE; RONDININI, 2016; VILLALVA, 2020), como no exemplo *passatempo* (*passa* + *tempo*). Os *blends*, em contrapartida, apresentam alteração em sua estrutura fonológica – às vezes, até ortográfica –, além de apresentarem uma reorganização em sua pauta acentual, observado em *maraviLINda* (*maravilhosa* + *linda*).

Desta maneira, propomos abordar, nesta tese, o *status* morfológico do fenômeno na língua, a partir da reflexão do seu processo de lexicalização, da análise da percepção do seu conhecimento e uso por parte do falante nativo e da análise do padrão acentual, com vistas a trazer mais contribuições sobre esta operação morfológica tão peculiar, complexa e bastante presente no dia a dia dos falantes do PB. A partir disso, então, três questionamentos nortearam este trabalho:

- 1- Qual é o *status* morfológico do *blend* no léxico?
- 2- Qual o nível de conhecimento e uso dos *blends* por parte dos falantes nativos?
- 3- O padrão acentual dos *blends* está relacionado aos seus tipos de formação?

Em resposta preliminar à primeira pergunta, levantamos a hipótese de que o *blend* seria um processo de formação de palavras independente do processo de composição que une duas palavras para gerar uma terceira e o nosso objetivo, com isso, é propor que o *blend* assume um *status* morfológico no léxico independente da composição. Como resposta preliminar para a segunda pergunta, consideramos a hipótese de que o nível de conhecimento do *blend* está associado à capacidade de decomposição semântica das bases que os compõem por parte dos falantes nativos e o nível do uso está relacionado ao contexto social em que o *blend* foi criado. Nosso objetivo, então, é investigar qual o nível de conhecimento que o falante tem acerca de *blends*. Para resposta preliminar à terceira pergunta, a nossa hipótese é a de que os *blends* apresentariam pautas acentuais distintas, considerando o seu tipo de padrão: interposição lexical em que as bases apresentam semelhança fônica entre si (*abralindos* << *Abralin* + *lindos*) e substituição sublexical em que uma parte do *input* é elevada à condição de palavra e, em seguida, substituída sublexicalmente apresentariam um acento primário, (*roubartilhar* << *roubar* + *compartilhar*); a combinação truncada, isto é, as bases não compartilham material fônico entre si (*chocotone* << *chocolate* + *panetone*) apresentaria dois acentos primários.

Diante disso, fizemos uma descrição do estado da arte do fenômeno, observando qual o *status* morfológico que ele apresenta na literatura de modo geral. A partir de trabalhos desenvolvidos sobre os *blends*, podemos fazer um levantamento de como eles são compreendidos, até o momento, desde questões segmentais e suprasegmentais (sílabas, acento) com rupturas em sua formação à inserção de novos tipos, com bases antroponímicas, por exemplo. Em vista disso, fizemos um levantamento de 750 *blends* para, a partir deste acervo, discutir sobre o *status* morfológico do fenômeno por meio de estudos feitos até o presente momento de elaboração desta tese. Levamos em consideração os aspectos que estão envolvidos em sua formação, a saber: fonológico, morfológico, sintático e semântico.

Elaboramos, também, um formulário via *Google forms* para atestar o nível de conhecimento que o falante nativo tem sobre palavras formadas por *blends*. Como se trata de um processo que engloba aspectos semânticos e fonológicos, procedemos uma investigação que tentasse depreender melhor os *blends* a partir desses aspectos.

Para a abordagem rítmica, lançamos mão da Fonética Acústica com vistas a entender qual o algoritmo acentual do fenômeno². Em vista disso, analisamos os *blends* a partir do

² Propomos uma análise acústica dos *blends* como forma de observá-los sob um plano de análise distinto ao que já fora proposto na literatura até o momento. Nossa intenção não é categorizar que essa forma de

parâmetro acústico mais importante envolvido na análise do acento (MORAES, 1987; MASSINI, 1991; MASSINI-CAGLIARI, 1992), a saber: a duração. Os dados foram mensurados via *PRAAT* (BOERSMA; WEENINK, 2002) e as medidas que foram extraídas do *software*, foram submetidas a testes estatísticos por meio do *software Bioestat* (AYRES; *et al.*, 2007).

É importante esclarecer, ainda, que o *blend* é um processo que pode envolver diversos planos de análise, isto é, mais de um tipo de representação. Dessa forma, pode estar em jogo, na análise do fenômeno, a representação fonológica, a representação fonética e, muitas vezes, a representação ortográfica da palavra formada. Às vezes, aparenta que o usuário da língua toma, como ponto de partida, a ortografia para criar um *blend*, conforme ilustrado em (1)

(1)

a) *Brittana* >> *Brittany* + *Santana*³

b) *Chuvill* >> *chuva* + *Joinville*⁴

c) *Crossfá* >> *cross* + *sofá*⁵

Os exemplos mantêm a parte da palavra, tal como está estruturada na base de origem, para não perder o significado nos *blends* criados. É possível observar, em todos os exemplos, que a repetição das letras é mantida para garantir o significado da origem da parte de uma das palavras. Em outras situações, o usuário pode levar em consideração as representações, tanto ortográficas, quanto fonéticas, como em *amirricos* (*amigos* + *ricos*)⁶, quando insere a letra ‘r’ na formação da palavra, respaldando-se nas regras ortográficas do português e garantindo que a produção desse rótico seja realizada de maneira distinta – como fricativa velar –, uma vez que se encontra entre duas vogais e, por isso, ter que ser grafada com dois ‘erres’. Estes exemplos, então, parecem-nos ser denúncias de que haja um nivelamento na criação de um *blend*, pois o usuário, ora pensa mais na representação escrita, ora nas representações fonética e/ou fonológica. Portanto, por ser um fenômeno que aciona diferentes níveis de análise, neste trabalho não teremos um compromisso com uma ou outra representação todo o tempo. Nossas

análise é a mais adequada. Apenas, trazer mais contribuições na perspectiva da Fonética Acústica sobre o fenômeno.

³ Dado extraído do trabalho de Silva (2019).

⁴ Dado extraído do trabalho de Maragoni Jr. (2021).

⁵ Dado extraído do trabalho de Maragoni Jr. (2021).

⁶ Dado extraído do trabalho de Maragoni Jr. (2021).

discussões apresentarão transcrições fonéticas, fonológicas ou ortográficas a depender do contexto em que precisarem ser analisadas.

Mediante as perguntas, hipóteses e objetivos propostos, nesta tese, apresentaremos, além desta introdução, uma descrição dos *blends*, fazendo uma revisão do seu estado da arte na seção 2. Na seção 3 apresentaremos considerações sobre o seu *status* no léxico, além de análises durante o processo de sua formação. Na seção 4 apresentaremos os caminhos adotados para o conhecimento de palavras formadas por *blends*, bem como os resultados alcançados. Na seção 5 são apresentados os resultados das pistas para o algoritmo acentual dos *blends*. Por fim, são trazidas as considerações finais este trabalho alcançou.

2 ROUBARTILHAR CONHECIMENTO NÃO É PLÁGIO! É *PRODUSHOW!*: UMA ANÁLISE *ALUCICRAZY* DO ESTADO DA ARTE DOS *BLENDS*

As línguas naturais têm, como característica, a possibilidade de criação de novas palavras que, a todo momento, são reinventadas a partir de um contexto. Entre as diferentes possibilidades de criação, há o *blend*: um processo morfológico de formação de palavras que se caracteriza pela junção de uma base à outra, como em *namorido* (*namorado* + *marido*).

A pesquisa sobre *blends* tem uma longa história, com diversos linguistas e estudiosos contribuindo para a compreensão desse conhecimento. Esta seção oferece uma visão geral da evolução das teorias e da pesquisa relacionada a este fenômeno.

Salientamos que esta tese focaliza em *blends* presentes na língua portuguesa, especificamente no contexto do português brasileiro. Aqui, examinamos exemplos relevantes de *blends* nessa língua e discutimos como essas construções linguísticas são usadas, bem como qualquer particularidade que possa surgir em comparação com outras línguas naturais.

Portanto, nesta seção, apresentaremos alguns conceitos e características do *blend*, mostrando os aspectos (fonológico, morfológico, sintático e semântico) envolvidos no processo, além de trazer algumas discussões sobre sua formação, se é concatenativo ou não. Por apresentar formações diferentes (ora compartilhando material fônico, ora não), também, pretendemos discutir um pouco sobre as tipologias adotadas por alguns linguistas.

2.1 As *definiterísticas*⁷ do *blend*

O *blend* é um fenômeno, tipicamente, morfológico que, como já apresentamos, anteriormente, envolve duas palavras. Por muito tempo, foi um processo marginalizado pela Morfologia tradicional por não apresentar um encadeamento em sua formação – palavras formadas por *blends* têm supressão de material fônico.

No entanto, nos últimos anos, dada à sua produtividade e expressividade em diferentes contextos (jornalístico, contextos informais, redes sociais, campo político), o fenômeno tem recebido mais atenção dos estudiosos. No português brasileiro, a partir de agora PB, Sandmann (1991, 1993, 1997), Basílio (2003, 2005, 2010), Gonçalves (2003, 2004, 2006ab, 2016), Andrade e Rondinini (2016), Silva (2019) e Marangoni Jr. (2021) são alguns pesquisadores que têm se debruçado sobre o processo, investigando as motivações que decorrem dele.

⁷ O *blend* criado, por nós, refere-se às bases *definição* e *características*.

Apesar de ganhar mais notoriedade, hodiernamente, o fenômeno existe há bastante tempo e tornou-se mais comum a partir do século XX e, desde então, ficou considerado como um tipo diferente de formação de palavras (ADAMS, 1973). Desse modo, o *blend* se desenvolveu, ao longo do tempo, desde meros trocadilhos a palavras reais que enriqueceram o vocabulário diário dos falantes (LAHLOU; HO-ABDULLAH, 2021), isto é, à criação de palavras quase lexicalizadas, como o exemplo *marinoivo* (*marido* + *noivo*).

Contudo, foi na literatura, de modo divertido, que começou a ganhar destaque. Em *Through the looking glass and what Alice found there*, Lewis Carroll, na tentativa de descrever algumas palavras que ele mesmo criou, por meio do personagem Humpty Dumpty, denomina o fenômeno como *portmanteau*:

Well, 'slithy' means lithe and slimy. 'Lithe' is the same as 'active.' You see it's like a portmanteau -- there are two meanings packed up into one word." [...] "Exactly so. Well then, 'mimsy' is flimsy 'and miserable' (there's another portmanteau for you). And a 'borogove' is a thin shabby-looking bird with its feathers sticking out all round -- something like a live mop (CARROLL, 1871, p. 82-83).⁸

Por meio do personagem, Carroll (1871) cunha o termo *portmanteau* para definir como o embrulho de dois significados em apenas uma palavra: *lithe* (*ágil*) e *slimy* (*viscoso*) resultam em *slithy*, *blend* que apresenta o significado das duas bases envolvidas, como pôde ser observado na fala do personagem. A imagem 1, também, serve de respaldo para tal argumento:

⁸ O texto foi mantido na língua original, porque o autor descreve as palavras que cunha como *portmanteaux* (*blends*). Pensando nisso, julgamos que seria mais interessante manter no inglês, de modo que a tradução seja feita com base na compreensão de cada leitor.

Imagem 1 – Possibilidade de combinação entre as palavras *frango* e *dinossauro*



Fonte: storie do *Instagram* de @essediafoifoda.

A rede social *Instagram* dispõe de uma ferramenta que permite ao usuário a escolha de uma opção, entre duas opções. Na combinação entre *frango* e *dinossauro*, por um lado, e *dinossauro* e *frango*, por outro, o internauta mescla o início de uma base com o final da outra. Porém, sua intenção, a partir do objeto da imagem, é designar uma palavra que corresponda às duas bases, isto é, ter dois significados para um elemento.

Nota-se, portanto, que Carroll e o dono da conta do *Instagram* queriam, ainda que não cientificamente, estabelecer um efeito semântico-pragmático que duas palavras poderiam ocasionar uma única palavra. Desse modo, o *blend* é um fenômeno morfológico linguístico que procura obter novas palavras a partir de outras já existentes na língua e isso é o que torna as línguas naturais mais dinâmicas, quando criam, derivam e categorizam novas palavras a partir de outras.

Lapa (1968) define a operação morfológica como a combinação ou fusão de duas palavras para formar uma só. Segundo o autor, isso pode ocorrer por razões fonéticas, morfológicas ou estilísticas. O estudioso aborda o *blend* (por ele, denominado amálgama) sob uma perspectiva estilística, explorando como a combinação de palavras pode servir a propósitos expressivos ou poéticos. O processo, segundo ele, pode ser usado para criar um efeito rítmico, para condensar significados, ou para criar uma sonoridade ou imagem particular.

Ainda na esteira da Estilística, Martins (2000) afirma que o processo surge da combinação de duas palavras que pode resultar na formação de uma nova palavra, carregando características de ambas as originais. A autora reforça que o *blend* revela a criatividade, o espírito e a força expressiva na linguagem, surgindo da síntese de significados e da combinação inesperada de elementos. Essas construções linguísticas, segundo a autora, são especialmente adequadas para transmitir humor e brincadeira, mas, em algumas situações, podem adquirir um tom lírico, com um toque de refinamento estético.

Kemmer (2003) descreve o processo, por meio da Linguística Cognitiva, como duas palavras que são conectadas a outras que já existem na língua e as denomina como lexemas fonte em que ocorre uma coativação quando o *blend* é usado. Assim, explica a estudiosa:

A semântica de um blend é uma estrutura cognitiva coerente que incorpora e integra seletivamente aspectos da semântica das palavras ativadas. Vou chamar as palavras coativadas de lexemas fonte, uma vez que elas são diacronicamente anteriores e sincronicamente mais primárias (pelo menos quando o blend é formado pela primeira vez), sendo mais cognitivamente enraizados (isto é rotinizados) do que o blend resultante (KEMMER, 2003, p. 71, tradução nossa)⁹.

Por exemplo, ao pensarmos em *blends* do PB, os lexemas fonte coativados para a formação de *democradura* são *democracia* e *ditadura*. Kemmer (2003) sugere que os esquemas, da Gramática Cognitiva, são importantes na análise do processo, pois apresentam uma relevância do fator recorrência no conhecimento lexical e porque incluem o aspecto semântico. Por causa disso, a autora, inclusive, explana que a teoria baseada em esquemas seja superior a outras, como a Teoria da Otimidade, doravante TO, que leva em consideração aspectos fonológicos.

Entretanto, os estudos baseados em esquemas, como propõe Kemmer (2003), apesar de dar conta de explicar o fenômeno por meio de aspectos semânticos, não apresentam descrições mais robustas sobre o que ocorre com as supressões fônicas, tão comuns ao fenômeno. Por isso, diversos estudos, como o de Piñeros (2000) e Gonçalves (2003, 2004, 2006b), que se valem da TO para explicar o fenômeno, têm mostrado como a teoria se mostra relevante para descrever questões fonológicas e prosódicas dos *blends*. Defendemos, então, que teorias que levam em

⁹ *The semantics of a lexical blend is a coherent cognitive structure that selectively incorporates and integrates aspects of the semantics of the activated words. I will call the co-activated words source lexemes, since They are diachronically prior and also synchronically more primary as well (at least When the blend is first formed), being more cognitively entrenched (i.e. routinized) than the resulting blend.*

consideração questões semânticas não são superiores às que levam em consideração questões fonológicas. Ambas as perspectivas descrevem o processo levando em consideração dois aspectos de suma importância para a sua formação e, com isso, somam-se para compreender o fenômeno em sua totalidade. Salientamos que, nesta tese, daremos foco aos aspectos fonético-fonológicos dos *blends*. Além disso, ao longo desta seção, observaremos o quanto as teorias fonológicas ajudaram a compreender melhor o *blend*.

Basílio (2010, p. 202) esclarece que o *blend* “é uma construção estruturada de modo a incorporar fonologicamente os dois itens lexicais envolvidos, representando iconicamente a inclusão da função semântica do qualificador no significado da palavra base”. Com isso, a percepção da incorporação é catalisada e ambas as palavras-fonte são traduzidas, integralmente, na mente do falante. A partir disso, “a incorporação bem sucedida ocorre com a mínima interferência fonológica capaz de, ao mesmo tempo, manter integralmente a palavra base e evocar o qualificador” (BASÍLIO, 2010, p. 203).

Com relação à forma dos *blends*, Dubois *et al* (1973, p. 451) afirmam que o fenômeno “resulta da redução de uma sequência de palavras numa só palavra que só conserva a parte inicial da primeira palavra e a parte final da última”. Este é o mesmo argumento usado por Arndt-Lappe e Plag (2013) e Plag (2018). Proposição concernente a dos autores já havia sido apresentada também por Bat-El (1996) ao afirmar que, na formação do *blend*, ocorre uma fusão entre duas palavras, ocasionando uma nova, onde as porções internas das bases, geralmente, são subtraídas. Em trabalho anterior aos mencionados, Alves (1990), ainda, salienta que o fenômeno só existe devido ao fato de que uma das bases, ou ambas, sofrem redução.

Atestamos melhor estes argumentos, apresentando *marinoivo* (*marido* + *noivo*) e *chafé* (*chá* + *café*), *blends* do PB, em que o primeiro tem quebra na base da esquerda com a supressão da sílaba /du/, enquanto no segundo exemplo a quebra é feita na base da direita com a supressão da sílaba /ka/. Fica evidente que ocorre subtração de material fônico na parte interna do *blend* e esta subtração pode ocorrer na base 1 ou na base 2 ou, ainda, em ambas as bases, como em *chocotone* (*chocolate* + *panetone*).

Silva (2019) discute que essa formação estrutural de ‘início + fim’, defendida pelos autores antes mencionados, parece ser mais frequente em *blends* do PB formados por nomes comuns. Apesar disso, segundo os dados da autora, é possível encontrar formações que não seguem, apenas, esta estrutura em *blends* formados por antropônimos, como em *BelGra* que mescla o início do antropônimo *Belo* ao início do antropônimo *Gracyanne*, resultando numa formação estrutural de ‘início + início’. O mesmo acontece em *Peromar* (*Pérola* + *Marcio*) e *Jolari* (*João* + *Larissa*). Discutiremos em mais detalhes sobre essas diferentes estruturas,

futuramente, ainda nesta seção, a partir dos resultados analisados por Silva (2019). Por ora, podemos inferir que o argumento de Dubois *et al* (1973), Arndt-Lappe e Plag (2013) e Plag (2018), sobre *blends* serem formados pela parte inicial da primeira palavra e final da segunda palavra e o argumento de Bat-el (1996) de que as porções internas das bases são subtraídas, parece não ser categórico em todos os *blends* do PB. Além dos *blends* coletados por Silva (2019), podemos, ainda, destacar outros exemplos bastante comuns no meio futebolístico: *FlaFlu* (*Flamengo* + *Fluminense*) e *BaVi* (*Bahia* + *Vitória*), *blends* formados a partir de partidas consideradas clássicas entre esses clubes de futebol.

Por essa razão, Piñeros (2002) discute que, diferentemente do que ocorre com os compostos, não há uma ordem sequencial para a formação do processo, pois apresenta uma ruptura e deixa de ter uma concatenatividade, situação que ocorre nos processos de composição (esta discussão será feita com detalhe mais adiante). Para o autor, o que acontece é que os *blends* implementam uma parte de uma palavra simultaneamente com uma parte da outra.

Araújo (2000) defende que o fenômeno é o resultado da sobreposição ou concatenação de duas palavras com eventual perda de material segmental, isto é, “elementos fonológicos e silábicos” (ARAÚJO, 2000, p. 6). Afirma, ainda, que ocorre um processo de amálgama com duas formas que já existem na língua e resulta no embrulho de dois significados em apenas uma palavra e, por este motivo, segundo ele, o *blend*¹⁰ se configura como um processo de composição.

Gonçalves (2019, p. 152), distinguindo-se de Araújo (2000), afirma que o fenômeno é “um processo não concatenativo de formação de palavras consistente na fusão de duas bases”, como *marivilinda* (*maravilhosa* + *linda*). O linguista adota a noção de não concatenativo para tratar do fenômeno, pois defende que não há um encadeamento na junção entre as bases, ou seja, ocorre um rompimento em sua formação. Em *marivilinda*, por exemplo, há uma ruptura na junção das bases, ocasionando supressão de segmentos.

No que tange à supressão de segmentos, Lopes (2003) salienta que o fenômeno é parecido com o processo da aglutinação¹¹, no entanto, as supressões fonéticas são maiores e ocorrem no radical. Em resumo, o autor defende que a formação dos *blends* é ocasionada pela união de fragmentos das bases envolvidas, como em *portunhol*, mescla de português + espanhol, em que a base 1 mantém os fragmentos iniciais e a base 2 mantém os fragmentos

¹⁰ Salientamos que Araújo (2000) adota o termo *portmanteau* como denominação do processo.

¹¹ Uma discussão mais aprofundada acerca do processo da aglutinação e dos *blends* será feita na seção seguinte.

finais. Portanto, o fenômeno tende a suprimir segmentos, efetivamente, o que o torna de fato, um processo não concatenativo.

Este fato pode ser constatado em *blends* monossilábicos, como *pãe* (*pai* + *mãe*) e *nim* (*não* + *sim*) que, embora sejam palavras constituídas por única sílaba, têm material fônico suprimido. A quebra, em *blends* monossílabos, pode ser identificada como rima (GONÇALVES, 2003, 2006a), ou seja, na junção de *pai* e *mãe*, que resulta em *pãe*, ocorre a separação do “onset da rima, aproveitando o ataque de P1 e a rima de P2”¹² (GONÇALVES, 2006a, p. 234-235), resultando no *blend* *pãe*.

Dessa forma, nota-se que os *blends* tendem a suprimir material fônico, como os dos exemplos, anteriormente, citados e essa supressão pode chegar ao nível da(s) sílaba(s), como nos exemplos de *chafé* (*chá* + *café*) e *chocotone* (*chocolate* + *panetone*), em que o primeiro suprime a sílaba da primeira base e o segundo suprime duas sílabas de ambas as bases.

Na discussão feita até aqui, é importante salientar que, como todo fenômeno linguístico, o *blend* é recorrente em muitas línguas naturais e tem sido objeto de análise de diversos teóricos. Bauer (1983, 2001, 2012), Cannon (1986), Kemmer (2003) e Lahlou e Ho-Abdullah (2021) são alguns teóricos, dos diversos, que investigaram no inglês, Piñeros (2000, 2002) no espanhol, Bat-El (1996) analisou os *blends* do hebraico.

Pelas discussões trazidas, até este momento, sobre a natureza dos *blends*, fica evidente que os principais aspectos envolvidos no processo são os semânticos e os fonológicos. Esse fenômeno envolve duas palavras que já são existentes na língua e que já trazem consigo um significado específico. Ao juntar as duas bases, o falante tenta ligar esses dois significados de modo que se estabeleça um único sentido. Para que esse significado ganhe um sentido mais direto, é necessário que a(s) base(s) seja(m) fragmentada(s) e esta fragmentação pode estar ligada às questões de ritmo inerente a uma determinada língua.

A literatura, de modo geral, já traz muitos registros acerca do aspecto fonológico e, nesta tese, apresentaremos mais possibilidades de análise, abordando questões perceptuais e acústicas em torno do processo. Na próxima subseção discutiremos acerca de mais peculiaridades do processo a partir dos aspectos fonológicos.

¹² P1 refere-se à palavra 1 (base da esquerda) e P2 refere-se à palavra 2 (base da direita).

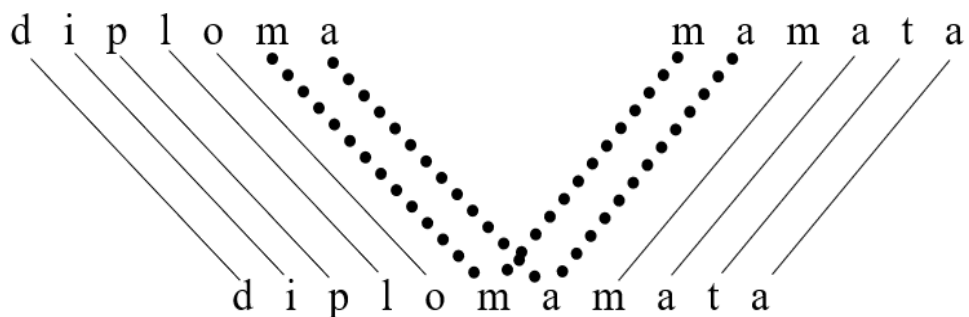
2.2 Padrões dos *blends*

Antes de iniciarmos a discussão acerca dos padrões dos *blends*, estabelecidos por alguns estudiosos, queremos trazer um conceito apresentado por Piñeros (2000) e Gonçalves (2006b). Esses autores se valem do termo ambimorfemia para definir *blends* ótimos que “tendem a minimizar o número de perdas segmentais” (GONÇALVES, 2006b, p. 170). O termo ótimo é usado porque os linguistas utilizam, como arcabouço teórico, a TO, que seleciona candidatos possíveis a um *output*.

A partir da teoria, os autores analisam o papel de uma restrição morfológica, denominada MORPHDIS, que proíbe segmentos ambimorfêmicos, isto é, não permite que haja uma relação de um-para-muitos entre as formas de superfície e formas subjacentes. Tal restrição é analisada para separar os *blends* que compartilham material fônico dos que não separam. *Borboletras* (*borbole*~~ta~~ + *le*tras) e *acarajéssica* (*acarajé* + *Jéssica*), por exemplo, *blends* haplogologizados¹³, sofrem o processo de ambimorfemia. No entanto, este processo abarca, também, *blends* que não têm ocorrência da haploglogia, mas compartilhamento de material fônico, como *namorido*, *matel*. Sendo assim, o processo da ambimorfemia pode compartilhar não só sílabas, como também unidades fonológicas, sequências que são comuns a mais de um morfema que decorre numa interposição das bases.

Sendo a motivação fonológica, um dos fatores importantes para análise do fenômeno, muitos teóricos observaram que a quebra na junção das bases pode ocasionar sobreposições, fusões entre as bases, ou seja, quando compartilham material fônico. *Diplomamata* (*diploma* + *mamata*) (cf. diagrama 1) é um desses exemplos.

Diagrama 1 – Representação de *blend* com compartilhamento de sílabas entre as bases.



Fonte: adaptado de Piñeros (2000).

¹³ Na seção seguinte, traremos melhores discussões sobre a relação do fenômeno fonológico e os *blends*

Por meio do diagrama 1, fica explícito que *blends* podem compartilhar material fônico – as linhas pontilhadas denotam o compartilhamento de material fônico entre as bases. Esse exemplo dá indícios de que alguns *blends* do PB podem suprimir material fônico, outros podem apenas compartilhar elementos fonológicos – a sílaba /ma/, presente na última sílaba da primeira base e na primeira sílaba da segunda base são compartilhadas. Discutiremos melhor sobre esses casos na próxima seção. Ainda, há possibilidade de certos *blends* serem formados sem compartilhamento de material fônico, como *portunhol* (*português* + *espanhol*), *futelama* (*futebol* + *lama*). Foi pensando nisso, que alguns estudiosos padronizaram o fenômeno de acordo com o modo como são formados.

Uma das propostas é a de Sandmann (1996) que divide os *blends*¹⁴ em homófonos e não-homófonos. O autor considera homófonos, os *blends* que fazem compartilhamento de material fônico, onde bases se interpõem com segmentos presentes em ambas as bases que podem ser longas ou não, como *borboletas* (*borboleta* + *letras*), *forroça* (*forró* + *roça*). Por outro lado, os não-homófonos não compartilham material fonético entre si, seriam os casos de *democradura* (*democracia* + *ditadura*), *fisiobixo* (*fisioterapia* + *bixo*).

Na proposta de Algeo (1977), análises como essas resultam em alguns fatos sobre o fenômeno, dentre eles, a) que alguns *blends* omitem parte de uma ou de ambas as bases de que são oriundos e b) que alguns deles são semelhantes a formas haplologizadas, quando sobrepõem sons – seja segmentos, seja componentes – das bases de origem. Por esse motivo, o autor distingue os *blends* em dois blocos, denominados por ele, como *telescopes* e *portmateaux*. O autor argumenta que

apesar das inevitáveis incertezas na prática, a distinção entre *telescopes* e *portmateaux* é clara na teoria. É surpreendente que não tenha sido geralmente reconhecido, porque as formas, embora semelhantes em estrutura, são notavelmente diferentes em seu sistema de formação e nos processos psicológicos que devem ser assumidos para sua formação (ALGEO, 1977, p. 62, tradução nossa)¹⁵.

Neste sentido, segundo Algeo (1977), os *portmateaux* configuram-se como *blends* associativos, por proporcionarem dois ou mais étimos que foram ligados na mente do criador

¹⁴ O autor denomina o processo como cruzamento vocabular.

¹⁵ *Despite inevitable uncertainties in practice, the distinction between telescopes and portmateaux is clear in theory. It is surprising that it has not been generally recognized, because the forms, although alike in structure, are strikingly different in their system of formation and in the psychological processes that must be assumed for their making.*

da palavra e, desse modo, em sua língua. Para o autor, “a maioria das combinações associativas envolve uma ligação semântica, embora outros tipos de associação também possam ser feitos” (ALGEO, 1977, p. 57)¹⁶. São exemplos deste padrão *needcessity* (*need* + *necessity*) e *shill* (*shiver* + *chill*). Uma curiosidade entre os exemplos trazidos pelo linguista é que apresentam uma relação de sinonímia entre as bases.

Por outro lado, os telescopes formam *blends* sintagmáticos, pois a combinação entre as bases ocorre na cadeia de fala sequencialmente e podem proporcionar a ocorrência da haplologia, quando as sílabas contíguas, entre as bases, são idênticas ou semelhantes como em *chicagorilla* (*Chicago* + *gorilla*) e *radarange* (*radar* + *range*). Como podem não ter a ocorrência do fenômeno fonológico, como em *Amerind* (*American* + *Indian*). Observa-se que Algeo (1977) considera como *blends* haplogizados por telescope todos os casos em que houver compartilhamento de material fônico: tanto no nível segmental, quanto no nível silábico.

No entanto, compreendemos a haplologia como um fenômeno, tipicamente, fonológico que tende a fundir ou suprimir sílabas, quando contíguas e idênticas ou semelhantes e não apenas segmentos – informações mais detalhadas serão trazidas na próxima seção. Para atestar melhor o nosso argumento, apresentamos a definição de Câmara Jr. (1986, p.134) que considera o processo fonológico como um “processo morfofonêmico ocorrente entre **duas sílabas** iguais contíguas. Consiste na supressão de uma delas. *Semínima*, em vez de *semimínima*” (grifos nossos). Houaiss (2009), também, descreve a haplologia como uma alteração linguística que ocorre no interior do vocábulo, consistindo na **supressão de uma de duas sílabas** iguais ou semelhantes, contíguas.

Retomando a discussão acerca dos padrões dos *blends*, Gonçalves (2003) assume uma classificação bipartida para os *blends* do PB, a partir do ponto de quebra em que elas se juntam, uma que vez tendem a ser formados por duas palavras (P1) e (P2). O linguista explica que, no português do Brasil, os *blends* podem ser formados por dois padrões: i- um em que a base 1 e a base 2 apresentam material fônico semelhante e ii- outro para os casos em a base 1 e base 2 são completamente distintos do ponto-de-vista segmental e é esta (des)semelhança fônica que irá determinar o ponto de quebra. Gonçalves (2003), ainda, esclarece que

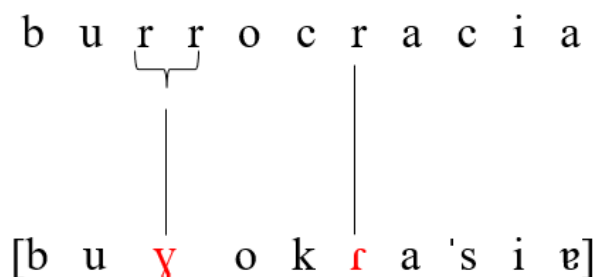
¹⁶ *Most associative blends involve a semantic link, although other kinds of association may also be made.*

A semelhança fônica deve ser interpretada não como mera presença de um segmento comum, mas como uma semelhança em termos de posição na estrutura da sílaba. Assim, embora ‘show’ e ‘comício’ apresentem uma vogal média posterior em comum (/o/), essa identidade não é estrutural, uma vez que as rimas são diferentes: na primeira palavra, a rima é ramificada (/ow/), enquanto na segunda a rima é constituída unicamente da vogal média (/o/). Dessa forma, ‘show’ e ‘comício’ são interpretadas como dessemelhantes, sendo o *blend* formado a partir do padrão 2 (‘showmício’) (GONÇALVES, 2003, p. 165).

Nesta perspectiva, Gonçalves (2003) estabelece uma análise mais contundente, descrevendo que o compartilhamento de material não pode ser feito à revelia. É preciso levar em consideração a estrutura silábica para assumir a semelhança entre os segmentos, de modo que, articulatoriamente, se um segmento, presente em ambas as bases, estiver em posição diferente na sílaba, pode ser produzido diferentemente.

Ao retomarmos o exemplo do inglês, *radarange* (*radar* + *range*), trazido por Algeo (1977), o compartilhamento pode ser considerado semelhante, mesmo que o rótico esteja em posição diferente na sílaba, uma vez que, em inglês, a produção do rótico é realizada sempre como retroflexa. No PB, tal análise não daria certo, porque a produção do rótico é feita diferente a depender da posição que ele ocupa na sílaba. É o que ocorre com *burrocracia* (*burro* + *democracia*), na figura 1

Figura 1 - Transcrição fonética do *blend burrocracia*.



Fonte: elaboração própria.

Em termos fonéticos, o rótico, presente em ambas as bases, tem realizações diferentes: enquanto o primeiro, presente na base 1, está em posição de *onset*, assume a descrição de fricativa velar sonora¹⁷, o segundo, presente na base 2, está em segunda posição do *onset*, ou seja, *onset* complexo, assumindo, assim, a realização de tepe alveolar. Portanto, a análise

¹⁷ Estamos levando em consideração o dialeto de Vitória da Conquista – Ba.

apresentada só reitera o fato de que, como qualquer processo morfológico, *blends* estão suscetíveis a adaptação às regras de fonotaxe da língua onde são criados.

Fica claro, então, que Gonçalves (2003) adota dois padrões para *blends* do PB: um em que apresenta semelhança fônica entre segmentos das bases 1 e 2 e outro que é distinto em termos de semelhança fônica no ponto de quebra. O primeiro padrão é denominado como interposição lexical, que também pode ser chamado de entranhamento ou impregnação lexical, sendo este padrão o responsável por grande parte de formação dos *blends* (cf. ANDRADE, 2008; GONÇALVES, 2016). O segundo padrão é denominado como combinação truncada por não ter coincidência de segmentos entre as bases.

O linguista, no entanto, alerta para alguns casos que não se adequam a nenhum dos padrões, cf. (2):

(2)

mãedrasta (madrasta tão boa como uma mãe)

bebemorar (comemorar à base de bebidas)

tricha (homossexual afeminado em demasia; três vezes bicha)

Haltercopismo (levantamento de “copos” com bebida alcoólica)

Fonte: Gonçalves (2003, p. 152)

Gonçalves (2003, p. 152), respaldado em Bat-El (1996), distingue estes exemplos dos dois padrões anteriores, denominando-os como criações analógicas, pois são formas “interpretadas como substituições sublexicais por envolverem incorporação de uma “palavra invasora” na chamada “palavra-alvo”. O autor explica que

A palavra-alvo apresenta uma porção fonológica que coincide com a encontrada numa forma de livre-curso na língua e é a partir dessa identidade formal que se dá incorporação. Em ‘macumba’, por exemplo, a sequência ‘má’ – que não apresenta qualquer *status* morfológico – é idêntica ao adjetivo ‘má’. A palavra invasora (‘boa’) é projetada a partir dessa sequência, levando consigo suas estruturas métrica e silábica. ‘Boa’ promove o constituinte ‘má’ à condição de radical, substituindo sublexicalmente essa sequência (GONÇALVES, 2003, p. 152).

Sendo assim, estes exemplos não se encaixariam na configuração de um dos dois padrões dos *blends* e estes não podem ser analisados como criações analógicas, porque, segundo Gonçalves (2003, p. 152), nos *blends*, “duas palavras constituem *input* à formação de uma terceira”. Na Substituição sublexical, doravante SSL, ocorre um reanálise de uma parte de uma

das palavras de modo que outra palavra invada aquela posição, substituindo-a sublexicalmente: em *bebemorar*, ‘beber’ é a palavra invasora que faz uma reanálise nas duas primeiras sílabas da palavra ‘comemorar’ e que não tem um *status* fonológico definido, resultando numa terceira palavra. Então, “é no nível do *output* que se detecta a presença das duas bases” (GONÇALVES, 2003, p. 152).

Entretanto, Andrade (2008), Andrade e Rondinini (2016), Gonçalves (2016) e Silva (2019) reconhecem as SSLs como um terceiro padrão de formação para os *blends*. Andrade (2008) explica que *blends* e SSLs têm o mesmo padrão morfológico, apesar de serem criados por motivações distintas. Numa análise a partir da Teoria da Otimidade com extensão à Teoria da Correspondência, TC, a linguista propõe um *ranking* de restrições violáveis, argumentando que embora sejam formações motivadas de modo variado, “substituições sublexicais e cruzamentos vocabulares¹⁸ envolvem apenas um padrão morfológico porque são governados por um único conjunto hierarquizado de restrições, sendo, por isso, estruturados de modo idêntico” (ANDRADE, 2008, p. 98).

Silva (2019) destaca que este padrão não se baseia na (des)semelhança fonológica entre as bases por se distanciar da interposição lexical e da combinação truncada. A linguista defende que SSLs apresentam um grande paralelo com os *blends* dos padrões 1 e 2 porque se constituem a partir de duas formas livres existentes na língua, sendo este o fator mais preponderante para a formação do processo morfológico, como defende a linguista.

De acordo com Andrade e Rondinini (2016), as SSLs se processam em duas etapas. No primeiro momento, ocorre uma reanálise de uma parte da única palavra-base e esta é promovida a radical e, por meio de uma analogia, é substituída por uma unidade significativa que, em seguida, na subsequência da operação, funciona como base; a partir disso ocorre o cruzamento, “por interposição (tipo 1) mãedrastra (mãe + madrastra) ou por combinação truncada (tipo 2) boacumba (boa + macumba), dessa nova base com a base-alvo” (ANDRADE; RONDININI, 2016, p. 876).

Minussi e Nóbrega (2014) estabelecem denominações para os padrões dos *blends* no PB com base nas propostas de Basílio (2005) e Gonçalves e Almeida (2007). A partir disso, os autores distribuem uma configuração dos padrões dos *blends* por meio da sintaxe. Seriam eles, i- os *blends* fonológicos, onde ocorre a presença de um ou mais segmentos fonológicos idênticos que se sobrepõem, *roubodízio* (*roubo* + *rodízio*), ii- *blends* morfológicos em que não há ocorrência de sobreposição de segmentos e as bases envolvidas são truncadas, como

¹⁸ A autora denomina o processo como cruzamento vocabular.

cariúcho (*carioca* + *gaúcho*) e os iii- os *blends* semânticos em que ocorre uma reanálise semântica de um conjunto de segmentos fonológicos de uma das bases, como ‘má’ de madrastra que resulta em *boqdrasta*.

Os autores argumentam que esses padrões “são resultado de um *input* enciclopédico, e que suas diferenças superficiais decorrem, em grande medida, da presença ou não de segmentos fonológicos idênticos” (MINUSSI; NÓBREGA, 2014, p. 162-163). Na perspectiva da Morfologia Distribuída, a ideia de enciclopédia refere-se ao conhecimento lexical armazenado em uma rede de informações distribuídas (cf. HALLE; MARANTZ, 1993). Em vez de conceber a morfologia como um sistema separado que opera com regras fixas e independentes, a MD considera que as informações morfológicas estão intimamente relacionadas com o conhecimento semântico e lexical de uma língua. Desse modo, a enciclopédia, segundo os linguistas, é o conhecimento de mundo que o falante tem. Dito isso, eles assumem que

traços enciclopédicos, ou seja, informações concernentes ao nosso conhecimento de mundo, têm influência no preenchimento fonológico dos nós terminais gerados pela sintaxe. Em nossa visão, o *input* para os casos de uma clara interface sintaxe-pragmática, especificamente no que compete a questões estilísticas, é resultado de um *input* enciclopédico no componente morfológico da gramática, o qual desencadeia a sobreposição ou apagamento de segmentos fonológicos dos IVs inseridos nos nós terminais, tal como ocorre nos *blends* fonológicos e morfológicos, ou a troca de um IV por outro, tal como ocorre nos *blends* semânticos. Com isso, uma vez que o *input* é de ordem semântico-enciclopédica, a sobreposição de segmentos fonológicos será vista como epifenomenal e não como um ponto de partida para a formação dos *blends* (MINUSSI; NÓBREGA, 2014, p. 163).

Em outras palavras, os traços enciclopédicos representam a noção de que as palavras carregam consigo informações sobre seus significados e usos, e essas informações estão distribuídas em toda a estrutura gramatical. Portanto, quando encontramos uma palavra, não apenas suas características morfológicas são ativadas, mas também seu conhecimento semântico associado a essa palavra.

Observa-se, também, que Minussi e Nóbrega (2014) consideram que as motivações fonológicas, ou não, dos padrões dos *blends* surgem a partir da relação sintático-pragmática gerada pela enciclopédia. Todas essas ponderações apresentadas pelos linguistas são nutridas a partir da Morfologia Distribuída que interpreta que *blends* são formados a partir de uma estrutura gerada pelo componente sintático. Minussi e Nóbrega (2014), ainda, salientam que, dada esta interpretação com base na MD, “os *blends* fonológicos e os *blends* semânticos, contrariamente aos *blends* morfológicos, serão formados a partir de duas raízes categorizadas,

em uma configuração semelhante à de um sintagma” (MINUSSI; NÓBREGA, 2014, p. 176), cf. quadro 1:

Quadro 1 – Configuração sintática da derivação dos padrões de *blends*, segundo Minussi e Nóbrega (2014)

<i>Blends</i> Fonológicos	<i>Blends</i> Morfológicos	<i>Blends</i> Semânticos
- são sintagmas comuns e.g., <i>cartomante</i> + <i>mente</i>	- são formados como palavras derivadas e.g., √ <i>choco</i> -tone	- são sintagmas comuns e.g., <i>boadrasta</i> < <i>boa</i> + <i>madrasta</i>

Fonte: Minussi e Nóbrega (2014, p. 176).

Minussi e Nóbrega (2014) defendem que, diferentemente dos *blends* fonológicos e semânticos, a formação dos *blends* morfológicos se formam por apenas uma raiz, enquanto o outro constituinte do *blend*, ou seja, a outra base, funciona como um sufixo e a sua formação sintática se caracteriza como uma palavra derivada, havendo uma raiz e um afixo. Este caráter de afixo, em um *blend* morfológico, do segundo elemento, deriva “de seu comportamento preso e recorrente, semelhante a um *splinter*¹⁹” como, “-*trocínio*, que foi truncado da palavra *patrocínio* e reutilizado em *blends* como *capestrocínio*, *irmãotrocínio*, *paitrocínio* etc” (MINUSSI; NÓBREGA, 2014, p. 176). *Siplinter* (BAUER, 2004) é um termo do inglês que, traduzido para o português, significa fragmento, pedaço. Especificamente, “na literatura morfológica, remete a partes de palavras que, retendo o significado da forma original, recorrem numa borda específica de novas formações lexicais” (GONÇALVES, 2019, p. 155). Andrade (2013) o denomina como fragmento vocabular.

Então, se pensarmos nos *blends* morfológicos, como descrevem os autores, num processamento em que uma base funciona como raiz e a outra como um sufixo, comparando-os, ainda, ao processamento dos *splinters*, que, a partir de um fragmento, pode gerar outros *blends*, não seria possível dar conta de todos os exemplos desse padrão. *Portunhol* (*português* + *espanhol*), *fisiobixo* (*fisioterapia* + *bixo*), *marinoivo* (*marido* + *noivo*) e *vagaranha* (*vagabunda* + *piranha*) podem ser considerados como *blends* morfológicos, pois não

¹⁹ É uma palavra do inglês que, traduzida para o português, significa fragmento, pedaço. Especificamente, “na literatura morfológica, remete a partes de palavras que, retendo o significado da forma original, recorrem numa borda específica de novas formações lexicais” (GONÇALVES, 2019, p. 155).

compartilham material fônico entre as bases, porém não decorrem de uma derivação, uma vez que as partes (ou fragmentos) das bases não denominam outros *blends*.

Aparentemente, o grupo dos *blends* morfológicos é criado por partes de palavras que não compartilham material fônico, em que alguns exemplos, como os mencionados acima, não formam diversos *blends* com a parte de uma palavra. Outros, como *-trocínio*, *-drasta*, *bolso-* e *-naro*, podem formar diversas palavras. Estes últimos são conhecidos na literatura como *splinter* ou fragmento vocabular. Andrade (2013) discute que os *splinters* têm tendência de se tornarem afixos, uma vez que não têm autonomia discursiva e por realizarem palavras morfológicas complexas a partir de um único acento, além disso, suas porções não significativas são reinterpretadas como formativos em função da recorrência.

Com toda essa discussão, os *blends* morfológicos, descritos por Minussi e Nóbrega (2014), não apresentam uma previsibilidade para formar palavras com estruturas de raízes e afixos em todos os casos, embora os autores considerem a segunda base sempre como o elemento sufixal, derivada do seu comportamento preso e recorrente. No entanto, observamos que essa situação funciona mais como *splinters* que nem sempre apresentam o fragmento recorrente à direita (*-naro*: *bozonaro*, *lixonaro*, *Lulanaro*, *tosconaro*). Podem ocorrer, também, na base esquerda (*bolso-*: *bolsoasno*, *bolsobosta*, *bolsomerda*, *bolsominion*). Portanto, combinação truncada (GONÇALVES, 2003; ANDRADE, 2008; GONÇALVES, 2016) parece ser um termo mais abrangente para esses padrões de *blends*, uma vez que dá conta de responder melhor à formação.

Buscando uma sistematização dos padrões dos *blends* a partir de diferentes abordagens discutidas aqui, o quadro 2 sintetiza as distintas combinações que o processo pode apresentar na formação de uma palavra:

Quadro 2 – Síntese dos padrões dos *blends*

PADRÕES DOS <i>BLENDS</i>		
Com compartilhamento de material fônico	Sem compartilhamento de material fônico	Criações analógicas
<i>namorido</i> (<i>namorado</i> + <i>marido</i>)	<i>chocotone</i> (<i>chocolate</i> + <i>panetone</i>);	<i>bebemorar</i> (beber + comemorar)

Fonte: elaboração própria.

Apresentada a síntese no quadro 2, adotaremos as propostas de Gonçalves (2003), Andrade (2008), Gonçalves (2016) e Andrade e Rondinini (2016) que postulam uma relação tripartida para os padrões do fenômeno sob as definições de interposição lexical (compartilhamento de material fônico), combinação truncada (sem compartilhamento de material fônico), e substituição sublexical (reanálise).

2.3 Criação de *blends* associados a nomes próprios

No PB, Silva (2019) debruçou-se sobre *blends* que são formados por antropônimos, como *Brumar* (*Bruna* + *Neymar*), *Lucireny* (*Lucia* + *Ireny*). A autora elaborou seu trabalho com base em um corpus em que o *blend* tinha, ao menos, uma base antroponímica e o dividiu em quatro funções: “(a) expressão de ponto de vista (*Bolsolixo* < *Bolsonaro* + *lixo*); (b) nomeação expressiva de pares românticos (*Judrigo* < *Juliana* + *Rodrigo*); (c) formação de outro antropônimo, desta feita complexo, como (*Mareliisa* < *Osmar* + *Elisa*); (d) criação de oniônimos (nomes comerciais) (*Paulufusos* < *Paulo* + *parafusos*)” (SILVA, 2019, p. 16).

Com uma coleta de 637 dados, Silva (2019) observou casos em que *blends* eram formados por antropônimos acrescidos de qualificador, *ships*, nomes de batismo e oniônimos de bases antroponímicas. No primeiro caso, a autora refuta um argumento de Basílio (2003) de que a maioria dos *blends* apresenta o elemento qualificado na última posição e o componente predicator na primeira. Nesta esteira, *Dilmãe* (*Dilma* + *mãe*) e *Neymaravilha* (*Neymar* + *maravilha*), por exemplo, apontam contra tal argumento. Mais que isso, 60% dos dados de Silva (2019) apresentaram o qualificador na base da segunda posição. Apesar de não apontar como uma porcentagem tão expressiva, a autora explica que esse resultado coloca em xeque a hipótese levantada por Basílio (2003) e reforça “a posição do adjetivo em Português que, geralmente, sucede o substantivo” (SILVA, 2019, p. 70).

Em relação ao padrão de *blends* formados por antropônimos acrescidos de qualificador, a interposição lexical correspondeu a 71% dos dados da autora, como em *Neymaravilha*, em que as sílabas /ma/ em ambas as bases são compartilhadas. Esse resultado, ainda, reforçou sobre o papel expressivo do *blend* que caracteriza formas predicativas e que são os mais expressivos dado ao compartilhamento de material fônico (SILVA, 2019). Por outro lado, a combinação truncada correspondeu apenas a 29% dos dados. Ela não encontrou dados para SSLs, mas salienta que formações como *bolso-* e *-naro*, fragmentos que formam *blends* antroponímicos, a

partir de Bolsonaro²⁰, mostram um caráter expressivo para formar diversas palavras. Grosso modo, “os cruzamentos que unem antropônimos e qualificadores comprovam que esse tipo de substantivo tem adquirido valor morfológico (não idêntico aos nomes comuns), tanto que alguns formativos antroponímicos apresentam comportamento de *splinters*” (SILVA, 2019, p. 83).

Sobre o segundo grupo, shippagem²¹, Silva (2019, p. 129) afirma que a formação apresenta características um tanto distintas do primeiro grupo, pois apresentam antropônimos em ambas as bases, “cuja escolha da ordem, ao que tudo indica, é justificada pela melhor sonoridade”. Salienta-se, anteriormente, que o fenômeno da shippagem, se polarizou muito, nos últimos anos, entre os adolescentes e, talvez, isso explique o alto índice de recorrência de *blends* formados por meio de *ships*. (cf. GONÇALVES; SILVA, 2021).

Neste grupo, os antropônimos se interligam, em outras palavras, não apresentam bases predicadoras como no primeiro grupo. Sendo assim, apresentam características de coordenação, enquanto os antropônimos acrescidos de qualificador de subordinação. *Bentriz* (*Bento* e *Beatriz*), *Peloísa* (*Pedro* e *Heloísa*) e *Jorena* (*João* + *Lorena*) são exemplos de *ships* coordenados. Silva (2019) esclarece que não há uma ordem que as bases devam seguir para formar o *blend* por meio dos *ships*. “Por exemplo, não há ressalvas se é nome da mulher ou do homem que tem que vir primeiro no ship” (SILVA, 2019, p. 101). Seus dados apontaram que a ordem da base tende a ser escolhida por meio de uma sonoridade mais agradável do produto final.

Este parece ser um bom argumento porque, de fato, os falantes, quando tentam formar certos *blends*, analisam diversas possibilidades. Podemos atestar melhor essa defesa, verificando situações como esta (cf. imagens 2 e 3):

²⁰ *Bolsogado, bolsonada, bolsolixo; boçalnaro, lixonaro, Lulañaro.*

²¹ “A expressão *shippagem* parece ser uma tradução por empréstimo do inglês *shipping*. O fenômeno se tornou tendência primeiro na mídia americana, o que justifica o termo do inglês” (SILVA, 2019, p. 83-84).

Imagem 2 – Possibilidade de escolha da posição de bases antroponímicas de *ships* do português brasileiro.



Fonte: *Instagram* (@atualyzei).

Imagem 3 – Possibilidade de escolha da posição das bases antroponímicas de *ships* do inglês.



Fonte: *Netflix* (*Ru Paul's Drag race*, 2ª temporada).

As imagens 2 e 3 denotam, claramente, que o falante, antes de formar um *ship*, pensa em possibilidade de combinações. Numa postagem feita numa rede social, a atriz Ágatha Moreira sugere um *ship* para amizade entre Manu Gavassi e Babu Santana, ambos participantes da 20ª edição do *Big Brother Brasil* (BBB): *Mabu* ou *Banu*? Nota-se que a escolha pelo melhor

ship pode se dar, como defende Silva (2019), pela sonoridade, ou seja, pela melhor cadência rítmica, a que mais se adequa às regras de fonotaxe da língua.

A imagem 3 ratifica que a possibilidade de combinações entre as palavras que criam um *ship* é comum, também, no inglês. A *drag Jujubee*, ao comentar sobre a relação de outras duas *drags*, *Raven* e *Morgan*, questiona sobre a possibilidade de um *ship* entre elas, juntando as bases, sendo escolhida, pela própria *Jujubee*, como *Morvan*²². Mais uma vez, é possível inferir que o processo do *blend* é comum e recorrente nas línguas naturais e, tanto quanto no PB, a escolha pela melhor formação pode ser justificada pela sonoridade, seguindo o ritmo da língua.

Entretanto, seguindo a indagação de Silva (2019), fica a dúvida do que faz o falante definir qual é a melhor combinação entre as bases. Por que uma combinação e não outra? Segundo a autora, o falante parece usar a intuição ao escolher uma forma e não outra. Porém, ela mesmo esclarece que requer um estudo mais extenso para descrever estas questões. Aparentemente, o falante tende a optar pela forma mais econômica, desde que isso não ocasione um esvaziamento semântico²³ (cf. BRAGA; PACHECO, 2019). Nesse sentido, o falante opta pela forma que se aplica melhor ao ritmo da língua, desde que não afete o aspecto semântico.

Embora as imagens 2 e 3 denotem um planejamento por parte dos falantes para a formação dos *blends*, ao se programarem para escolher uma forma mais adequada, fica o questionamento se a formação do fenômeno será sempre planejada ou pode ocorrer de modo automático. Trazemos essa reflexão, porque, em algumas situações, os *blends* são criados de maneira quase automática, isto é, não são planejados, quando o falante está usando componentes de origem muito familiares e a combinação faz sentido intuitivo.

Um exemplo disso ocorreu durante uma entrevista feita por Pedro Bial à atriz Clara Moneke, no programa “Conversa com Bial”, da emissora Rede Globo. Em um dado momento da entrevista, a atriz questiona o apresentador o porquê de falarem Estúdios Globo e não PROJAC, ao passo que o apresentador responde: “*Sabe por quê? Porque era o Projeto Jacarepaguá, Projac, e aí falaram, agora não é mais projeto, é uma realidade, tem que chamar Estúdios Globo. Mas agora já pegou o nome Projac. E, na verdade, Projac está errado, né? Porque você sabe que ali não é Jacarepaguá...*” (Revista QUEM). Clara, então, responde que sabe que o

²² A palavra na imagem encontra-se no plural, porque a *drag Jujubee* sugere um apelido para os fãs das duas *drags*, que receberam o *ship*: a saber, *Morvans*. Nesse sentido, esse *ship* aparenta ser formado pelas bases *Morgan* + *Raven* + *fans*.

²³ Braga e Pacheco (2019) usam o termo ‘esvaziamento semântico’ para explicar melhor seus resultados, explicando que os falantes tendem a optar por formas mais econômicas de *blends* haplologizados desde que não comprometa a decomposição semântica nos fragmentos que vão para o nível fonético.

projeto não nasceu em Jacarepaguá, mas sim, em Curicica e Bial, prontamente, cria o *blend* *procu* (*projeto* + *Curicica*) (cf. Imagem 4):

Imagem 4 – Criação de um *blend* de modo intuitivo



Fonte: Instagram (@gshow).

Esse exemplo nos faz deduzir que a formação de *blends* pode variar de um processo automático e intuitivo a um processo mais deliberado, dependendo da situação e da criatividade do falante. Não é escopo deste trabalho, mas pensamos que seria interessante uma análise mais aprofundada do processo na área da psicolinguística, a fim de entender o processamento lexical na criação desse tipo formação de palavras.

Ainda, no que tange ao segundo grupo, *blends* formados por meio da *shippagem*, Silva (2019) evidenciou que o padrão para a formação dos *ships* é feito, predominantemente, com o início de segmentos da primeira base e o final de segmentos da segunda, obtendo, em seus dados, cinco possíveis possibilidades de formação. Assim descreveu a autora

Distribuíram-se em 31% de formações por interposição lexical contra 69% por combinação truncada. O padrão mais recorrente entre os *ships* é o que mescla o início da primeira base com o fim da segunda, que, formado por meio da combinação truncada, perfaz o total de 54% do *corpus*. A inversão da

ocorrência entre a interposição lexical, no primeiro grupo, e combinação truncada, neste, pode ser justificada pela natureza menos avaliativa e mais descritiva dos dados (SILVA, 2019, p. 129).

Este argumento de Silva (2019) é com base na hipótese de Gonçalves e Almeida (2007) para quem os padrões formados por combinação truncada e SSL têm um maior caráter em descrever do que avaliar. Apesar disso, Silva (2019) salienta que o cruzamento entre os *ships* aponta para um forte valor discursivo dos antropônimos, pois têm uma motivação tendenciosa, específica do falante.

Outra curiosidade acerca dos *ships* que Silva (2019) identificou, foi um paralelo com o processo da siglagem – *Petrobras* (*Petróleo Brasileiro*) –, pois podem ser formados por um padrão início + início das bases, como em *MaJo* (*Manuela* + *Joaquim*) e *BelGra* (*Belo* + *Gracyanne*). No entanto, por meio do critério semântico, a autora encontrou uma divergência entre os processos. Nos *ships*, o falante capta o sentido, pelos fragmentos das bases usadas na formação do *blend*, de modo automático, desde que esteja imerso naquela esfera social em que o *ship* foi criado. *Luvittar*, por exemplo, é o *ship* das cantoras Luiza Sonza e Pablo Vittar e, ainda que opaco, será, automaticamente, compreendido pelos fãs das artistas. Neste interim, “o significado total é a soma dos significados de cada base, isoladamente” (SILVA, 2019, p. 109). Na siglagem, por outro lado, embora as partes envolvidas sejam o significado das bases de que são oriundas, o falante, ao usar a sigla, possa não reconhecer as bases, como *CEP* (Código de Endereçamento Postal).

Alguns exemplos de *blends* do PB distinguem-se dos citados por Silva (2019), como, *Abralindos* (*Abralin* + *lindos*), *bradescravo* (*Bradesco* + *escravo*) e *hospitaú* (*hospital* + *Itaú*), pois são formados a partir de uma base que já é formada pela siglagem com uma base substantiva (ou vice-versa), diferentemente do que ocorre com o exemplo trazido pela autora. *Petrobrás* é formado por dois substantivos, *Petróleo* e *brasileiro*, e ambas as bases resultam numa uma sigla. Além disso, o caráter semântico dos *blends* remete às suas bases de origem, enquanto as siglas, comumente, são compreendidas sem, necessariamente, recuperar as palavras de onde surgiram.

A respeito do terceiro grupo, de nomes de batismo, Silva (2019) justifica que, tanto quanto os *ships*, que são formados, também, por duas bases antroponímicas, a criação dos nomes pode se dar pela posição que cada base ocupa para se obter uma melhor sonoridade, como em *Eulana* (*Eulália* + *Ana*), por exemplo. Antes de iniciar as análises deste grupo, a autora atenta-se para o fato de identificar um processo morfológico, como o *blend*, criado por antropônimos do que de um nome comum. É o que ocorre com *Derick* (*Deo* + *Ericka*), nome

de batismo que, a priori, poderia ser considerado como *blend*, mas que tem um caráter de nome comum, dada à lexicalização pela qual este antropônimo percorreu na língua. Sendo assim, Silva (2019) evita a análise com nomes que têm essa característica, não excluindo a possibilidade de serem *blends*.

Ainda, acerca disso, a autora discute, respaldada em Soledade (2012), que essa dificuldade é justificada “porque o conceito de morfema não pode ser empregado literalmente aos antropônimos, por causa do esvaziamento semântico²⁴” (SILVA, 2019, p. 113). Além disso, não há muitos materiais na literatura sobre o processo de formação dos antropônimos (Silva, 2019).

Neste grupo, nas análises da autora, o padrão que mostrou maior recorrência foi a formação que mesclava o início da primeira base com o final da segunda base, com percentual de 74,5% dos dados: *Bremila* (*Breno* + *Samila*), *Paucela* (*Paulo* + *Marcela*) e *Francionanda* (*Francisco* + *Fernanda*). 22% dos dados foram resultantes daqueles que uniam os segmentos iniciais das duas bases, como em *Arcângela* (*Arcanjo* + *Ângela*) e *Dailu* (*Daiane* + *Lucas*). Houve 2% dos dados que formavam o final da primeira base com o início da segunda, alguns deles, sendo *Thamar* (*Samantha* + *Marcos*), *Nicevo* (*Genice* + *Ivo*). Por fim, em 1,5% dos dados, Silva (2019) encontrou formações que uniam os segmentos finais de ambas as bases, como em *Faela* (*Rafael* + *Priscila*) e *Milael* (*Camila* + *Michel*).

Nesta perspectiva, pelos dados da linguista, a combinação truncada mostrou-se o padrão mais produtivo nas formações de *blends* que resultam em nomes de batismo com, praticamente, 80% dos dados. Ela salienta que o padrão para a formação deste grupo diferenciou-se do padrão que forma *blends* com nomes comuns, que tendem a ser por interposição lexical, como apontou Gonçalves (2003). Este padrão, para os nomes de batismo, apontou um resultado de 20,25%.

A curiosidade que Silva (2019) encontrou neste grupo, foi a aproximação com a hipocorização. Este é outro processo morfológico não concatenativo que se caracteriza, afetivamente, pelo encurtamento de nomes próprios, mas mantendo alguma identidade com o prenome (GONÇALVES, 2006a). Podem ser considerados, desse modo, com apelidos, como *Dan* para *Danilo*, *Lipe* para *Felipe*, *Fafá* para *Fátima* e *Malu* para *Maria Luiza*²⁵.

²⁴ O termo esvaziamento semântico, neste caso, utilizado por Soledade (2012), “leva em conta a perda do significado etimológico do Português arcaico, foco de sua pesquisa, até o Português contemporâneo” (SILVA, 2019, p. 113).

²⁵ Gonçalves (2006a) salienta que nem todo apelido pode ser denominado como hipocorístico. *Pelé*, por exemplo, é considerado um apelido, mas não é um hipocorístico, uma vez que não tem uma relação com o prenome, Edson, o nome de batismo do ex-jogador de futebol.

Para Silva (2019) o que aproxima ambos os processos é o fato de eles serem não concatenativos, porque não operam com mera adição de unidades morfológicas, promovendo, assim, algum tipo de encurtamento por uma motivação prosódica. Entretanto, o aspecto semântico, mais uma vez, difere os processos, pois os *blends* que formam nomes de batismo são sempre criados a partir de duas bases, como *Jomar* (*João* + *Maria*) e nomeiam pessoas. Por outro lado, hipocorísticos podem ser formados por apenas uma base, como *Dedé* (*André*) e, quando são formados por nomes compostos, *Cadu* (*Carlos Eduardo*), comportam-se como apelidos, isto é, surgem a partir de um nome batismo (prenome). Portanto, “o hipocorístico não forma novas palavras; modifica expressivamente a mesma unidade lexical” (SILVA, 2019, p. 124).

Com relação ao quarto grupo, oniônimos formados por bases antroponímicas – *Paulufusos* (*Paulo* + *parafusos*), *veterimário* (*veterinário* + *Mário*) –, Silva (2019) não realizou análise, uma vez que não teve muitos dados em sua coleta. Segundo a autora, as bases que formam este tipo de *blends* constituem um grupo muito específico o que dificulta a coleta de dados. De qualquer maneira, dos dois dados coletados, o padrão detectado, pela autora, foi o da interposição lexical. Em nossos dados, encontramos um exemplo de *blend* oniônimo, não sendo ambas as bases, antroponímicas: *bruboi* (*Brumado* + *boi*) que leva o nome de um restaurante na cidade de Brumado/Ba.

Diante do que foi descrito, até aqui, evidenciamos que a produtividade dos *blends* é latente. Ao pensarmos no nível de recorrência que o processo tem surgido, atualmente, como em redes sociais, situações informais, por exemplo, este ganhou grande destaque em trabalhos, como os que foram apontados nesta seção. As seções seguintes trarão investigações acerca de questões perceptuais e acústicas para o fenômeno com vistas a entender como o falante nativo conhece um *blend* e qual é, de fato, a atribuição para o acento deste fenômeno.

2.4 Reconhecimento e acesso lexical dos *blends* (MINUSSI; VILLALVA, 2020)

Uma das propostas mais recentes para a análise dos *blends*, enquanto este trabalho esteve sendo desenvolvido, foi a de Minussi e Villalva (2020) que fizeram uma investigação abrangente sobre o reconhecimento e a acessibilidade lexical de *blends*, no português europeu e português brasileiro. A pesquisa objetivou compreender como falantes nativos dessas duas variedades processam e reconhecem os *blends*.

Os pesquisadores conduziram uma análise a partir do acesso lexical²⁶ por ser uma tarefa envolvida no processamento da linguagem, ligada à capacidade do cérebro de recuperar o significado de palavras individuais no léxico mental (estoque mental de palavras) em tempo real durante a compreensão da fala ou da leitura. É uma etapa crucial no processamento linguístico, pois permite que os falantes identifiquem o significado de palavras rapidamente e construam o significado de sentenças e textos.

Com isso, Minussi e Villalva (2020) classificaram os tipos de *blends* com as seguintes estruturas:

o *blend* poderia ter uma estrutura PC (i.e., palavra, *clip*) como em *coponheiro*, CP (i.e., *clip*, palavra) como em *emprestadado* e CC (i.e., *clip*, *clip*) como em *namorido*, e os falantes poderiam mencionar a primeira base (1B), a segunda base (2B) ou as duas bases (3B) (MINUSSI; VILLALVA, 2020, p. 7, grifos dos autores).

Os autores organizaram essas estruturas sob a hipótese de que, nos *blends* em que a primeira base era visível (transparente), mais falantes iriam mencioná-las. Contrastando essa resposta preliminar, o teste apontou que os falantes reconheceram mais a segunda base (2B) na estrutura palavra, *clip*.

Em linhas gerais, os resultados apresentados por Minussi e Villalva (2020), apontaram que os *blends* com estrutura CC (onde nenhuma das bases está visível) foram mais facilmente decodificados semanticamente e processados mais rapidamente. Isso sugere que os falantes reconhecem *blends* mais eficazmente quando nenhuma das bases é imediatamente aparente. Os *blends* com estrutura PC (onde a primeira base está visível) e CP (onde a segunda base está visível) não facilitaram significativamente a identificação da primeira ou segunda base. Isso contrariou a expectativa dos linguistas de que as bases visíveis tornariam o processamento mais fácil. Segundo eles, “a existência de sobreposição de uma das bases nos *blends* (cf. PC: *tristemunho* < *triste* + *testemunho* >; CW [sic]: *emprestadado* < *emprestado* + *dado* >) prejudica o processamento” (MINUSSI; VILLALVA, 2020, p. 12).

Os resultados desse estudo revelaram, também, diferenças notáveis no processamento lexical de *blends* entre o PE e o PB. No geral, o PE mostrou tempos de reação mais longos e maior dificuldade no reconhecimento de *blends*, sugerindo que palavras formadas por esse processo sejam menos acessíveis no PE do que no PB. Além disso, Minussi e Villalva (2020)

²⁶ Acesso ou decisão lexical é um procedimento metodológico experimental utilizado em pesquisas na área da Psicolinguística.

destacam que os *blends* com estruturas morfológicas diferentes foram processados de maneira distinta em ambas as variedades, indicando a complexidade do fenômeno.

Uma das conclusões principais do estudo é de que os *blends* parecem estar mais lexicalizados no PB do que no PE. Isso significa que, no PB, esse processo de formação de palavras têm uma estrutura morfológica mais estável e é processado mais rapidamente, indicando que os falantes do PB podem estar mais acostumados a esse tipo de palavra.

Os resultados alcançados com o trabalho de Minussi e Villalva (2020) são importantes para a compreensão do processamento lexical. O *blend* é um processo de formação de palavras especial e fornece *insights* valiosos sobre como as palavras complexas podem ser processadas no cérebro humano. Isso ajuda a entender melhor o processamento lexical, ou seja, como os falantes reconhecem e compreendem palavras em tempo real. Nesta tese, embora não tenha escopo de análise no âmbito do processamento, propomos trazer mais discussões acerca do conhecimento de *blends* no PB, na seção sobre Percepção, a fim de contribuir, além de compreender, melhor esse fenômeno.

3 O LUGAR DO *BLEND* NO LÉXICO: *BLEND* DESCRIÇÃO EM INTERFACE COM A FONOLOGIA, A SINTAXE E A SEMÂNTICA

Uma das maiores discussões, na literatura, sobre o fenômeno do *blend*, é qual o seu lugar na Morfologia. Por envolver, em sua formação, a combinação de duas palavras, o processo se aproxima dos processos clássicos de composição: justaposição e aglutinação. Acerca disso, Villalva (2020) não considera o segundo tipo como um processo pertencente, apenas, à composição. A linguista argumenta que os aglutinados não são produtivos no português atual e, por isso, não deveriam ser descritos no processo da composição, ainda, atuante. Sendo assim, excluiremos a aglutinação de nossas análises por ser um processo com número limitado de exemplos. Os compostos justapostos, por outro lado, por serem produtivos, serão usados, aqui, para traçar convergências e divergências com os *blends*. No entanto, não consideramos este último com um composto.

A razão para isso está no fato de que o processo da composição, especificamente, formado pela justaposição, opera a partir da concatenação entre duas palavras (VILLALVA, 2020), mantendo todo o corpo fônico, como em *amor-perfeito*, diferentemente, do que ocorre com os *blends* que, como já discutimos anteriormente, apresentam uma ruptura em sua formação, como em *almojanta* (*almoço* + *janta*), *brasiguai* (*Brasil* + ~~*para*~~*guai*). Portanto, a distinção nos elementos que formam o fenômeno está no fato de que “todos ou ao menos um, sofrem diminuição de seu corpo fônico” (SANDMANN, 1993, p. 76).

Ainda que haja rompimentos no processo de formação do *blend*, é evidente que há semelhanças entre ele e os compostos justapostos, uma vez que todos esses processos unem duas bases para formação de uma terceira. Nesse sentido, como forma de explicar, mais claramente, os aspectos e as motivações para a formação dos *blends* e da sua aproximação e distanciamento com os compostos, traremos, a seguir, considerações fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas concernentes ao nosso processo alvo.

Outra discussão acerca do fenômeno morfológico é sobre se, em algumas situações, pode desencadear algum processo fonológico, como a haplologia, já que apresenta supressão de material fônico. Nesse sentido, apresentaremos algumas possibilidades de análise para essa situação.

Nosso intuito, nesta seção, é fazer uma melhor descrição fenômeno, observando qual o *status* morfológico que ele apresenta na literatura de modo geral. A partir disso, então, levantamos o seguinte questionamento: Qual é o *status* morfológico do *blend* no léxico? Esta pergunta foi feita sob a hipótese de que o *blend* seria um processo de formação de palavras

independente do processo de composição que une duas palavras para gerar uma terceira. Objetivamos, portanto, aqui, propor que o *blend* assume um *status* morfológico no léxico independente da composição.

As discussões apresentadas por diversos estudiosos, ao longo desta seção, sobre as características dos *blends*, foram feitas com observações da coleta de um corpus constituído por 750 dados de palavras formadas por *blends*, retiradas de diferentes ambientes, como redes sociais, comunicações diversas ou, até mesmo, de outros trabalhos realizados até o momento em que esta tese esteve sendo produzida. A coleta deste corpus pode ser conferida ao final deste trabalho no apêndice A.

Portanto, nesta seção, apresentaremos alguns conceitos e características do *blend*, mostrando os aspectos envolvidos no processo (fonológico, morfológico, sintático e semântico), além de trazer algumas discussões sobre sua formação, se é concatenativo ou não.

3.1 Os limites entre o *blend* e o processo da composição

Já é sabido, na literatura de modo geral, que há convergências e divergências entre o *blend* e o processo da composição. A maior convergência, talvez, esteja no fato de que ambos os processos acionam duas bases para formar uma terceira.

Entretanto, cabe, anterior às discussões, um esclarecimento importante acerca da composição: nem sempre é analisada como um processo que une, apenas, duas bases para formar uma terceira, o que denota ser tarefa difícil ter um conceito exato sobre a composição, pois “em uma abordagem estruturalista, define-se pela presença de dois ou mais radicais; em modelos teóricos de base gerativa, o mecanismo é compreendido como a utilização de estruturas sintáticas para fins lexicais” (ANDRADE; RONDININI, 2016, pp. 863-864).

Said Ali (1966) discute que a composição é um processo que combina dois **ou mais** vocábulos que pode designar algum conceito novo, diferenciado dos termos que o corresponde. Plag (2018) assinala que, embora a composição seja gerada por mais de duas palavras, é demonstrado que, geralmente, é possível analisar palavras polimorfêmicas como estruturas hierárquicas envolvendo duas bases, o que a autora designa como subelementos binários. Desse modo, Bechara (2015), anterior à Plag (2018), já caracterizava a composição como um processo que junta dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova, apresentando um significado único e constante. Além disso, Ralli (2010) já discutia que a composição pertence aos processos de formação de palavras e que resulta da combinação de palavras para formar um

novo item complexo. Villalva (2020, p. 215) defende, ainda, que “a composição é um processo de formação de palavras que opera por concatenação de dois ou mais radicais ou palavras”.

Dessa maneira, Villalva e Gonçalves (2016) discutem que a composição é um processo frequentemente associado ao processo do *blend*, porque há duas palavras que servem de entrada para uma terceira forma. No entanto, segundo os autores, os *blends* são criados de maneira distinta, porque são criados pela interseção de bases ao invés de concatenação como ocorre nas palavras criadas por composição. Eles defendem, ainda, que o material fônico excluído não é previsível, como pode ser observado no exemplo trazido pelos autores, *crentino*, um *blend* que mescla as palavras *crente* e *cretino* para denominar um falso religioso. No exemplo, a imprevisibilidade é observada no ponto de quebra em que as bases se sobrepõem por meio da interposição lexical, isto é, misturando-se por meio compartilhamento de material fônico (/creNti/ + /cretinu/).

Em abordagens tradicionais sobre os processos de formação de palavra, a composição é dividida em dois tipos: justaposição e aglutinação. Na primeira, ocorre a junção de duas bases que preservam todos os segmentos que compõem a palavra formada, além de preservar o acento de ambas as bases, a exemplo de *cabra-cega*. No segundo, ocorre uma pequena ruptura em sua formação, sofrendo uma limitação vocabular entre as bases com a supressão de material fônico que pode ocorrer através da crase, *aguardente*, ou da elisão, *planalto*, e proporcionando que a palavra aglutinada mantenha apenas um acento lexical²⁷. Como se vê, os compostos justapostos e os compostos aglutinados são similares aos *blends* por envolverem duas bases. A aglutinação assemelha-se, ainda mais, porque apresenta supressão de material fônico. Todavia, este processo morfológico apresenta algumas questões possíveis de serem discutidas por conta da sua lexicalização no português.

A primeira questão é que a aglutinação não é, a rigor, produtiva e ativa no português. Diferentemente, dos compostos justapostos e dos *blends*, que apresentam um número expressivo de palavras, os exemplos da aglutinação são, efetivamente, reduzidos, inclusive, quando usados para definir e caracterizar o processo em gramáticas (Cf. Quadro 3):

²⁷ Cabe esclarecer que a descrição da aglutinação como crase ou elisão é indutiva, isto é, diz-se que é isso porque há poucos casos, todos formados a partir desses processos fonológicos.

Quadro 3 – Exemplos mais comuns de palavras aglutinadas no português

Palavras aglutinadas	Gramáticas
Aguardente	Nicola; Infante (1992); Infante (1997); Luft (2002); Rocha Lima (2003); Cunha (2007); Cegalla (2008); Cipro Neto; Infante (2008).
boquiaberto	Luft (2002); Rocha Lima (2003); Cegalla (2008); Bechara (2015).
Embora	Cunha (2007); Cegalla (2008).
Fidalgo	Nicola; Infante (1992); Cegalla (2008); Bechara (2015).
Penalta	Luft (2002); Infante (1997); Rocha Lima (2003); Cunha (2007); Cegalla (2008); Cipro Neto; Infante (2008).
Pernilongo	Rocha Lima (2003); Cegalla (2008)
Planalto	Nicola; Infante (1992); Infante (1997); Luft (2002); Rocha Lima (2003); Cegalla (2008); Cipro Neto; Infante (2008); Bechara (2015).
Vinagre	Nicola; Infante (1992); Infante (1997). Cipro Neto; Infante (2008).

Fonte: elaboração própria.

Os exemplos que costumam ser usados, quase sempre, são *aguardente*, *boquiaberto*, *embora*, *fidalgos*, *penalta*, *pernilongo*, *planalto*, *vinagre*. Alguns desses gramáticos (CUNHA, 2007; CIPRO NETO; INFANTE, 2008) discutem que o processo da aglutinação pode ser formado, também, por *compostos eruditos*, uma “nomenclatura científica, técnica e literária [...] fundamentalmente constituída de palavras formadas pelo modelo da composição greco-latina, que consistia em associar dois termos [...]” (CUNHA, 2007, p. 122). Dessa feita, é possível inferir que, além de não serem produtivos na língua, alguns aglutinados “podem ser de natureza híbrida, quando duas raízes de origens distintas se associam” (SCHWINDT, 2000, p. 56), ou até, não terem natureza no português, a exemplo de *vinagre*, *vinho* (*vinum*) + *acre* (*azedo*), por exemplo, que surgiu do latim, consolidou-se no francês e, depois, propagou-se no português.

A segunda questão é que aglutinados comportam-se como palavras simples no léxico, uma vez que não têm suas bases recuperadas pelos falantes e, com isso, portam apenas o acento primário (cf. VILLALVA, 2020, p. 218). O aglutinado *pernilongo*, por exemplo, é formado pelas bases *perna* + *longo*, mas dificilmente o falante associa o aglutinado como formado por duas palavras. Villalva (2020) argumenta que as sequências com simplificação estrutural são

evidências de processos de formação que estiveram presentes em estágios anteriores da língua, mas que não devem ser incorporadas à descrição do processo de composição atualmente em vigor na língua. Assim, constata a linguista:

Diacronicamente, existem palavras formadas na origem por composição sintática que, por diversos fatores, como a frequência de uso ou a perda de composicionalidade semântica, apresentam hoje redução da estrutura fonológica, resultando em palavras simples [...]. Em geral, trata-se de nomes que tradicionalmente se analisavam como “aglutinados” e são em número muito reduzido (VILLALVA, 2020, p. 259).

Os argumentos de Villalva (2020) são importantes para compreendermos que determinados processos morfológicos, especificamente a aglutinação, aparentam ter perdido relevância ao longo do tempo. Rocha (1983, p. 51, grifos do autor) assinala, ainda, que sincronicamente, “não é possível estabelecer que **embora**, **fidalgo** [...] sejam vocábulos compostos, apesar de algumas gramáticas descritivas citarem-nos como tal”.

Além de ser um número reduzido na língua, é um processo que não ocorre só no nível morfológico. A aglutinação, também, pode ser encontrada no âmbito sintático do português, especialmente em situações de degeminação. Tenani (2006), por exemplo, por meio de uma análise de domínios prosódicos, defende que ocorre sândi externo em todas as fronteiras prosódicas. O exemplo usado pela autora, *laranjamarela* (*laranja amarela*), é similar ao que ocorre com *aguardente*, combinação de *água* + *ardente*. A elisão, outro processo que ocorre com alguns aglutinados, como *planalto* (*plano* + *alto*), pode ser vista em situações como *todalegre* (dos sintagmas *todo alegre*).

Então, dados como esses sinalizam que esse tipo de processo não parece ser próprio de um processo morfológico, propriamente dito de composição, ativo na língua. Além disso, apontam o quão fundamental é uma descrição mais atualizada da língua portuguesa. Com isso, os *blends* parecem emergir como um processo morfológico que lida com duas bases, pois é bastante produtivo e ativo no português. A partir dessas discussões, traçaremos convergências e divergências entre os compostos justapostos e os *blends*.

O *blend* é um processo passível de ser analisado sob diferentes aspectos, um deles é o fonológico, uma vez que ocorre, majoritariamente, supressão de material fônico em sua formação. Nesse interim, Gonçalves (2006a, 2016, 2019) afirma que o fenômeno se caracteriza como não concatenativo. Sobre esse conceito de concatenatividade, ou não, para os processos morfológicos, o linguista afirma que será um processo concatenativo, quando “uma informação morfológica termina exatamente no ponto em que a outra começa, como em ‘des-tucan-iz-a-

ção” (GONÇALVES, 2019, p. 68). Por outro lado, um processo não concatenativo se caracteriza “pela falta de encadeamento, de linearidade, isto é, há visivelmente uma informação morfológica que não necessariamente se dá por adição” (GONÇALVES, 2019, p. 68). Dessa forma, nos processos não concatenativos há uma fusão, sobreposição, encurtamento, rompimento entre as bases, e não, necessariamente, um encadeamento, como nos concatenativos.

Nesse sentido, os *blends* se diferenciam do processo de composição por apresentarem uma ruptura em sua formação, ou seja, decorrem da falta de encadeamento em uma sucessão concatenativa da(s) base(s) que estão envolvidas no processo. Em *futelama*, por exemplo, junção de *futebol* + *lama*, ocorre a supressão da sílaba /bɔL/ na base da esquerda. Exemplos de compostos, como *guarda-roupa*, *cavalo-marinho*, mantêm todos os segmentos da base.

Marangoni Jr (2021), em contrapartida, aponta que o fenômeno, morfológicamente, se dá por adição. Assim, argumenta Marangoni Jr (2021)

O rompimento da sucessão linear das bases em tais processos decorre principalmente da perda de material fonológico ou da sobreposição fonológica e desafia uma visão da morfologia enquanto algo essencialmente concatenativo e que se revela por meio da adição bem comportada de peças morfológicas; a morfologia é, nessa visão, essencialmente aditiva (MARANGONI JÚNIOR, 2021, p. 21).

O autor se vale de uma análise do *blend* voltada para aspectos morfossintáticos, morfofonológicos e morfopragmáticos, explicando que, assim, ocorre uma sistematicidade no comportamento da maioria dos *blends*, que, segundo ele, assemelha-se à sistematicidade encontrada na composição (MARANGONI JÚNIOR, 2021).

Marangoni Jr. (2021), ainda, argumenta que a não concatenatividade do fenômeno ocorre no nível fonológico e não no morfológico. A formação do processo parte de duas palavras e, por isso, pertence ao nível morfológico. No entanto, a ruptura só acontece no nível fonológico, uma vez que “a não manutenção da sucessão linear das bases [...] se dá justamente por fatores fonológicos e, principalmente, prosódicos, que estão atuantes na formação do resultado ótimo²⁸” (MARANGONI JÚNIOR, 2021, p. 29).

Andrade e Rondinini (2016, p. 877) explicam que os *blends* “são construídos por um mecanismo que não opera necessariamente com o encadeamento de porções morfológicas e,

²⁸ Marangoni Jr (2021) faz uma análise do *blend* à luz de um modelo híbrido da Otimidade Distribuída (Teoria da Otimidade e Teoria da Morfologia Distribuída). Por isso, utiliza o termo “ótimo” ao se referir ao *blend*.

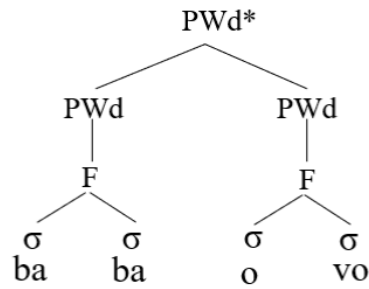
por isso mesmo, necessita de informações fonológicas, tais como a posição do acento nas palavras-base”. Os linguistas, ainda, argumentam que além da posição do acento, outras informações fonológicas são importantes para o encadeamento de porções morfológicas, tais como o grau de semelhança e a natureza estrutural da sequência compartilhada entre elas, “para que as estruturas prosódica e segmental das bases sejam preservadas” (ANDRADE; RONDININI, 2016, p. 877).

Por essa razão, defenderemos a postulação de Gonçalves (2004; 2006a, 2016, 2019), Villalva e Gonçalves (2016), Andrade e Rondinini (2016) e Silva (2019) para quem o *blend* é um fenômeno não concatenativo. Apesar de ser um fenômeno de natureza morfológica, a ruptura que ocorre no nível fonológico, com supressão de material fônico, caracteriza os *blends* como um processo não concatenativo, sobretudo, quando temos o processo da composição (que também juntam duas palavras para formar uma terceira), os justapostos, como parâmetro.

A questão é que, como defende Gonçalves (2004, p. 24), nos *blends*, “o que segue ou o que precede o ponto de quebra nem sempre é um constituinte morfológico”, o que o torna um processo distinto ao da composição. Este último mantém um encadeamento em sua formação. Dessa maneira, no processo de composição, a adição se dá a partir da sequência concatenativa em que são formados. Nos *blends*, por outro lado, ocorre uma ruptura, uma falta de encadeamento, uma não concatenatividade e, por fim, ocorre a adição, juntando uma base à outra. Tomemos o exemplo de *chafé* (*chá* + *café*) que suprime a primeira sílaba da base da direita, /ka/, e, após isso, soma-se à base da esquerda, formando, assim, o *blend*.

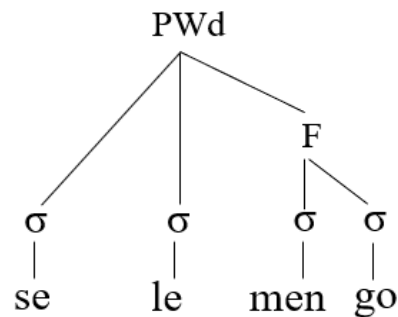
Exemplos como os compostos justapostos, como *amor-perfeito*, primam pela integridade lexical das palavras-fonte e “são indícios do encadeamento preservado na composição, visto que a segunda base só começa no ponto em que a primeira acaba” (SILVA, 2019, p. 41). Em contrapartida, o *blend* corresponde a um processo morfológico que acessa informações fonológicas, por isso, ser considerado como um fenômeno não concatenativo (GONÇALVES, 2004). Abaixo, em (3) e (4), é possível observar como são projetadas as formações do composto e do *blend*, propostas por Gonçalves (2004), respectivamente:

(3)



Fonte: Gonçalves (2004, p. 25)

(4)



Fonte: Gonçalves (2004, p. 25)

A arquitetura em (3) mostra que a palavra formada por composição é projetada em duas palavras prosódicas, enquanto em (4), o *blend* é projetado como uma palavra prosódica (PWd)²⁹ (GONÇALVES, 2004). Gonçalves (2004) defende, ainda, que

condições prosódicas devem ser satisfeitas no molde das Mesclas, de modo que o processo não é arbitrário, mas regido sobretudo pela semelhança fônica entre as bases [...]. A sistematicidade dessa operação só pode ser observada na interação Morfologia-Prosódia, o que difere Mesclagem de Composição, fazendo do primeiro uma operação circunscritiva e do segundo um processo aglutinativo (GONÇALVES, 2004, p. 14).

Essa diferença na formação dos processos levanta sugestões, como a de Plag (2018), que defende que *blends* podem ser mais bem definidos a partir de análises de categorias prosódicas, pois estão sujeitos a três tipos de restrições: estrutura silábica, tamanho e tonicidade.

²⁹ PWd é a sigla do inglês que, na Teoria da Fonologia Prosódica, refere-se a *prosodic word*, com tradução para o português como palavra prosódica.

O aspecto fonológico parece-nos uma boa proposta para análise da formação do *blend*, mas é preciso levar em consideração, também, os aspectos semânticos. Sendo assim, é possível considerar que as partes das palavras que formam o *blend* levam as informações semânticas consigo. Em *namorido*, *blend* formado por *namorado* e *marido*, as porções significativas são mantidas na parte inicial da base 1 e na parte final da base 2 para indicar uma pessoa que está com o *status* de namoro, mas leva uma vida de casado.

Nessa perspectiva, as partes preservadas na base, para *output*, são similaridades decompostas e interpretadas morfossemanticamente (cf. SILVEIRA, 2002; RIO-TORTO, 2014), de modo que o falante consiga conhecer e recuperar as unidades lexicais escolhidas para o nível fonético.

Por esse motivo, Kemmer (2003) defende que o processo não se enquadra nos padrões da estrutura morfológica, porque não é constituído de morfemas plenos, isto é, não mantém todo material fônico em sua formação, como ocorre na composição³⁰. Segundo a autora, as partes significativas das bases que se juntam são mínimas, ou seja, formadas por fragmentos fonológicos que resultam num significado. Logo, pensando nisso, pergunta-se se os *blends* são considerados efêmeros na língua por conta da supressão de material fônico ou a efemeridade do processo ocorre devido ao contexto de criação dos *blends*? Estes questionamentos poderão ser mais bem discutidos na seção a seguir, sobre percepção, como forma de compreender o funcionamento do processo, não só quanto à efemeridade, mas também ao seu aspecto semântico-fonológico.

Fato é que a convergência mais evidente entre *blends* e a composição é que ambos os processos formam uma palavra a partir de outras que já existem na língua. Dadas essas particularidades comuns aos dois processos, alguns estudiosos consideram o *blend* como um subtipo de composição (ADAMS, 1973; BASÍLIO, 2005; MARANGONI JR., 2021). Basílio (2005) denomina, como fusão vocabular, *blends* que compartilham material fônico, como *advogada*, em que a sílaba /ga/ está presente em ambas as bases, e os que não compartilham material fônico, a linguista denomina como um subtipo de composto, como *portunhol* (*português* + *espanhol*) que combina apenas partes da palavra³¹. Como já discutimos na seção anterior, esta é uma questão interessante, porque, por um lado, *-nhol* não funciona como um sufixo, mas como parte da segunda base que criou o *blend*. Por outro lado, há fragmentos que

³⁰ Talvez, por essa razão, o *blend* ser considerado, pela Morfologia Tradicional, como um processo marginal (cf. SILVA, 2019).

³¹ Esta é uma discussão relacionada aos padrões que os *blends* tendem a assumir no PB, discutida na seção anterior.

se repetem em diferentes formas, comportando-se como um afixo, quais sejam, os *splinters*, como *-nese* em *ovonese*, *camaronese* e *batatonese*.

Marangoni Jr (2021) se vale de um modelo híbrido entre a Teoria Otimidade, TO, e Morfologia Distribuída, MD, denominado pelo estudioso como Otimidade Distribuída, para argumentar que o *blend* é um subtipo de composto. Marangoni (2021) explica que

Sintaticamente, duas raízes já categorizadas estabelecem entre si uma dada relação sintática (subordinação, atribuição ou coordenação); em seguida, um morfema avaliativo se adjuge à estrutura sintática derivada até o momento e, por fim, um terceiro núcleo caracterizador é concatenado à estrutura de maneira a configurar o domínio da composição. O morfema avaliativo presente na estrutura sintática não altera nem a especificação categorial das raízes categorizadas nem a relação sintática entre as raízes, sendo responsável unicamente por uma modificação sintático-semântica na codificação de uma leitura avaliativa por parte do falante acerca de uma dada entidade, de um dado objeto ou de uma dada situação (MARANGONI JÚNIOR, 2021, p. 11).

No modelo adotado pelo autor, o aspecto fonológico é inserido tardiamente, de modo que toda formação de palavras é sintática. Ele defende, em sua dissertação, que os *blends* são um subtipo dos compostos caracterizado pela existência de uma leitura avaliativa (jocosidade, pejoratividade, etc). Tais características, mencionadas por Marangoni Jr. (2021) são descritas em aspectos semântico-pragmáticos em (5):

(5) Interpretação semântica e efeitos pragmáticos dos *blends* escolhidos

a. *chafé* (chá + café)

Relação semântica: modificação de uma qualidade comumente atrelada ao café

Efeito pragmático: jocosos/pejoratividade (trata-se da avaliação por parte de uma falante acerca de um café fraco, que remete ao gosto de um chá)

b. *briluz* (brilho + luz)

Leitura semântica: intensificação

Efeito pragmático: afetividade/melhorativo (trata-se da avaliação por parte do falante de algo que é duplamente iluminado ou brilhante)

c. *sedanapo* (seda + guardanapo)

Leitura semântica: modificação da função comumente atrelada ao objeto guardanapo

Fonte: Marangoni Jr (2021, p. 190-191).

Nesse sentido, o linguista argumenta que, semanticamente, os *blends* seriam mais especializados em termos de uso, uma vez que geralmente fazem referência a algo jocoso ou pejorativo. Basílio (2003) já assinalava para a questão da leitura avaliativa, afirmando que o *blend* imprime significados mais expressivos por conta do *fator humorfológico*, próprio do fenômeno. A autora, também, argumenta que a recuperação dos fragmentos que formam um *blend* “depende fortemente do conhecimento do mundo para o efeito expressivo na interpretação” (BASÍLIO, 2003, p. 4). Ela, ainda, constata que a predicação metonímica se torna completamente eficaz apenas quando se tem conhecimento prévio ou contexto adequado.

No âmbito morfossintático, Marangoni Jr (2021) assume que os processos têm estruturas semelhantes, pois são formados por duas raízes concatenadas que estão em uma dada relação sintática entre si e essa relação pode ser de atribuição/modificação, (5a), o café considerado fraco ao ponto de se parecer com um chá; coordenação, (5b), *briluz* pode ser considerado algo que brilha e ao mesmo tempo reluz; e de subordinação, (5c), *sedanapo*, o guardanapo como sendo mais um tipo de seda.

Em suma, o autor discute que a diferença fonológica entre *blends* e compostos decorre dessa presença da avaliação no caso específico dos *blends*, ou seja, a fonologia seria a consequência de uma avaliação morfossintática e semântico-pragmática. Sua análise se diferencia de outros teóricos (cf. PIÑEROS, 2000; GONÇALVES, 2003; ARNDT-LAPPE; PLAG, 2013; SILVA, 2019) que tomam, como ponto de partida, a análise do aspecto fonológico. Nessa esteira, a análise proposta por Marangoni Jr. (2021) nos parece complicada, pois a ideia do avaliativo parece depender das possibilidades fonológicas, ou seja, não se cria um *blend* se não produzir um efeito bom, sonoramente (cf. SILVA, 2019). Em resumo, a criação de um *blend* depende das partes (elementos fonológicos) que o formam para que haja transparência necessária a ponto de o falante recuperar tais bases, mas além disso, é importante, também, que esse *blend* apresente uma estrutura dentro dos padrões fonotáticos da língua.

Embora a fonologia possa ser a avaliação feita no final, os elementos fonológicos para a constituição desse *blend* contribuem para sua avaliação. Em outras palavras, a fonologia pode ser o último aspecto na avaliação, mas não seria, apenas uma consequência natural, pois a escolha dos elementos fônicos é tão importante quanto o sentido de humor e a posição de cada base na formação do *blend*.

Andrade e Rondinini (2016) comparam os processos da justaposição e da aglutinação com o *blend* na tentativa de entender o porquê de este último não receber um tratamento mais apreciado na literatura morfológica. Os linguistas iniciam suas discussões questionando se o processo é, ou não, um subtipo de composição e assumem que o *blend* deve ocupar um lugar

de destaque entre os processos de composição e derivação e, por isso, incorporam, mesmo que parcialmente, uma análise das “propriedades fonológica, morfossintática e semântica relativas a estes dois relevantes mecanismos de enriquecimento lexical” (ANDRADE; RONDININI, 2016, p. 863).

Concordando com Gonçalves (2004), os autores argumentam que a principal diferença entre os processos é o fato de a composição preservar a estrutura e a pauta acentual das bases que se combinam, resultando em duas palavras prosódicas, enquanto o *blend* se caracteriza pela falta de encadeamento entre as bases, resultando uma em palavra prosódica. Além disso, segundo os linguistas, a composição tende a gerar, quase sempre, substantivos em português (*cavalo-marinho*, *couve-flor*, *guarda-roupa*) a partir de diferentes formas (livres e presas) que se combinam conforme suas particularidades semânticas e gramaticais. Nota-se, portanto, que o tipo de categoria de produto, de fato, é um diferencial importante dos compostos. Por exemplo, em *guarda-chuva*, há a combinação de "guarda" (substantivo) e "chuva" (substantivo) para criar uma nova palavra. Nesse contexto, a categoria gramatical das palavras envolvidas é fundamental para determinar como elas se combinam e como a nova palavra funciona gramaticalmente.

Os *blends*, em contrapartida, podem gerar padrões morfológicos (cf. quadro 4), além de substantivo, como adjetivo e advérbio, aparentando ser mais flexível em relação às categorias gramaticais das bases originais.

Quadro 4 – Padrões morfológicos de formação dos *blends* com bases da mesma classe gramatical

Base 1	Base 2	<i>Blend</i>	Classe de palavra
a. namorado (S)	marido (S)	namorido	Substantivo
b. extrovertido (A)	tímido (A)	extrovertímido	Adjetivo
c. roubar (V)	compartilhar (V)	roubartilhar	Verbo
d. não (Adv.)	sim (Adv.)	nim	Advérbio

Fonte: adaptado de Amorim (2012, p. 9).

Como descritos no quadro 4, *blends* podem ser gerados nas classes dos substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Embora sejam apresentados exemplos de *blends* formados por bases de classes iguais, eles podem ser formados com bases de classes gramaticais diferentes (cf. ANDRADE, 2008), quais sejam, substantivo + adjetivo (*barbeludo* << *barbudo* + *cabeludo*), adjetivo + substantivo (*asquerola* << *asquerosa* + *acerola*), verbo + substantivo

(*aborrescente* << *aborrecer* + *adolescente*). De acordo com Silva (2019, p. 19), essa proposta “valida o fato de a classe gramatical das bases não interferir no processo do cruzamento”. Em outras palavras, embora a categoria gramatical ainda seja relevante, os *blends* frequentemente envolvem fusão ou sobreposição de partes das palavras originais, criando uma palavra única que pode não seguir as categorias gramaticais das bases de onde foram oriundos.

Amorim (2012), então, propõe uma regra para as possíveis combinações morfológicas que as bases podem apresentar para gerar um *blend*, além de apontar uma análise combinatória que o fenômeno pode assumir, como apresentado em 6:

$$(6) [X_{(S)(A)(V)} + Y_{(S)(A)(V)}] = [Z_{(SS),(SA),(SV),(AS),(AA),(VS),(VV)}]$$

Fonte: Amorim (2012, p. 9).

Amorim (2012) discute que a língua portuguesa só admite essas possíveis combinações. No entanto, o autor esclarece que “esta análise combinatória não é total uma vez que não ocorrem todas as combinações possíveis” (AMORIM, 2012, p. 9). Podemos atestar este argumento a partir dos nossos dados, pois encontramos um *blend* adverbial (exemplo *d* do quadro 4). Encontramos, também, um *blend* formado por uma base antroponímica e uma base adverbial, *Dilmais* (*Dilma* + *mais*). Porém, apesar de acionar uma base adverbial para qualificar a base antroponímica (cf. SILVA, 2019), o *blend* resulta em um substantivo. Em nossos dados, ainda, encontramos um exemplo de *blend* formado por uma onomatopeia mais um substantivo, *aumigo* (*au* + *amigo*), e um exemplo formado por um pronome mais um substantivo, *euquipe* (*eu* + *equipe*). Apesar disso, estes exemplos, embora formados por, pelo menos, uma base com onomatopeia e por um pronome, respectivamente, resultam em *blends* substantivos.

Encontramos, igualmente, exemplos de *blends* formados por uma sigla mais um adjetivo ou substantivo, como *abralindos* que mescla a sigla *Abralin* (Associação Brasileira de Linguística) com o adjetivo *lindo(s)*; *bradescravo* que mescla a sigla *Bradesco* (Banco Brasileiro de descontos) com o substantivo *escravo* e *BBBzenda*, que mescla a sigla *BBB* (*Big Brother Brasil*) com o substantivo *fazenda*. Dessa forma, conforme suscitado por Amorim (2012), a análise combinatória na formação de um *blend* passa por uma ampliação a partir da que foi feita, por ele, anteriormente. Esses dados são exemplos contundentes, porque apontam para mais uma diferença entre *blends* e compostos: os primeiros aparentam ser mais flexíveis com relação ao seu padrão morfológico.

Com a ampliação da análise combinatória, observamos que os *blends* no PB não se esgotam em formações por classes gramaticais, podendo ser criados por outras categorias

morfológicas como a onomatopeia e a siglagem. Ressaltamos, ainda, que essas formações que encontramos, em nossos dados, embora aparentem não ser produtivas, apontam para o fato de que é possível gerar *blends*, não só por classes gramaticais iguais e diferentes entre as bases, mas também por diferentes categorias. Em suma, os *blends* “partem da unificação de materiais morfológicos, mas não da mesma categorização” (AMORIM, 2012, p. 7). É importante frisar, também, que, como a recorrência dos *blends* é latente na língua (cf. BRAGA; PACHECO; ROCHA, 2022), essa análise combinatória pode ter ampliação futuramente.

Acerca do caráter semântico dos compostos, Sandmman (1997) descreve-os enquanto endocêntricos e exocêntricos. Para aqueles, o autor define um composto cujo sentido remete a uma ou as duas palavras de que são oriundos, como *peixe-agulha* (peixe se refere diretamente ao objeto que designa). Para estes, a sequência toda do composto é empregada figura ou metaforicamente, distanciando-se, desse modo, das palavras que o designa, como *perna-de-moça*, em que “o núcleo *perna* não se refere isoladamente a peixe, porém só o todo tem peixe como referente” (SANDMANN, 1997, p. 43, grifos do autor).

Andrade e Rondinini (2016) respaldam-se em Rio-Torto e Ribeiro (2012) para explicar que muitos compostos podem ser endocêntricos categorial e morfológicamente, e exocêntricos semanticamente, como por exemplo *pé de galinha* que denota ruga no canto dos olhos. Para Andrade e Rondinini (2016, p. 868), neste exemplo, há uma “cabeça categorial e morfológica, pé, que não funciona como cabeça semântica, já que o composto como um todo não é hipônimo de nenhum de seus constituintes”. Ainda, segundo eles, é viável que haja compostos, como *cabeça-chata* (refere-se a alguém que nasceu no Nordeste, especificamente na região do Ceará), que podem ser morfológica e semanticamente exocêntricos, mas endocêntricos no âmbito categorial.

No que tange aos processos de composição, Kehdi (1997, p. 35) descreve a composição como “um processo de formação lexical que consiste na criação de palavras novas pela combinação de vocábulos já existentes”. Com, apenas, esta definição, poderíamos afirmar que o *blend* se caracterizaria como um tipo de composição. No entanto, o autor assinala que numa palavra composta

Os elementos primitivos perdem a significação própria em benefício de um único conceito, novo, global. Um substantivo como *amor-perfeito* designa uma flor e, em qualquer contexto em que figure, pode comutar com uma palavra simples, como *rosa*, *margarida* ou *cravo*. Referimo-nos, naturalmente a uma comutação formal – isso não significa que esses nomes sejam sinônimos (KEHDI, 1997, p. 35).

Com base no argumento de Kehdi (1997), constatamos, portanto, que, na formação de palavras por composição, majoritariamente, a palavra resultante não remete às suas bases de origem. Diferente do significado dos *blends* que, quase sempre, remete às bases dos quais foram oriundos. A palavra *advogada* significa uma mulher que exerce a profissão de advogada e é considerada muito bonita (o substantivo ‘gata’ pode ser usado como um termo informal para elogiar uma mulher). Neste exemplo, as duas bases serviram de parâmetro para o significado da palavra resultante.

Andrade e Rondini (2016) – já se distinguindo de Marangoni Jr. (2021) – defendem que os compostos regulares se afastam dos *blends*, pois aqueles podem se dissociar, total ou parcialmente, dos significados de suas bases, como em *pé-de-moleque*, semanticamente exocêntrico e *pele-vermelha*, semanticamente endocêntrico. Por outro lado, *blends*, segundo eles, serão sempre endocêntricos, pois, “graças à fusão eminente de suas bases, impõem uma leitura/interpretação composicional, uma vez que expressam, predominantemente, atitude avaliativa do falante em relação ao referente: boadrasta (boa + madrasta), marginata (marginal + magnata)” (ANDRADE; RONDININI, 2016, p. 881).

Contudo, por isso usamos o termo anteriormente ‘quase sempre’, alguns *blends* dos nossos dados apresentaram caráter exocêntrico, a exemplo de *bruboi* (*Brumado* + *boi*) que se refere a um restaurante, localizado na cidade de Brumado/BA. Esse dado levanta a hipótese de que *blends*, nem sempre serão exocêntricos como defendem ANDRADE; RONDININI (2016). Traremos maiores discussões acerca do caráter semântico dos *blends* na próxima seção.

Algumas abordagens cognitivistas (cf. KEMMER, 2003; LAHLOU; ABDULLAH, 2012; 2021) discutem que os aspectos fonológicos dos *blends* podem ser explicados por meio da metonímia, pois os fragmentos que compõem o fenômeno fornecem acesso às bases que lhes deram origem. Se tomarmos o *blend* *portunhol* (*português* + *espanhol*) como exemplo, seguindo tal abordagem, *portu-* e *-nhol*, além de não serem morfemas, são as partes fonológicas escolhidas para o nível fonético e irão desencadear o significado de que o *blend* necessita. Lahlou e Ho-Abdullah (2021, p. 1691, tradução nossa) defendem que

compostos e *blends* não são apenas uma fusão de lexemas ou porções de lexemas, mas também uma fusão de conceitos. Em outras palavras, os significados das palavras se fundem e assim se expandem para novos significados³².

³² *Compounds and blends are not only a fusion of lexemes or portions of lexemes but also a merging of concepts. In other words, meanings of words merge and so expand to new meanings.*

Mediante essas abordagens, é possível notar a grande complexidade que é o *blend* e sua relação com os compostos. Assumiremos, neste trabalho, que o fenômeno se diferencia dos compostos, uma vez que os aspectos semântico-fonológicos, critérios importantes em sua investigação, são motivados sob um viés distinto ao dos compostos regulares: em termos fonológicos *blends* tendem a suprimir material fônico (segmental e/ou silábico) e compostos mantêm a integridade fonológica na forma resultante e, em termos semânticos, *blends* tendem a ser mais endocêntricos, enquanto muitos compostos podem ser exocêntricos.

Com base em tudo que foi discutido, até aqui, acerca do fenômeno, evidenciamos que, embora seja considerado um processo, tipicamente, morfológico, sua formação é gerida por questões semânticas e fonológicas. Além disso, como se trata de um fenômeno que une duas palavras para formar uma terceira, o *blend* apresenta convergências e divergências com o processo da composição. Apesar de todas essas discussões feitas, trazemos de volta a pergunta levantada no início desta seção: qual o lugar do *blend* no léxico?

Antes de tudo, precisamos entender que o *blend* se trata de um fenômeno neológico que cria palavras novas na língua a partir de outras que já existem. Sobre o caráter neológico do processo, mesmo sendo formado por duas bases, podemos nos respaldar em Serra (2018), p. 138) quando afirma que neologismo “pode ser uma palavra nova, ou ainda, pode ser uma nova acepção dada a uma já existente”. Neste sentido, *blends* existem pela necessidade que o falante tem em significar algo ou alguém a partir das bases de que são oriundos.

Além disso, ao juntar duas bases para formar uma terceira, o falante propõe a significação de duas coisas em uma só palavra e isso resulta em uma condição avaliativa, jocosa, como defende Marangoni Jr. (2021). Esta avaliação pode ser considerada pelo *fator humorfológico* (BASÍLIO, 2005), ou mais que isso, pois “o valor expressivo do cruzamento vocabular esclarece esse objetivo por meio não só do fator humorfológico, mas de todos os cruzamentos que veiculam um sentimento ou uma avaliação por parte do falante” (SILVA, 2019, p. 34). O exemplo que trouxemos na seção anterior, *procu* (*projeto* + *Curicica*), produzido por Pedro Bial, ratifica esse argumento de Silva (2019).

Ao tomarmos, como base, os aspectos quem envolvem o *blend*, quais sejam, fonético-fonológico, morfossintático e semântico-pragmático, evidenciamos que ele passa pelos mesmos processos que toda palavra passa para garantir sua lexicalização na língua: i- adapta-se às regras fonotáticas de um sistema linguístico; ii- segue os padrões morfosintagmáticos para determinar a classe gramatical da palavra e iii- existe a partir de um contexto semântico-pragmático que o falante desenvolve. Os *blends* formados por uma base da língua nativa com um *blend* de outra língua (cf. quadro 5) evidenciam, ainda mais, estas constatações:

Quadro 5 – *Blends* formados por uma base do PB + base estrangeira

Blend	Fonotaxe	Morfossintaxe	Semântica/pragmática
bolsominion (Bolsonaro + <i>minion</i>)	/boLso'miniuN/	Substantivo (subordinação)	Apelido atribuído a eleitores do político Jair Messias Bolsonaro.
hellcife (<i>hell</i> + Recife)	/xɛu'sifi/	Substantivo (subordinação)	Apelido atribuído à cidade de Recife em dias quentes.
macakids (macaco + <i>kids</i>)	/maka'kidis/	Substantivo (subordinação)	Marca de conteúdo e entretenimento infantil que valoriza a sustentabilidade ambiental.
maravigold (maravilhosa + <i>gold</i>)	/maravi'goLdi/	Adjetivo (coordenação)	Linda, deslumbrante ³³ .

Fonte: elaboração própria.

A partir do quadro 5, podemos observar que a lexicalização dos *blends* passa por todo o processo natural que um sistema linguístico dispõe. Com relação à lexicalização dos compostos, Villalva (1994, p. 296) constata que os “compostos por justaposição sofrem apenas uma lexicalização semântica [...]”. Parafraseando a autora, podemos inferir que os *blends* sofrem, não só lexicalização semântica, mas também lexicalização formal, isto é, há supressão e/ou compartilhamento em sua estrutura morfológica³⁴.

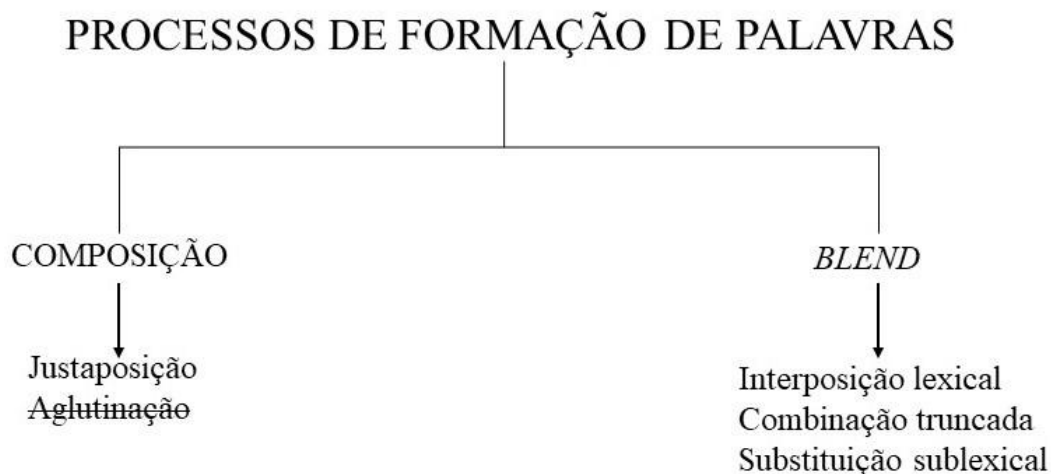
Diante de todas as discussões sobre convergências e divergências entre os processos, defendemos que os *blends* se distinguem dos compostos por todos os argumentos, aqui, trazidos. Mais que isso, respaldados em Adams (1973) que considera a operação morfológica como um tipo diferente de formação de palavras, assumimos que os *blends*, tanto quanto a composição (cf. RALLI, 2010), pertencem ao grupo dos processos de formação de palavras³⁵, conforme descreve a figura 2

³³ O *blend* *maravigod* surgiu na *Internet*, quando uma garota, Tatielly Lima, postou um vídeo e usou a palavra. O Significado dado, aqui, baseou-se na resposta dada pela garota ao *blend*.

³⁴ Villalva (1994) usa essa afirmação ao discutir sobre o processo da aglutinação, como trouxemos na introdução deste trabalho.

³⁵ Cabe ressaltar que o processo de formação de palavras abarca mais processos, como a derivação, por exemplo. No entanto, apresentamos apenas a composição, uma vez que tem relação direta com o fenômeno, aqui, estudado que unem duas palavras.

Figura 2 – Descrição dos processos de formação de palavras do PB a partir de mais de uma base.



Fonte: elaboração própria.

A figura 2 apresenta a relação dos processos de formação de palavras a partir de mais de uma base. De um lado, tem-se a composição, com o seu padrão, **justaposição**, que mantém todos os segmentos em sua formação (*girassol*, *passatempo*). Nossa proposta, então, exclui os **aglutinados**, uma vez que não se trata de um processo produtivo e ativo na língua, além de se comportarem como palavra simples no português atuante por apresentar apenas um acento (cf. VILLALVA, 2020) e, ainda, não ser um processo pertencente, apenas ao nível morfológico, como já discutimos em outros momentos nesta tese.

Do outro, tem-se o *blends* que podem ser formados a partir dos padrões de **interposição lexical**, quando apresentam alguma semelhança fônica (*chafé*, *namorido*), **combinação truncada**, quando não compartilham material fônico (*futelama*, *portunhol*) e **substituição sublexical**, padrão que tem uma parte de sua base promovida à condição de palavra e, em seguida, sendo substituída (*boacumaba*, *frátria*).

Apresentadas todas essas discussões acerca das convergências e divergências entre a composição e o *blend*, propomos uma síntese das diferenças significativas entre ambos os processos valendo-nos de Pereira (2016):

- i. a composição permite a junção de mais do que duas bases, enquanto os produtos de cruzamento vocabular atestados resultam da junção de apenas duas bases;
- ii. nos compostos, as bases são preenchidas por constituintes morfológicos (radicais ou palavras); no cruzamento vocabular, como o conteúdo segmental

das bases não é integralmente preservado, não são reconhecíveis constituintes morfológicos;

iii. a composição preserva a sequencialidade linear dos constituintes; no cruzamento vocabular há rutura da sequencialidade linear, por meio de sobreposição;

[...]

v. a composição é regida por princípios morfológicos ou morfossintáticos; o cruzamento vocabular obedece a certas condições prosódicas, pelo que é um processo que se situa na interseção da morfologia com a fonologia/prosódia” (PEREIRA, 2016, p. 523-524).

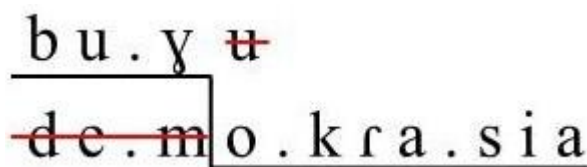
As constatações feitas sobre esses dois processos, então, apontam que a composição pode pertencer à morfologia concatenativa e o *blend* pode se inserir no campo da morfologia não concatenativa (PEREIRA, 2016; GONÇALVES, 2019; VILLALVA, 2020; BEVILACQUA; SILVA, 2021).

Em vista disso, podemos inferir que, independentemente, da forma como são analisados, todos esses processos contribuem para a ampliação do léxico e o *blend* é um fenômeno que tem ganhado um certo destaque nos últimos anos, dada à sua propagação de uso em diferentes contextos comunicativos, sobretudo nas redes sociais – ambiente de uso muito recorrente entre a maior parte da população atualmente.

3.2 O *lexiritmo*³⁶ dos *blends*: supressão e sobreposição em sua formação

Como já foi discutido ao longo deste trabalho, uma das principais motivações que envolve o processo é o fato de ele apresentar supressão e/ou sobreposição de material fonológico em sua formação. Isso proporciona um encurtamento das bases para formar uma terceira palavra, conforme ilustra a representação³⁷ a partir do diagrama 2

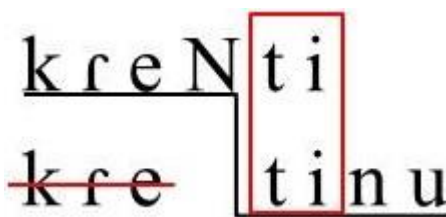
Diagrama 2 – Representação da quebra na criação do *blend burrocracia*



Fonte: Adaptado de Silva (2019).

O diagrama 2 mostra que, durante o processo de formação do *blend burrocracia* (*burro* + *democracia*), a segunda base tem a parte inicial suprimida e, por fim, antes da criação final da palavra, a primeira base tem supressão de um elemento fonológico, a vogal /u/. Com isso, é aproveitada a vogal média fechada, /o/, da segunda base para que o *blend* tenha sua estrutura completa. Contudo, embora a supressão seja característica marcante no fenômeno, há situações em que *blends* se desencadeiam, também, pela sobreposição fonológica (Cf. diagrama 3)

Diagrama 3 – Representação da quebra na criação do *blend crentino*.



Fonte: Adaptado de Silva (2019).

O exemplo do diagrama 3 revela que, no PB, alguns *blends* podem ser criados não apenas com supressão de material fônico. É possível deduzir que em *crentino* (*crente* + *cretino*)

³⁶ O *blend* foi criado, por nós, a partir das bases *léxico* e *ritmo*.

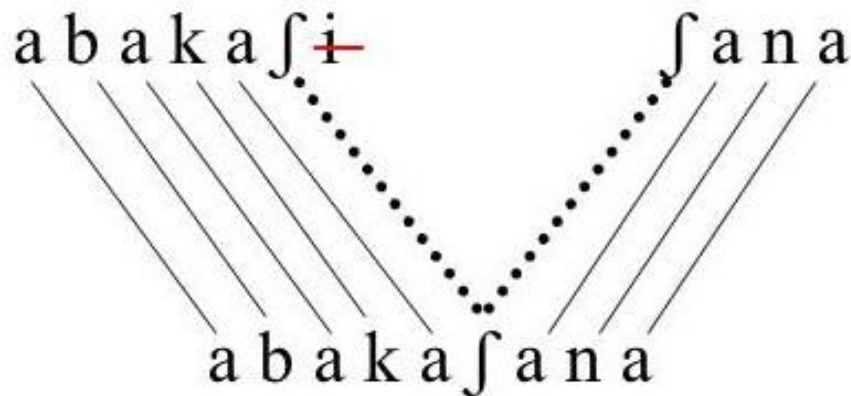
³⁷ Tomamos, como base, a proposta de Silva (2019) que apresenta representações na quebra na formação de um *blend*. “Nessa proposta de representação, a linha contínua preta sublinha todos os segmentos das bases que foram aproveitados no produto final do CV (*cruzamento vocabular*). O retângulo vermelho abrange os segmentos ambimorfêmicos. E, por último, a linha contínua vermelha risca os segmentos descartados no produto final” (SILVA, 2019, p. 73, grifos nossos).

a base 1 mantém, na íntegra, todo material fonológico, enquanto a base 2 sofre a supressão de sua primeira sílaba, embora esta apresente semelhança fônica com a primeira sílaba da base 1. No entanto, como o coda, /N/, da primeira base, é promovido para o nível fonético, não há como considerar que a o início da segunda base se sobrepõe ao da primeira. A sobreposição, nesse caso, ocorre no ponto da quebra em que as bases são mescladas, uma vez que as sílabas adjacentes são iguais, /ti/. Estes argumentos ratificam o fato de que “caso haja segmentos fonológicos idênticos entre as palavras-fonte, é neste ponto que temos a junção entre as palavras-fonte e temos, assim, sobreposição” (MARANGONI JR., 2021, p. 166).

O ponto da quebra, então, pode ocasionar a sobreposição em determinados *blends*. É o ponto, também, onde ocorre compartilhamento de material segmental ou silábico entre si. Podemos inferir, então, que estamos diante do padrão interposição lexical que compartilha segmentos entre si, desde que tais segmentos ocupem a mesma posição na estrutura da sílaba em ambas as bases. Marangoni Jr. (2021) discute, ainda, que se não houver identificação fonológica, as bases se juntam no ponto de maior similaridade fonológica. Ocorre, dessa maneira, um respeito à constituição das fronteiras silábicas e à divisão interna à sílaba. Dessa maneira, não havendo compartilhamento de material fônico, estamos diante do padrão combinação truncada.

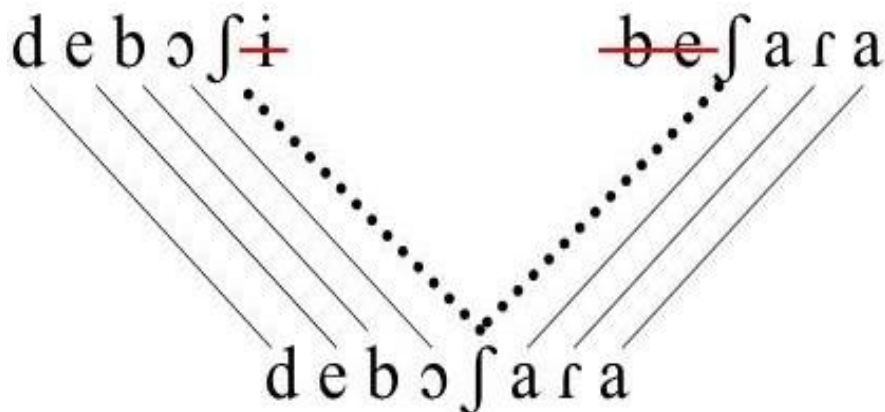
Sendo assim, essas discussões levam-nos ao seguinte questionamento: Sendo os *blends* desencadeados por supressão e/ou sobreposição fonológica, podem ser motivados a partir de algum processo fonológico? Uma possível resposta é dada por Gonçalves (2006a) e Silva (2019) que defendem que o processo não resulta de mudanças fonologicamente motivadas que levam a perdas segmentais, sendo impossível recuperá-lo por meio de processos fonológicos, como crase, elisão e haplologia. Ainda que a resposta dos linguistas seja coerente, uma vez que a motivação fonológica resulta da formação da operação morfológica e não o contrário, quando concebemos o *blend* como um típico processo morfológico que une duas bases, este se sujeita a uma espécie de linearização fonológica, onde processos fonológicos, como a fusão, a haplologia, podem atuar (Cf. diagramas 4 e 5)

Diagrama 4 – Representação do compartilhamento segmental entre as bases do *blend* *abacaxana* (*abacaxi* + *xana*).



Fonte: Adaptado de Piñeros (2000).

Diagrama 5 – Representação do compartilhamento segmental entre as bases do *blend* *Debochara* (*deboche* + *Bechara*).



Fonte: Adaptado de Piñeros (2000).

Como já discutimos, no início desta seção, alguns *blends* podem apresentar sobreposição. Podemos observar que nas representações dos diagramas 4 e 5 essa sobreposição é ocasionada através do ponto de quebra, antecedida pela supressão da vogal //i/ no final da primeira base e, ainda da sílaba /be/ no início da segunda base do diagrama 5. A fricativa pós-aveolar surda é sobreposta e, automaticamente, compartilhada entre as bases. A sobreposição, nesse caso, proporciona uma linearização fonológica, promovendo uma fusão segmental entre os segmentos adjacentes idênticos.

Acerca da sobreposição no nível da sílaba, trouxemos o exemplo de *diplomamata* (*diploma* + *mamata*) na seção de revisão de literatura. Esse *blend* elucida a ideia de que, nem sempre, o fenômeno será formado por meio da supressão, como em *crentino* que, embora

mesclado por sobreposição, apresente supressão antes. O ponto de quebra em *diplomamata* ocorre, exatamente, no momento em que as bases se unem: a sílaba /ma/ no final da base 1 e no início da base 2, logo, adjacentes, sobrepõem-se entre si. Teríamos, então, um exemplo de haplologia?

Battisti (2005) constata que o aspecto preponderante para a ocorrência da haplologia é a similaridade das sílabas em sequências. Com isso, Braga e Pacheco (2019) e Braga (2019) discutem que alguns *blends*, que compartilham material fônico, podem proporcionar a ocorrência da haplologia, como *acarajéssica* (*acarajé* + *Jéssica*) e *borboletras* (*borboleta* + *letras*), uma vez que sílabas idênticas e contíguas se fundem ou se apagam. Os autores fazem uma investigação da natureza do fenômeno fonológico para discutir que, quando ocorrer no *blend*, nem sempre será por fusão, isto é, apenas pela sobreposição. Braga (2019) apresenta um princípio que rege sobre o fenômeno fonológico, denominando como balanceamento de sílabas entre as bases. O quadro 6 descreve a natureza da haplologia ocorrendo na operação morfológica

Quadro 6 – Esquema representacional com ocorrência da haplologia com natureza de fusão e de apagamento no processo do *blend*

Base 1	Base 2	Supressão de sílaba	Fusão	Blend c/ haplologia	Balanceamento de sílabas
a. Saco	Picolé	*sacopicolé	*sacocolé	sacolé	sa.co.lé 1 21 2
b. Chato	Mattoso	*chatomattoso	*chatottoso	chattoso	cha.tto.so 1 21 2
Base 1	Base 2	Supressão de sílaba	Apagamento	Blend c/ haplologia	Balanceamento de sílabas
c. Borboleta	Letras	*borboletaletas	*borboletras	Borboletras	Bor.bo.le.tras 1 2 1 2
d. Advogada	Gata	*advogadagata	*advogagata	Advogata	Ad.vo.ga.ta 1 2 1 2

Fonte: Adaptado de Braga (2019).

Braga (2019) discute que os exemplos *a* e *b* apresentam *blends* haplologizados com natureza de fusão, porque as sílabas, ao se sobreporem, proporcionam um balanceamento das sílabas entre as bases. Caso considerasse a natureza como apagamento, seria perdido de vista o balanceamento entre as sílabas. Sendo assim, as sílabas que ocasionam a haplologia estariam tanto para base da esquerda, quanto para base da direita.

Em contraponto, os exemplos em *c* e *d* apresentam a natureza da haplologia, nos *blends*, por apagamento, pois as bases apresentam número diferente de sílabas: as bases da esquerda, *borboleta* e *advogada*, são polissílabas, enquanto as bases da direita, *letras* e *gata*, são dissílabas. Neste caso, para assegurar o princípio do balanceamento de sílaba entre as bases, Braga (2019) explana que as sílabas haplogizadas da base da esquerda são apagadas e o equilíbrio entre as sílabas fica mantido. A constatação de Braga (2019) parece-nos coerente, pois a partir da formação de alguns *blends*, a haplologia pode ser acionada para proporcionar um balanceamento de sílaba(s) entre as bases. Em resumo, o *blend* é formado e pode apresentar uma quebra, suprimindo e/ou sobrepondo sílaba(s), a seguir, a haplologia pode ser acionada. Em *promochila* (*promosauN* + *moçila*), por exemplo, as bases se unem e a primeira base sofre a ruptura com a supressão de sua última sílaba, /sauN/. A seguir, as duas sílabas adjacentes, /mo/, são idênticas, se sobrepõem no nível fonético e configuram-se como haplologia.

Podemos inferir, então, que a sobreposição de alguns *blends*, especificamente os formados por interposição lexical, pode estar relacionada com processos fonológicos, como fusão segmental e haplologia “e a perda de sílaba ou sílabas está relacionada ao balanceamento do número de sílabas das bases da palavra formada” (BRAGA, 2019, p. 79).

Em nossos dados, de 750 *blends*, 78 apresentaram ocorrência da haplologia, correspondendo a 10%.³⁸ Esta porcentagem pode parecer pequena, mas não é. Esse resultado revela o quanto o processo fonológico se desencadeia com recorrência na operação morfológica, quando encontra ambiente propício, ou seja, sílabas contíguas e idênticas, além de revelar que uma análise, por meio de aspectos fonológicos, é importante para descrever os *blends* também.

Por meio do nosso levantamento, verificamos que a ocorrência da haplologia pode se desencadear, em *blends*, tanto em sílabas leves, quanto em sílabas pesadas, conforme ilustra o quadro 7:

³⁸ Os *blends* haplogizados podem ser conferidos no apêndice A desta tese.

Quadro 7 - *Blends* haplogizados

<i>Blends</i> haplogizados com sílaba leve	<i>Blends</i> haplogizados com sílaba pesada
a. abaka'fiki << abaka'f̥i + 'fiki	e. axgumeN'tira << axgu'meNtu + meN'tira
b. kaipi'rōka << kaip̥i'rija + pi'rōka	f. fapo'liNdu << fapo'liN + 'liNdu
c. diploma'mata << di'ploma + ma'mata	g. NeimaRke'zini << Nei'maR + MaRke'zini
d. meiga'lija << 'meiga + ga'lija	h. prezi'deNgi << prezi'deNti + 'deNgi

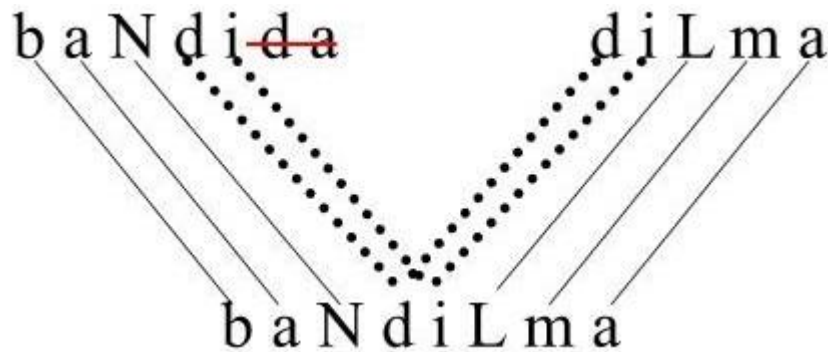
Fonte: elaboração própria.

A partir do quadro 7, podemos deduzir, então, que a motivação que leva a ocorrência da haplologia é no nível silábico, seja a sílaba leve ou pesada. Essa motivação decorre de uma fusão ou apagamento, feitos entre as sílabas envolvidas no ponto da quebra onde o *blend* é formado. A ocorrência da haplologia pode ser direta, quando as bases se mesclam, como *a*, *c*, *d*, *f*, *g* ou após a supressão de sílaba(s), observada nos exemplos *b*, *e* e *h*.

Em nossos dados, também, encontramos exemplos de *blends* que podem ser considerados como haplogizados, como *Bandilma* (*bandida* + *Dilma*), e *Neymaravilha* (*Neymar* + *maravilha*). Nesses *blends*, ainda que as sílabas não sejam idênticas entre si, apresentam certa semelhança fonológica. A haplologia decorre não apenas pela igualdade das sílabas, mas também quando uma está seguida por outra, foneticamente, semelhante, conforme defendem Alkmim e Gomes (1982)³⁹. Nesses casos, a haplologia é constituída com a maior porção idêntica que a sílaba apresenta, ou seja, o *onset* e a rima. Apresentamos, nos diagramas 6 e 7, a representação das sílabas semelhantes das bases como forma de elucidar nosso argumento:

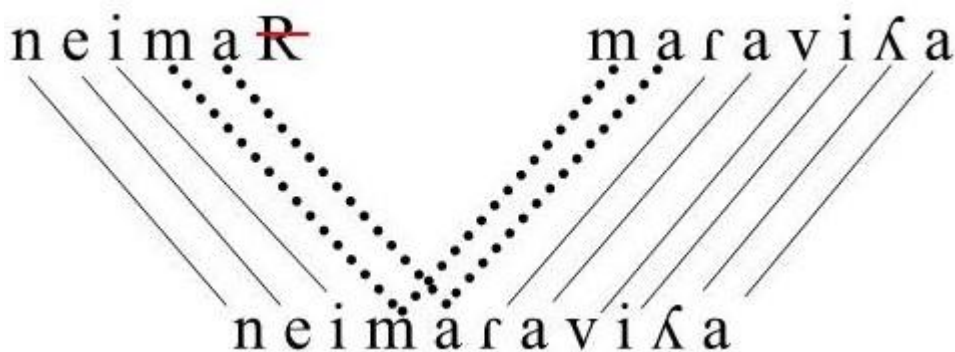
³⁹ É importante frisar que Alkmim e Gomes (1982) fizeram uma análise da haplologia sintática a partir dos traços. Como não é escopo deste trabalho, não nos debruçaremos com maior profundidade sobre essa questão.

Diagrama 6 – Representação do compartilhamento silábico entre as bases do *blend* *Bandilma* (*bandida* + *Dilma*).



Fonte: Adaptado de Piñeros (2000).

Diagrama 7 – Representação do compartilhamento silábico entre as bases do *blend* *Neymaravilha* (*Neymar* + *maravilha*).



Fonte: Adaptado de Piñeros (2000).

Sendo assim, a partir dos diagramas 6 e 7, é possível observar que a maior parte das sílabas são haplologizadas. Em 6, a base da esquerda apresenta uma sílaba leve, enquanto a base da direita apresenta uma sílaba pesada com o arquifonema lateral /L/, sendo este aproveitado para a formação do *blend*. Em 7, situação contrária ocorre: a sílaba da esquerda é promovida para o nível fonológico, sendo suprimido, então, o arquifonema rótico, /R/, presente no final da base 1. Como sugere Silva (2019, p. 73), “quando se fala em bases (des)semelhantes no cruzamento vocabular, não se deve atentar apenas para os segmentos em comum entre as bases, mas também para a posição estrutural que esses segmentos ocupam em cada uma”. Dessa maneira, embora representem segmentos róticos, o primeiro, o arquifonema, tende a ser produzido como uma fricativa velar surda [x], enquanto o segundo, na base 2, é produzido como tepe, já representado no diagrama 7.

Observamos, também, que, aparentemente, a pauta acentual das bases parece não inviabilizar a ocorrência da haplologia, quando os *blends* são gerados. Por um lado, nos

exemplos *b*, *c*, *d* e *g*, do quadro 7, as bases têm a pauta acentual em lugares diferentes e, ainda assim, ocorre o fenômeno fonológico. Por outro lado, nos exemplos *a*, *e*, *f* e *h*, as bases têm o mesmo lugar de acento e, também, proporciona a ocorrência da haplologia. Estes dados contrastam, também, o argumento de Alkmim e Gomes (1982) e ratificam a proposição de Battisti (2005), de que há ocorrência do processo fonológico em contextos em que a segunda vogal é tônica. Podemos deduzir, então, que a operação fonológica ocorre apenas no nível silábico. Aparentemente, também, parece ser possível que a formação da operação morfológica tende a acessar questões acentuais. Observaremos esta situação com mais detalhe na seção 4 sobre a pauta acentual dos *blends*.

Os *blends* *abacaxique*, *meigalinha*, *Chapolindo* e *Neymarquezine* se diferenciam dos demais *blends* do quadro 7, porque o processo fonológico ocorre no ponto em que as bases se encontram para gerar o processo morfológico. Os demais *blends* apresentam supressão de sílaba em alguma das bases e, em seguida, ocorre a haplologia. Como estão, os exemplos, acima mencionados, aparentam ser desencadeado por algum processo fonológico, como já discutimos anteriormente. No entanto, o processo fonológico ocorre, apenas, para adequação do *blend* ao ritmo da língua (cf. BRAGA; PACHECO, 2019). Em outras palavras, a ocorrência da haplologia na formação de determinados *blends* promove uma economia à produção da palavra criada. Nesse contexto, pautamo-nos no princípio do balanceamento de sílaba(s) por apagamento, proposto por Braga (2019) (cf. quadro 8):

Quadro 8 – Esquema representacional com ocorrência da haplologia com natureza de apagamento no processo do *blend*

Base 1	Base 2	Apagamento	Blend c/ haplologia	Balanceamento de sílabas
a. abacaxi	chique	*abacaxi chiqu e	Abacaxique	a.ba.ca.xi.que 1 2 3 1 2
b. meiga	galinha	*meiga galinha	Meigalinha	mei.ga.li.nha 1 2 1 2
c. Chapolin	lindo	*Chapoli lind o	Chapolindo	Cha.po.lin.do 1 2 1 2
d. Neymar	Marquezine	*Neymar marq uezine	Neymarquezine	Ney.mar.que.zi.ne 1 2 1 2 3

Fonte: Adaptado de Braga (2019).

Como já discutimos, ao longo desta subseção, a operação morfológica pode apresentar tanto supressão, quanto sobreposição (ou fusão) em sua formação. Os *blends* descritos no quadro 8, poderiam ser formados, apenas, pela sobreposição. No entanto, levando em conta o

balanceamento de sílaba(s) entre as bases, consideramos que ocorre uma supressão silábica na base de maior número para que ocorra um equilíbrio rítmico entre as bases. Em suma, podemos lançar mão do balanceamento de sílaba(s), sem perder de vista a formação da palavra como um *blend*. Como a haplologia ocorre no ponto em que as bases se encontram, uma das bases suprime uma sílaba – a que apresenta o maior número de sílabas – já que são adjacentes e são idênticas ou semelhantes. Portanto, os *blends*, haplogizados no ponto em que as bases se encontram, apresentam a eliminação de uma parte, isto é, uma porção fonológica, porque ela ocorre na outra parte (cf. POUND, 1914).

Como já foi dito, anteriormente, nesta tese, o *blend* é um fenômeno complexo e muitos trabalhos foram desenvolvidos na tentativa de descrevê-lo. Uma característica, diante de diversas, é o número de sílabas que, sem dúvidas, foi uma das observações feitas e analisadas. Por isso, o argumento de Braga (2019) torna-se pertinente, quando discute que uma das grandes características dos *blends* seja a supressão de sílaba(s), embora haja alguns *blends*, apenas, com supressão de segmento. Abaixo, cf. (7), podemos atentar melhor a algumas análises sobre o número de sílabas dos *blends*:

(7)

Bat-El (2006) – *blends* têm o mesmo número de sílabas que a palavra-fonte à direita;

Bauer (2012) – *blends* não podem ser maiores, em termos de número de sílabas, que a palavra-fonte à direita;

Kubozono (1990) e Gries (2004) – *blends* tendem a ser minimamente tão extensos quanto a palavra-fonte à direita;

Cannon (1986) – a extensão silábica dos *blends* é idêntica à extensão da base maior;

Arndt-Lappe e Plag (2013) – a extensão silábica dos *blends* nada mais é do que um epifenômeno⁴⁰ da preservação da estrutura métrica das palavras-fonte.

Adaptado de Marangoni Jr. (2021, p. 161)

A partir dos argumentos descritos em (7), a extensão silábica dos *blends* é um ponto que precisa ser levado em consideração para análise. Em termos de motivação fonológica – questões prosódicas, silábicas e pauta acentual – verificamos que a formação do processo tenha a ver

⁴⁰ “Epifenômeno é um termo cunhado por Bye e Svenomius (2012) que é vista em termos de efeitos da resposta que a fonologia dá à realização de entradas lexicais subespecificadas ou pré-especificadas de alguma maneira” (MARANGONI JR., 2021, p. 125).

com as bases de que são oriundos. Pensando nisso, Marangoni Jr. (2021) atestou essas postulações aplicando a análise em *blends* do PB.

O estudioso fez uma coleta de 415 *blends* do PB com estruturas variadas e uma análise das sílabas da palavra formada de acordo às suas palavras-fonte. Com relação à defesa de Bat-El (2006) de que *blends* tendem a ter o mesmo número de sílabas que a palavra-fonte à direita, os resultados do autor apontaram que, dos 411 *blends* analisados, 170 dados apresentaram o mesmo número de sílabas da base mais à direita, como *dramédia* (*drama* + *comédia*) com 3 sílabas, o mesmo número na base da direita e *escragiário* (*escravo* + *estagiário*), com 5 sílabas, também, o mesmo número da base da direita.

Por outro lado, 241 dados não apresentaram o mesmo número de sílabas da palavra-fonte mais à direita. Tem-se, então, “*cariúcho* (*carioca* + *gaúcho*), em que o *blend* apresenta 4 sílabas e a segunda palavra-fonte apresenta apenas 3 sílabas, e *croasonho* (*croassaint* + *sonho*), em que o *blend* apresenta 4 sílabas e a segunda palavra-fonte apresenta apenas 2 sílabas” (MARANGONI JÚNIOR, 2021, p. 161-162). A premissa de Bat-El (2006), portanto, parece não ser categórica para os *blends* do PB.

Acerca das defesas de Bauer (2012) de que *blends* não podem ser maiores, em termos de número de sílabas, que a palavra-fonte à direita, da de Kubozono (1990) e Gries (2004) de que *blends* tendem a ser, minimamente, tão extensos quanto a palavra-fonte à direita e da de Cannon (1986) de que a extensão silábica dos *blends* é idêntica à extensão da base maior, usaremos exemplos dos nossos dados (cf. quadro 9) para atestar tais argumentos:

Quadro 9 – Extensão silábica dos *blends* do PB

Base 1	Base 2		Blend
a. al.mo.ço – 3 sil.	jan.ta – 2 sil.	>>	al.mo.jan.ta – 4 sil.
b. ca.be.lo – 3 sil.	lin.do – 2 sil.	>>	ca.be.lin.do – 4 sil.
c. di.plo.ma – 3 sil.	ma.ma.ta – 3 sil.	>>	di.plo.ma.ma.ta – 5 sil.
d. ex.tro.ver.ti.do – 5 sil.	tí.mi.do – 3 sil.	>>	ex.tro.ver.tí.mi.do – 6 sil.
e. fo.rró – 2 sil.	ro.ça – 2 sil.	>>	Fo.rró.ça – 3 sil.

Fonte: elaboração própria.

Todos os exemplos do quadro 9 mostram que os *blends* do PB podem apresentar uma extensão maior que a base da direita. Os exemplos, ainda, mostram que há possibilidade de os *blends* serem formados com uma extensão maior que ambas as bases. De todo modo, fica evidente que, apesar da importância de uma análise acerca da sílaba do processo, a quantidade

silábica não é um dos principais fatores para designar os *blends* de acordo às bases de que foram oriundos. Isso só reitera, em termos fonológicos, a complexidade desse fenômeno.

Nesta seção, analisamos a operação morfológica, levando em consideração o seu *status* no léxico. Para tanto, observamos que o fenômeno é diferente do processo de composição, uma vez sua formação é não concatenativa, enquanto os compostos são formados por concatenatividade. Essa não concatenatividade dos *blends* pode apresentar sobreposições de elementos fonológicos entre as bases, configurando-se como interposição lexical, ou, apenas, suprimindo material fonológico, configurando-se como combinação truncada. No que tange ao aspecto rítmico, alguns *blends* podem desencadear a ocorrência de alguns processos fonológicos, a saber: fusão segmental e haplologia.

4 QUEM É MAIS CONHECIDO? *BOLSOLULA* OU *LULANARO*?:

CONHECIMENTO DE PALAVRAS FORMADAS POR *BLENDS*

No contexto atual, é notória a popularidade do uso de palavras formadas por *blends*, sobretudo em ambientes virtuais, onde as pessoas manifestam suas percepções e sensações, criando palavras. Esta operação morfológica proporciona uma forma criativa de brincar com a língua e criar palavras que capturam conceitos de maneira eficaz e, muitas vezes, humorística. Ela reflete a natureza evolutiva da linguagem, que está constantemente se adaptando e se transformando, especialmente no ambiente das redes sociais, em que a criatividade linguística é incentivada e compartilhada em grande escala.

Nesse sentido, podemos inferir que o *blend* é um processo produtivo e ativo na língua, uma vez que tem se propagado em diferentes ambientes para designar seres ou coisas. Pensando nisso, propomos analisar qual a percepção que os falantes têm do processo: se conhecem uma palavra formada por *blend*, ainda que não a use, isto é, produzem. Essa noção de conhecimento e uso, leva-nos o conceito de produtividade e transparência, proposto por Basílio (1980), quando afirma que produtividade está associada à formação de palavras novas.

A linguista propõe uma abordagem a partir da Regras de Análise Estrutural, doravante RAEs⁴¹. Segundo Basílio (1980), as RAEs são responsáveis por analisar e explicar a estrutura interna dos elementos que compõem palavras que já existem. Essa análise proporciona transparência na língua, permitindo que os falantes compreendam a estrutura de palavras existentes e, a partir desse entendimento, criem novas formas. A autora classifica as RAEs em transparentes ou opacas. Quando são transparentes, as partes fonéticas e funcionais das palavras e seus significados internos são identificáveis. Em contraste, se forem opacas, a estrutura da palavra pode parecer indivisível para o falante, a menos que ele consiga identificar elementos internos nela. Em palavras opacas, o falante pode não aplicar a regra de análise se não conseguir identificar esses elementos internos na palavra.

No contexto dos *blends*, as RAEs podem ser importantes para compreensão e para formação dessas novas palavras, pois um *blend* é uma palavra criada, muitas vezes, pela mescla

⁴¹ É importante ressaltar que as Regras de Análise Estrutural, propostas por Basílio (1980), surgem a partir das Regras de Formação de Palavras (RFPs), cunhadas por Aronoff (1976), que defende que a relação entre produtividade e transparência está num *continuum*, isto é, um extremo que vai do mais produtivo ao menos produtivo. Basílio (1980) propõe uma abordagem através das RAEs, contrapartida das RFPs, defendendo que, na verdade, tudo que é produtivo é transparente, mas nem tudo que é transparente é produtivo. Como nossa pretensão é apenas usar a abordagem das RAEs para fazer nossas análises, não nos estenderemos sobre as diferenças entre elas e as RFPs desenvolvidas por Aronoff (1976).

de partes de outras palavras já existentes. As RAEs, então, ajudam os falantes a analisar a estrutura (ou fragmentos) dessas novas palavras e a entender como as bases originais se unem para criar um novo significado. Por exemplo, no *blend* *namorido*, as RAEs possibilitam que os falantes identifiquem, nos fragmentos, suas bases, “namorado” e “marido”, compreendendo seus significados individuais e aplicando regras morfológicas para combiná-las de modo significativo.

Em outras palavras, as RAEs i- podem auxiliar na capacidade de reconhecer as bases de onde os *blends* são oriundos e compreender como elas se unem para formá-los, ou seja, os falantes podem analisar as palavras originais e compreender como seu significado contribui para o significado dos *blends* e ii- garantem que a formação dessas novas palavras siga os padrões fonotáticos da língua e seja compreensível para os falantes. Isso assegura que os *blends* sejam gramaticalmente adequados e semântica e fonologicamente apropriados.

Dito isso, a proposta central desta tese é fazer uma análise de questões rítmicas e acentuais sobre o fenômeno do *blend*. Contudo, durante as leituras e coletas de palavras formadas por *blends*, observamos a natureza peculiar que esta operação morfológica apresenta devido ao fato de serem contextuais, isto é, (só) são (re)conhecidas no meio em que foram criadas. Este é um dos motivos de serem consideradas, também, efêmeras: podem desaparecer da mesma maneira como surgiram. Poucos *blends* cristalizam-se na língua e têm um conhecimento unânime, como *chafé* (*chá* + *café*) e *sacolê* (*saco* + *picolé*). Pensando nisso, desenvolvemos uma pesquisa para investigar todos estes argumentos.

Independentemente da efemeridade da palavra gerada pela operação morfológica na língua, defendemos que o seu uso depende do contexto em que o *blend* é criado, ou seja, ele será produzido pelo grupo que o criou, mas seu conhecimento não, pois o falante tende a decompor, semântica e fonologicamente, o *blend* a partir dos fragmentos envolvidos nele. Com isso, muitos *blends* ratificam a ideia de que podem não serem produtivos no sentido de não se propagarem em larga escala, mas apresentarem transparência a partir dos fragmentos promovidos para o nível fonético. Por essa razão, trazemos, novamente, o questionamento feito na introdução deste trabalho: Qual o nível de conhecimento e uso dos *blends* por parte dos falantes nativos? Como hipótese, consideramos que o nível de conhecimento do *blend* estaria associado à capacidade de decomposição semântica, por parte dos falantes nativos, das bases que os compõem e o nível do uso estaria relacionado ao contexto social em que o *blend* foi criado. Cabe esclarecer, mais uma vez, que conhecimento e uso, nesta proposta, estão ligados à percepção e produção, respectivamente. Nosso objetivo, portanto, é investigar qual o nível de conhecimento e uso que o falante tem acerca de *blends*.

4.1 Escolha dos blends

Um dos objetivos desta tese foi investigar o nível de conhecimento que o falante nativo tem sobre os *blends*. Apesar de já ser estabelecido, na literatura, que este fenômeno é efêmero e necessita de um contexto enunciativo para que se tenha um efeito de sentido (cf. SILVA, 2019; MARANGONI JR., 2021), elaboramos um questionário como forma de investigar esses argumentos.

Inicialmente, coletamos palavras que se configuram como *blends*, formados com diferentes categorias morfológicas (cf. quadro 10). Dentre diversas palavras, encontramos junções de bases com a seguinte formação:

Quadro 10 – *Blends* utilizados para investigar a percepção do falante do PB quanto ao conhecimento e uso dessas palavras

BLENDS	BASES	TIPOS DE FORMAÇÃO
<i>Cariucho</i>	carioca + gaúcho	Substantivo comum
<i>Chafé</i>	chá + café	Substantivo comum
<i>Flamerda</i>	flamengo + merda	Substantivo comum
<i>Namorido</i>	namorado + marido	Substantivo comum
<i>Bandilma</i>	bandida + Dilma	Antropônimo acrescido de qualificador
<i>Bolsolixo</i>	Bolsonaro + lixo	Antropônimo acrescido de qualificador
<i>Cangaciro</i>	cangaceiro + Ciro	Antropônimo acrescido de qualificador
<i>Luladrão</i>	Lula + ladrão	Antropônimo acrescido de qualificador
<i>Alucicrazy</i>	alucinado + <i>crazy</i>	Base do PB + base estrangeira
<i>Chuchurek</i>	chuchu + <i>Shrek</i>	Base do PB + base estrangeira
<i>Macakids</i>	macaco + <i>kids</i>	Base do PB + base estrangeira
<i>Maravigold</i>	maravilhosa + <i>gold</i>	Base do PB + base estrangeira
<i>Abelena</i>	Abel + Selena (Gomes)	<i>Ship</i>
<i>Andretino</i>	André + Tolentino	<i>Ship</i>
<i>Arliza</i>	Arthur + Eliza	<i>Ship</i>
<i>Brumar</i>	Bruna + Neymar	<i>Ship</i>
<i>Paulufusos</i>	Paulo + parafusos	Oniônimo
<i>Veterimário</i>	veterinário + Mário	Oniônimo

BLENDs	BASES	TIPOS DE FORMAÇÃO
<i>Baratapete</i>	barata + tapete	Falso <i>Blend</i> ⁴²
<i>Cadelícia</i>	cadela + delícia	Falso <i>Blend</i>
<i>Caravaca</i>	caravana + vaca	Falso <i>Blend</i>
<i>Copolate</i>	copo + chocolate	Falso <i>Blend</i>

Fonte: elaboração própria.

Estas palavras foram encontradas em redes sociais, ambientes onde têm sido bastante utilizadas. *Blends* do PB, portanto, podem ser formados a partir dos tipos descritos no quadro 10 acima. Utilizamos, também, a configuração adotada por Silva (2019) que fez um trabalho a partir de *blends* associados a nomes próprios, como já discutimos anteriormente neste trabalho. E, para ter um controle sobre os *blends* que já existem na língua, entendendo como nossa variável controle, criamos alguns *blends* para averiguar se o falante recupera as bases a partir dos fragmentos que resolvemos denominar como falso *blend*.

Blends formados por oniônimos não são produtivos na língua, por essa razão, estão em menor número que os demais tipo de formação. Silva (2019, p. 63) argumenta que “oniônimos formados por antropônimos e nomes comuns, é de maior complexidade na tarefa de rastrear dados”.

O número total de *blends* foi, neste caso, de vinte e duas palavras e sua escolha foi feita pensando na motivação fonológica e semântica, uma vez que esses *blends* são formados por fragmentos que tendem a remeter mais diretamente, pela semelhança fonética, às suas bases de origem. Outro critério utilizado na escolha foi a circulação dessas palavras nas redes sociais (*Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *WhatsApp*) e em diferentes contextos comunicativos informais⁴³. Esse critério foi adotado para aumentar a chance de que o sujeito participante da entrevista tenha tido contato prévio com a palavra nesses ambientes.

⁴² Esclarecemos que o termo *falso* utilizado para esses *blends* não garante que, de fato, eles sejam falsos, pois podem, em algum momento, serem usados no léxico da língua, uma vez que foram criados por outras palavras que já existem no dicionário mental dos falantes. A criação dessas palavras tem, apenas, a intenção de atestar o nível de conhecimento dos falantes, já que não foram vistas em nenhum momento em que este trabalho estava sendo feito.

⁴³ Assumimos que não foi feita uma mensuração da frequência de ocorrência dos *blends* selecionados em um recorte temporal e em redes sociais predeterminadas, atestando, inclusive, sua circulação nesses ambientes. Todavia, entendemos que esses *blends* circulam nas redes sociais e que estão à disposição do repertório lexical do usuário, uma vez que podemos observar sua ocorrência em comentários na *internet*, em postagens ou em situações que tenham alguma discussão que esteja ligada às suas bases de origem.

Portanto, buscamos investigar se eles eram conhecidos e usados independentemente do lugar de origem do falante, seu nível de escolaridade, sexo ou idade. Desse modo, qualquer pessoa poderia responder ao questionário.

4.2 Perfil dos participantes e aplicação do formulário

Nosso intuito era alcançar o maior número possível de pessoas, por isso, elaboramos um formulário *on-line*, através do *Google Forms*⁴⁴, e o propagamos na *Internet* por meio de redes sociais, como *WhatsApp*, *Instagram* e *Facebook* e ele foi estruturado em duas seções, sendo a primeira constituída por questionários de controles sociais, tais como: idade, sexo, lugar de origem e seu nível de escolaridade. O período da realização da coleta foi feito entre o mês de maio ao mês de julho de 2020.

A respeito da localização dos juízes, as respostas consistiram em conhecimentos de palavras de pessoas oriundas de distintas regiões do país, sendo, entretanto, uma porção considerável de indivíduos da Bahia, aproximadamente 38% das respostas, uma vez que nos situamos neste estado e temos uma rede de contato maior na referida região. As demais respostas foram distribuídas entre os outros estados do país.

Quanto ao sexo, obtivemos respostas da maioria se reconhecendo como feminina, grupo (I), num total de 232 respostas (57.4%), uma outra parte se reconhecendo como masculina, grupo (II), num total de 170 respostas (41.8%), e uma terceira parte se reconhecendo como não-binária, num total de 3 respostas (0.8%). Salientamos que só controlamos os dois primeiros grupos e deixamos em aberto para os juízes que não se identificassem com um, dos dois, primeiros grupos.

O nível de escolaridade das pessoas foi controlado a partir dos grupos: (I) ensino médio incompleto, (II) ensino médio completo, (III) nível superior incompleto, (IV) nível superior completo, (V) especialização, (VI) mestrado e (VII) doutorado. Este último compôs o menor número, com 9 respostas (2.2%), e o grupo que correspondeu ao maior número de respostas foi o (III), nível superior incompleto, com 124, correspondendo a 30.6%.

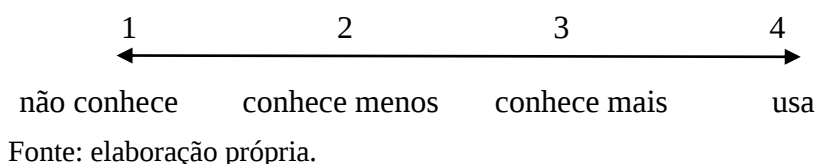
Foi solicitado para as pessoas que respondessem sua idade em (I) até 25 anos, (ii) entre 26 e 35 anos, (iii) entre 36 e 45 anos e (iv) acima de 45 anos, como forma de verificar quais destes grupos conheciam mais os *blends*. As pessoas que têm idade em até 25 anos foram as

⁴⁴ “É um serviço gratuito para criar formulários *online*. Nele, o usuário pode produzir pesquisas de múltipla escolha, fazer questões discursivas, solicitar avaliações em escala numérica, entre outras opções” (TECHTUDO, 2018).

que mais responderam ao questionário, correspondendo a 190 respostas e equivalendo a 46.9%. O segundo maior número foi do grupo entre 26 e 35 anos com um total de 158 respostas (39%). 37 respostas foram do grupo de pessoas que têm entre 36 e 45 (9.2%) e as demais do grupo acima de 45 anos, 20 respostas (4.9%).

A segunda seção foi constituída por perguntas de percepção, como forma de avaliar o conhecimento e uso que o falante tinha sobre determinado *blend*. Para atestar a percepção dos juízes sobre os *blends*, elaboramos um questionário no qual examinávamos o conhecimento do sujeito sobre o *blend* apresentado e cuja resposta deveria ser uma dentre os itens apresentados: (I) não conheço, (II) já ouvi falar, mas não sei o significado, (III) conheço e (IV) conheço e uso. Com essa tarefa de conhecimento das palavras apresentadas, visamos a entender qual a relação que o falante poderia ter com aquele determinado *blend*.

A partir do nosso ponto de vista da análise, convertemos estes itens para a escala *Likert* em que 1 está para “não conheço”, 2 para “já ouvi falar, mas não sei o significado”, 3 para “conheço” e 4 para “conheço e uso”. Estes itens foram convertidos nessa escala, porque entendemos que há sobreposições entre eles, uma vez que quem “conhece e usa” também “conhece”. Logo, a escala 3 está próxima da 4 e quem “já ouviu falar, mas não sabe o significado” está entre o “não conheço” e “conheço”. A proposta da escala *Likert*, para nossa análise, é ilustrada em (8):



Desse modo, essas sobreposições ficam mais bem contempladas por meio da escala *Likert*, pois interpretamos os itens de forma contínua, observando o extremo, de 1 a 4, qual é o nível de conhecimento que os falantes têm dos *blends*.

Obtivemos um total de 405 respostas, o que nos pareceu expressivo. Depois de atingir um número significativo de respostas, foi feita a coleta e distribuimos as respostas no *Excel* como forma de descrever os dados em porcentagens para ver quais *blends* foram os mais conhecidos e usados pelos falantes.

4.3 Afinal, os falantes conhecem, ou não, os blends?

Diante de todas as discussões feitas sobre o processo do *blend*, pudemos observar que o falante se vale da criatividade para formar novas palavras na língua. Essa criatividade mostra que a língua não é estanque e revela uma força expressiva que os processos de criação de palavras, como o *blend*, podem ter. Nas palavras de Andrade e Rondinini (2016), mais precisamente,

Os CVs⁴⁵ revelam criatividade no uso da língua materna e sua força expressiva resulta da síntese de significados e do inesperado que se consegue com a combinação. Quase sempre com finalidade expressiva particular e circunstancial, não somente são encontrados na linguagem coloquial, humorística e publicitária, mas também na linguagem literária, exprimindo um certo tom de lirismo, a exemplo de *deleitura* (deleite + leitura) e *falavra* (fala + palavra) (ANDRADE; RONDININI, 2016 p. 873).

O termo criatividade, algumas vezes, é analisado com o termo produtividade na literatura. Chomsky (1986), por exemplo, entende a produtividade como criatividade, definindo-a como a capacidade de um sistema linguístico de gerar um número infinito de novas palavras, sentenças e expressões a partir de um conjunto finito de elementos. Basílio (2010), valendo-se de Veale (2006), adota a visão de que a questão da produtividade/criatividade dos *blends*⁴⁶ está, justamente, na criatividade da língua, que tem o poder de mudar a maneira como estamos vendo e representando o mundo.

A autora defende que, para análise do fenômeno, a criatividade seja o aspecto mais relevante e discute que podemos observar resultados inesperados nas *fuves* que expressem valor poético ou expressivo, pois “fusões vocabulares expressivas podem mudar o modo como o mundo é conceptualizado em nossas palavras habituais, e realmente o fazem” (BASÍLIO, 2010, p. 208).

Embora se mostre um fenômeno criativo de formação de palavras, a grande questão é que o *blend* é um processo morfológico bastante contextual, sendo, por isso, reconhecido, muitas vezes, no meio em que foi criado. Sendo assim, para que um *blend* se propague na

⁴⁵ Cruzamentos vocabulares.

⁴⁶ Salientamos que Basílio (2010) faz uma análise de *blends* formados por fusões vocabulares, por ela, chamadas de *fuves*. Nesse sentido, o conceito apresentado pela autora, de que FUVÉ “é uma construção estruturada de modo a incorporar fonologicamente os dois itens lexicais envolvidos, representando iconicamente a inclusão da função semântica do qualificador no significado da palavra base” (BASÍLIO, 2010, p.202), abarca, apenas, os *blends* formados por Interposição Lexical. Neste trabalho, no entanto, nos valeremos de seus argumentos para explicar os *blends* formados por combinação truncada e reanálise, também.

língua, é necessário que haja um contexto e um grupo social para criá-lo. Na tabela 1 estão distribuídos os resultados de combinação de palavras, criadas a partir de bases já existentes na língua. Esclarecemos, mais uma vez, que, nos exemplos dos falsos *blends*, foi levado em consideração as regras de fonotaxe que gerenciam o PB e num possível significado na junção dessas bases:

Tabela 1 – Taxa de conhecimento e usos de *blends* por parte de falantes do PB

<i>BLENDS</i>	1		2		3		4	
	NÃO CONHEÇO		JÁ OUVIR FALAR, MAS NÃO SEI O SIGNIFICADO		CONHEÇO		CONHEÇO E USO	
	Resps.	%	Resps.	%	Resps.	%	Resps.	%
<i>Cariucho</i>	341	84,2%	19	4,7%	40	9,9%	5	1,2%
<i>Chafé</i>	66	16,3%	25	6,2%	103	25,4%	211	52,1%
<i>Flamerda</i>	124	30,6%	18	4,4%	223	55,1%	40	9,9%
<i>Namorido</i>	9	2,2%	5	1,2%	234	57,8%	157	38,8%
<i>Bandilma</i>	280	69,1%	27	6,7%	93	23%	5	1,2%
<i>Bolsolixo</i>	7	1,7%	9	2,2%	153	37,8%	236	58,3%
<i>Cangaciro</i>	272	67,2%	17	4,2%	109	26,9%	7	1,7%
<i>Luladrão</i>	36	8,9%	14	3,4%	323	79,8%	32	7,9%
<i>Alucicrazy</i>	165	40,7%	32	7,9%	145	35,8%	63	15,6%
<i>Chuchurek</i>	346	85,4%	17	4,2%	39	9,6%	3	0,8%
<i>Macakids</i>	331	81,7%	39	9,6%	32	7,9%	3	0,8%
<i>Maravigold</i>	43	10,6%	9	2,2%	187	46,2%	166	41%
<i>Abelena</i>	381	94,1%	6	1,5%	16	4%	2	0,4%
<i>Andretino</i>	385	95,1%	9	2,2%	8	2%	3	0,7%
<i>Arliza</i>	382	94,3%	8	2%	12	3%	3	0,7%
<i>Brumar</i>	120	29,6%	22	5,4%	215	53,1%	48	11,9%
<i>Paulufusos</i>	369	91%	14	3,5%	12	3%	10	2,5%
<i>Veterimário</i>	348	85,9%	10	2,5%	32	7,9%	15	3,7%
<i>Cadelícia</i>	298	73,6%	26	6,4%	74	18,3%	7	1,7%
<i>Caravaca</i>	357	88,1%	13	3,2%	26	6,4%	9	2,3%
<i>Copolate</i>	357	88,1%	15	3,7%	27	6,7%	6	1,5%
<i>Baratapete</i>	377	93,1%	7	1,7%	16	4%	5	1,2%

Fonte: elaboração própria.

A tabela 1 ilustra um resultado bastante heterogêneo acerca dos *blends*, reiterando o fato de que alguns podem ser mais usados que outros, dado o fato de ser reconhecido apenas no grupo em que foi criado. Neste caso, quanto maior a circulação da palavra na língua, mais ela tende a ser reconhecida e usada. Na tabela, alguns dados mostraram-se expressivos em termos de conhecimento.

Com relação aos *blends* formados pelo tipo substantivo comum, *cariucho* mostrou-se ser o menos conhecido com 84,2%, enquanto *namorido* mostrou-se ser o mais conhecido com 57,8% e usado com 38,8%. Nos *blends* formados por antropônimo acrescido de qualificador, o menos conhecido foi *bandilma* com 69,1% dos dados. Pouco mais de 24% disseram conhecer este *blend*. Por outro lado, *Luladrão* apresentou 79,8% para os que conhecem. Um dado curioso deste tipo formação é que *Bolsolixo* apresentou 58,3% para os falantes que conhecem e usam.

No que diz respeito aos *blends* formados por uma base do PB + base estrangeira, 85,4% dos falantes apontaram não conhecer *Chuchurek* e o que se mostrou mais conhecido foi *maravigold* com 46,2%. Este *blend*, também, mostrou ser o mais usado, neste tipo de formação, correspondendo a 41%. Os *blends* formados por *ships*, bem como os formados por oníomios, apresentaram dados expressivos para os que não conhecem: todos acima de 80%. O único que se mostrou conhecido foi *Brumar* com 53,1%. Estes dados corroboram o argumento de Silva (2019), cuja demanda de contextualização, para os nomes próprios, é maior, porque são mais designativos do que avaliativos, como os nomes comuns. A mesma expressividade percentual, para os que não conhecem, ocorreu com os falsos *blends*.

Os *blends* que se mostraram mais conhecidos e usados podem estar atrelados ao fato de terem sido mais propagados na língua, porque a maioria está em evidência em redes sociais, TV etc., ratificando que os ambientes virtuais são espaços em que os *blends* circulam com mais facilidade (BRAGA; PACHECO; ROCHA, 2022). Por outro lado, os *blends* que se mostraram menos conhecidos podem não ter sido compreendidos, porque, embora os fragmentos que os formam lembrem suas bases de origem, o falante pode não ter associado o significado do resultado da formação das palavras mescladas. Por isso, levantamos a hipótese de que o conhecimento da criação de *blends* depende de sua decomposição semântica. A tabela 2 apresenta a conversão dos resultados para a escala *Likert* dos *blends* do tipo substantivo comum:

Tabela 2 – Escala do nível de conhecimento e uso de *blends* substantivos

BLENDS	1		2		3		4	
	Resps.	%	Resps.	%	Resps.	%	Resps.	%
<i>Cariucho</i>	341	84,2%	19	4,7%	40	9,9%	5	1,2%
<i>Chafé</i>	66	16,3%	25	6,2%	103	25,4%	211	52,1%
<i>Flamerda</i>	124	30,6%	18	4,4%	223	55,1%	40	9,9%
<i>Namorido</i>	9	2,2%	5	1,2%	234	57,8%	157	38,8%

Fonte: elaboração própria.

Os dados dispostos na tabela 2 apresentam porcentagens heterogêneas para os *blends* substantivos comuns. Os juízes apontaram conhecer menos o *blend cariúcho* com 84,2%. Este

é um dado interessante, pois não parece corresponder à defesa de Marangoni Jr (2021) sobre esse ser um dos *blends* já consolidado na literatura. Para essa alegada consolidação, era esperado resultados mais expressivos para os que conhecem, uma vez que, se consolidado na literatura, pudesse estar lexicalizado na língua. Na verdade, mesmo sobrepondo os níveis 3 e 4, os que conhecem e usam, o resultado aponta pouco mais que 10%.

Apesar disso, este dado revela uma situação interessante, pois *cariúcho*⁴⁷ é formado por duas bases que denominam o local de origem de um grupo de pessoas: o *carioca* e o *gaúcho*. Esta informação nos permite deduzir que esse *blend* pode ser mais usado nesses lugares (Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul), uma vez que os fragmentos que compõem o *blend* são de duas bases de adjetivos pátrios brasileiros, por isso, reconhecidos e usados muito mais nessas regiões. A sua alta porcentagem para o não conhecimento pode ser um indício de opacidade do *blend* na língua (GONÇALVES, 2003). Esse argumento pode ser indício de que essa palavra formada seja associada a uma palavra simples e, por isso, não tenha seus fragmentos identificáveis, advindos de duas bases mescladas. Esta palavra, por exemplo, pode ser usada como antropônimo: há uma personalidade da *Internet* chamada *Cariúcha*⁴⁸ que ficou conhecida através de um concurso de garota da laje. Isso nos leva a deduzir que a falta de transparência dos fragmentos, no *blend*, decorra dessas constatações.

Em *chafé*, 25,4% disseram conhecer, enquanto 52,1% apontaram, também, usar este *blend*, apresentando uma porcentagem bastante significativa com mais de 75%. Estes resultados expressivos para o seu conhecimento e uso estão ligados i- à lexicalização desse *blend* na língua e ii- ao consumo recorrente de café por parte dos brasileiros. A Associação Brasileira de Indústria de Café (ABIC), por exemplo, realiza e divulga diversos dados, mostrando como o café é importante na mesa dos brasileiros. Segundo a associação, o Brasil segue sendo o segundo maior consumidor de café do mundo⁴⁹. É nesta relação, do brasileiro com o consumo desta bebida, que nos leva a inferir que o *blend*, *chafé*, pode ser gerado – quando o café fica fraco que remete a um chá –, a partir disso, reconhecido e, muitas vezes, usado por grande parte dos falantes nativos. A decomposição semântica neste *blend*, também, é bem significativa, já que uma das bases é monossilábica, *chá*, e mantém todo o corpo fônico na formação. Esse

⁴⁷ Gonçalves (2003, p. 153) denomina *cariúcho* como um “gaúcho que vive muito tempo no Rio de Janeiro e já se considera carioca”.

⁴⁸ Alessandra Cariúcha ficou conhecida após dá uma entrevista ao repórter Caco Barcellos que fazia uma reportagem de um concurso da laje em uma favela do Rio de Janeiro.

⁴⁹ Para mais informações: <https://estatisticas.abic.com.br/estatisticas/indicadores-da-industria/indicadores-da-industria-de-cafe-2021/>.

resultado ratifica, ainda, o argumento de Basílio (1980), a partir das Regras de Análise Estrutural, de que tudo que é produtivo, é também, transparente.

Com relação aos dois últimos *blends* da tabela 2, *flamerda* e *namorido*, os resultados apontaram porcentagens acima de 50% para os juízes que conhecem essas palavras no nível 3. Somando-se ao nível 4, isto é, para aqueles falantes que, também, usam, o primeiro corresponde a 65% e o segundo aproxima-se dos 100%. Os resultados dispostos em *namorido* corroboram com a defesa de Marangoni Jr (2021) sobre este ser um *blend* consolidado a mais tempo na literatura, diferentemente do que apontaram os resultados para *cariucho*. Num estudo sobre Percepção Sociolinguística, Braga, Pacheco e Rocha (2022) mostraram que *namorido* é uma palavra conhecida por grupos etários com diferentes idades⁵⁰. Isso pode justificar sua consolidação há mais tempo na literatura e, conseqüentemente, sua lexicalização na língua. Sobre a lexicalização, ainda, o mesmo pode ser atribuído a *flamerda*, um *blend* que já existe há bastante tempo e é usado por parte dos brasileiros que não torce pelo time do Flamengo.

Dessa forma, a decomposição semântica (e fonológica) desses dois *blends* pode ser uma evidência de que os juízes os reconheçam por recuperar as bases de que são oriundos (*namorado* + *marido* e *Flamengo* + *merda*). Em *namorido*, ocorre supressão de apenas uma sílaba em ambas as bases, o que sugere, como defendem Braga, Pacheco e Rocha (2022), que os falantes possam reconhecê-los, mesmo com a fragmentação de suas formações.

Em *flamerda*, além da segunda base manter todo corpo fônico no nível fonético, parte de sua primeira sílaba, *mer-*, apresenta semelhança de material segmental com a sílaba da primeira base, *men-* o que implica em dizer que a relação de segmentos torna tênue os limites entre as bases, mas garante um bom alinhamento na periferia da esquerda (GONÇALVES, 2003), quando a palavra é formada e garante, também, que a recuperabilidade, a partir dos fragmentos, seja feita por parte dos falantes. Além disso, a transparência no fragmento da primeira base, *flame-*, pode ser ter sido um bom indicador para a identificação do nome do time.

Neste sentido, nossa hipótese de que o conhecimento dos *blends* estaria associado à capacidade de sua decomposição semântica por parte dos falantes nativos, e somente o uso estaria associado ao contexto social em que foram criados, parece estar sendo confirmada até aqui. *Cariucho*, por exemplo, mostrou ser conhecido e usado por uma pequena parte dos juízes, o que nos faz deduzir que possa ser usado por pessoas das regiões que tenham relação com as bases. O seu alto índice de não conhecimento aponta que os falantes tendem a não conhecer o

⁵⁰ Os autores dividiram os grupos etários em 4, a saber: grupo I- até 25 anos, grupo II- entre 26 e 35 anos, grupo III- entre 36 e 45 anos e grupo IV- acima de 45 anos.

blend por meio dos fragmentos de suas bases por se assemelhar a uma palavra simples. O resultado para *chafé* mostra que o conhecimento está atrelado aos fragmentos da base, uma vez que a base da esquerda mantém todo corpo fônico e o uso está ligado ao consumo da bebida. Em *flamerda* e *namorido* a semelhança segmental entre os fragmentos pode ser uma evidência do grande conhecimento desses *blends*. Outro indício está em sua lexicalização devido ao tempo que já existem na língua (o mesmo argumento pode ser atribuído para *chafé*). Observemos, agora, a tabela 3 com *blends* formados por antropônimos acrescidos de qualificador:

Tabela 3 – Escala do nível de conhecimento e uso de *blends* formados por antropônimos acrescidos de qualificador

BLENDs	1		2		3		4	
	Resps.	%	Resps.	%	Resps.	%	Resps.	%
<i>Bandilma</i>	280	69,1%	27	6,7%	93	23%	5	1,2%
<i>Bolsolixo</i>	7	1,7%	9	2,2%	153	37,8%	236	58,3%
<i>Cangaciro</i>	272	67,2%	17	4,2%	109	26,9%	7	1,7%
<i>Luladrão</i>	36	8,9%	14	3,4%	323	79,8%	32	7,9%

Fonte: elaboração própria.

Nota-se que os *blends* formados por antropônimos acrescidos de qualificador, também, apresentaram um resultado heterogêneo: por um lado *Bandilma* e *Cangaciro* apontaram um índice relevante para os que não conhecem, correspondendo a 69,1% e 67,2%, respectivamente, enquanto *Luladrão* apresentou uma porcentagem expressiva para aqueles que conhecem com, praticamente, 80% e *Bolsolixo* apontou uma porcentagem de quase 60% para os que usam. É possível observar que os quatro nomes que envolvem esse tipo de formação referem-se a figuras públicas do meio político:

- a. *Bandilma* >> bandida + Dilma (*Roussef*)
- b. *Bolsolixo* >> (Jair Messias) Bolsonaro + lixo
- c. *Cangaciro* >> cangaceiro + Ciro (Gomes)
- d. *Luladrão* >> (Luiz Inácio) Lula (da Silva) + ladrão

Fonte: elaboração própria.

Dilma foi a presidenta da república do Brasil entre 2010 e 2016, Bolsonaro presidente durante o período de 2018 a 2022, Ciro Gomes candidato à presidência nas eleições de 2018 e

2022 e Lula foi o presidente entre 2002 e 2010, além de ter sido eleito na eleição de 2022⁵¹. Era esperado, por meio dos resultados, então, que os quatro *blends* apresentassem um alto conhecimento por parte dos falantes uma vez que se referem a figuras públicas. Além disso, a base antroponímica que forma a palavra mantém todo o corpo fônico em três dos quatro *blends*: *bandilma*, *cangaciro* e *Luladrão*.

Como foi explicado, uma das bases usadas para criar os *blends* formados por antropônimo acrescido de qualificador envolve nome de políticos e eles, de alguma forma, apresentam ideias contrárias. Sendo assim, esses dados levantam a hipótese de que muitos falantes podem ter dito não conhecer o *blend* devido ao fato de parecer ofensivo para o seu político querido, especificamente nos exemplos com o nome de Bolsonaro e Lula. Esta constatação é pautada no período em que o formulário foi propagado para ser respondido – 2020 –, pois havia uma efervescência eleitoral, em que esses políticos estavam sendo expostos o tempo todo, em jornais, redes sociais, como possíveis candidatos à presidência da república.

Em *Bandilma*, o nível 2 apresenta uma porcentagem de 6,7%. Este resultado levanta a hipótese de uma forte influência política por parte dos juízes, porque, aparentemente, conhece o *blend*, mas pode ter apontado não querer reconhecer o significado pejorativo atribuído a Dilma. Não tão diferente pode ter ocorrido o mesmo para as respostas do nível 1 que aponta, praticamente, 70%. Essas deduções nos fazem refletir sobre a transparência que a segunda base apresenta, mantendo todo o corpo fônico na formação da palavra, *Dilma*. Com isso, os níveis 1 e 2 podem estar sobrepostos ao nível 3, aqueles que conhecem o *blend* e, por questões política, não usarem, o que justifica a baixa porcentagem no nível 4 com pouco mais que 1%.

Uma outra explicação para os *blends* *Bandilma* e *Cangaciro* é a de que, possivelmente, não tiveram uma grande propagação, duraram pouco na língua. O segundo, ainda, não apresenta uma boa transparência, porque tem semelhança com a base usada como qualificadora, *cangaceiro*, que, quando comparada com o *blend*, só apresenta a vogal média fechada /e/ de diferente. Isso pode ter ocasionado um não reconhecimento por parte dos juízes nesta palavra formada.

Os *blends* *Bolsolixo* e *Luladrão*, por outro lado, são vistos com maior recorrência em diferentes lugares. Bolsonaro e Lula sempre estiveram em evidência nos telejornais, redes sociais, etc. por conta de seus posicionamentos políticos, ganhando mais destaque nos últimos tempos por serem adversários diretos para assumir a presidência do Brasil. Essa exposição dos

⁵¹ Esclarecemos, aqui, que o período do recorte desta pesquisa foi feito no ano de 2020. Apesar disso, naquele período, já se discutia que os políticos Bolsonaro, Ciro e Lula se tornariam candidatos à presidência no ano de 2022 como mencionamos, anteriormente, nesta seção.

dois políticos permitiu que o uso de seus nomes formasse *blends*, em diversos meios, sobretudo, o meio virtual como se depreende nas imagens 5 e 6:

Imagem 5 – Imagem do vídeo da música “bolsolixo” de MN MC



Fonte: Site Zona Urbana.

Imagem 6 – Postagem de internauta na rede social do Facebook, referindo-se a Lula



Fonte: Facebook.

Por meio das imagens 5 e 6, é possível verificar a circulação no meio virtual dos *blends* *Bolsolixo* e *Luladrão* e o porquê de eles serem mais reconhecidos por grande parte dos juízes. A imagem 5 trata de uma crítica a Bolsonaro através de uma música. Na imagem 6, a crítica a Lula é feita através de um comentário na rede social do *Instagram* por um internauta.

O *blend* *Bolsolixo* apresentou uma porcentagem de 37,8% no nível 3. Quando sobreposto ao nível 4, o percentual vai para 96,1%. Estes resultados podem ser indícios de três situações:

- i- o conhecimento, em uma das bases (*bolso-*) do *blend*, de uma figura pública bastante conhecida por todos os brasileiros que é o presidente da república do Brasil no momento do recorte temporal em que as respostas foram obtidas;
- ii- seu uso ser frequente por conta de pesquisas apontarem uma rejeição da sua gestão, gradativamente, maior, como apontam Braga, Pacheco e Rocha (2022) e
- iii- o fragmento *bolso-* adquire característica de um *splinter*, uma vez que pode resultar em diversos *blends* (*bolsobosta*, *bolsominion*, *bolsocoisa*, *bolsogado*) e “o formativo *bolso-* é reinterpretado, adquirindo valor do todo (Bolsonaro)” (SILVA, 2019, p. 79).

Ainda, o conhecimento de uma forma lexical que envolve o sobrenome de uma figura pública, como o do chefe executivo, no período em que foi presidente, carrega um aspecto semântico de depreciação, isto é, “criações jocosas que nascem, a maioria delas, do sentimento de repulsa e reprovação a esse líder, muitas vezes envolvendo crítica explícita em relação à sua conduta como presidenciável ou como presidente da República” (GONÇALVES, 2020, p. 658).

O *blend* *Luladrão* apresentou uma porcentagem de quase 80% no nível 3, ou seja, os que conhecem. Sobreposto ao nível 4, àqueles que, também usam, este *blend* fica com 88%. Apesar de ser um *blend* que apresenta um significado jocoso e de grande depreciação – Lula recebeu esta atribuição desde que seu nome esteve envolvido em escândalos de corrupção, sobretudo, em seu partido, Partido dos Trabalhadores (PT)⁵² –, este resultado, no nível 3, pode ser reflexo da força que o político tinha, desde sua prisão em 2018 até a sua saída em 2019, por parte de seu eleitorado que o via como um forte candidato para as eleições da presidência em 2022. Uma pesquisa realizada pela Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica (IPEC),

⁵² Como se sabe, o Partido dos Trabalhadores teve dois grandes escândalos de corrupção entre as gestões do governo Lula e o governo Dilma, a saber: o mensalão e a operação lava-jato.

em 2021⁵³, por exemplo, já apontava Lula como um forte candidato à presidência com 48% das intenções de voto, enquanto Bolsonaro, ficou em segundo lugar com 21%.

Desta maneira, muitos juízes mostraram conhecer o *blend* por se tratar de uma figura pública que está em evidência grande parte do tempo em jornais, redes sociais e a decomposição semântica, ou seja, a transparência da base antroponímica deixa mais evidente de quem se trata, pois mantém todo o corpo fônico na formação da nova palavra, diferente do que ocorre com o *blend* formado a partir do nome do político Bolsonaro.

No entanto, se tomamos como exemplos, os *blends* *Bandilma* e *Cangaciro*, manter todo o corpo fônico na nova palavra formada não aparenta ser o motivo principal para que haja a decomposição semântica. Isso nos faz deduzir que a decomposição semântica dos fragmentos da base antroponímica (ou seu corpo fônico completo) que forma um *blend* “se apresenta como muito mais do que uma ‘marca sem significado’ ou um ‘mero rótulo’, mas revela um forte valor discursivo socialmente demarcado” (SILVA, 2019, p. 107, grifos da autora). Em suma, o significado de um *blend* parece depender de um contexto em que “a base qualificadora caracteriza o referente do antropônimo, positiva ou negativamente, a depender do contexto sócio-comunicativo” (SILVA, 2019, p. 65).

Passemos para a tabela 4, onde estão dispostos os resultados dos *blends* formados por uma base do PB + uma base estrangeira:

Tabela 4 – Escala do nível de conhecimento e uso de *blends* formados por base do PB + base estrangeira

BLENDS	1		2		3		4	
	Resps.	%	Resps.	%	Resps.	%	Resps.	%
<i>Alucicrazy</i>	165	40,7%	32	7,9%	145	35,8%	63	15,6%
<i>Chuchurek</i>	346	85,4%	17	4,2%	39	9,6%	3	0,8%
<i>Macakids</i>	331	81,7%	39	9,6%	32	7,9%	3	0,8%
<i>Maravigold</i>	43	10,6%	9	2,2%	187	46,2%	166	41%

Fonte: elaboração própria.

Os resultados para este tipo de formação não apresentaram dados tão heterogêneos, como ocorreu com os *blends* dos dois primeiros tipos. *Chuchurek* (*chuchu* + *Shrek*) e *macakids* (*macaco* + *kids*) tiveram um alto índice de porcentagem no nível 1, 85,4% e 82%, respectivamente. Nesse mesmo nível, *alucicrazy* (*alucinado* + *crazy*) apresentou uma porcentagem de quase 41% e *maravigold* (*maravilhosa* + *gold*) foi o único *blend* que apresentou

⁵³ O levantamento do Ipec foi feito de 9 a 13 de dezembro e ouviu 2.002 pessoas em 144 municípios.

uma porcentagem diferente dos demais, correspondendo a quase 50% para os juízes que conhecem e 41% para os que usam. Diante disso, o alto índice de não conhecimento desses tipos de *blends* estaria relacionado ao fato de ter uma das bases ser estrangeira? Ou este não conhecimento tem relação com a duração que os *blends* duram na língua?

A indicação dos resultados deste tipo de formação, bem como dos resultados anteriores analisados, propicia-nos discutir que a lexicalização dos *blends* está relacionada à sua recorrência na língua, de fato. Por envolver uma base oriunda de outra língua, esses *blends*, possivelmente, tendem a ser menos transparentes para muitos falantes do PB.

O *blend Chuhurek*, por exemplo, surgiu a partir de campanhas publicitárias de uma rede de hortifrutigranjeiro (cf. IGNES; FERREIRA, 2019). Ele foi usado num *site* de uma empresa de hortifruti, como campanha publicitária, para divulgar seus produtos para o público infantil. Essa informação revela que a circulação deste *blend* não foi em grande escala, pois seu público-alvo foram as crianças. Uma tentativa de convencê-los a comer alimentos saudáveis é evocando “o ogro Shrek do filme que recebe o mesmo nome da personagem citada” (IGNES; FERREIRA, 2019, p. 68). A porcentagem de 0,8% no nível 4 denota o quão pouco é seu uso. A mesma situação parece ter ocorrido com o *macakids*, uma vez que ele, também, foi criado para alcançar um público infantil. Estes *blends*, possivelmente, duraram pouco na língua.

O *blend alucicrazy* apresentou um resultado interessante, porque, embora pouco mais de 40% dos juízes disseram não conhecer, no nível 1, quase 40% da outra parte demonstrou conhecê-lo. Ainda, 15% demonstraram usá-lo. Diferentemente, dos dois *blends* anteriores, *alucicrazy* tende a ser mais usado pelos falantes e, geralmente, é atrelado ao personagem Nazaré (Renata Sorrah) da novela “Senhora do destino”, da emissora rede Globo (cf. imagem 7), em redes sociais, como o *Twitter*:

Imagem 7 – Uso do *blend* *alucicrazy* com o meme do personagem Nazaré⁵⁴.



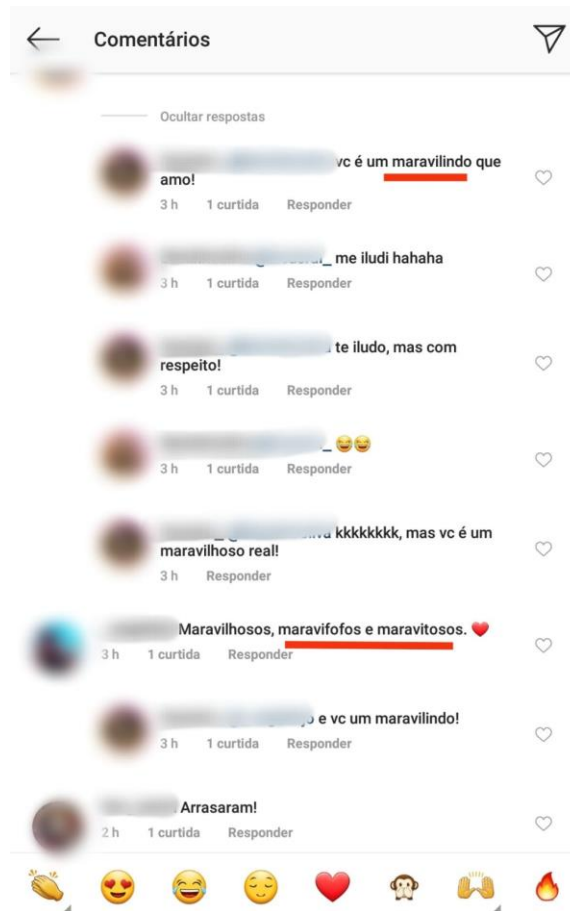
Fonte: Twitter (@ragazzosam).

O uso deste *blend*, associado ao personagem, propagou-se por conta das vilanias cometidas por Nazaré. No entanto, o conhecimento da palavra pode ser relacionado, não só à personagem, mas também à transparência dos fragmentos que a forma. A primeira base mantém três sílabas, *aluci-*, enquanto a segunda, ainda que seja oriunda do inglês, mantém todo seu corpo fônico, além de ser uma palavra um tanto conhecida no léxico coloquial do PB. Essas constatações nos fazem retomar o argumento defendido na primeira seção desta tese, de que a lexicalização dos *blends* é semântica e formal.

No que diz respeito aos dados de *maravigold*, os mesmos argumentos podem ser usados: o conhecimento, 46,2%, pode estar associado ao fato de a primeira base manter as partes iniciais no nível fonético, *maravi-*, e, aparentemente, esta fragmentação carregar, consigo, a transparência necessária para que o falante reconheça o *blend*. O seu uso, 41%, aponta um indício, timidamente, positivo de sua lexicalização na língua, pois a primeira base tem característica de um *splinter* com o formativo *maravi-*, conforme mostra a imagem 8:

⁵⁴ Nazaré Tedesco foi uma vilã da novela “senhora do destino”.

Imagem 8 – Comentários de internautas na rede social do *Instagram*, usando o formativo *maravi-*



Fonte: comentários do *Instagram*.

Neste sentido, por se caracterizar com um *splinter*, o fragmento *maravi-* tende a ser mais transparente para os falantes por apresentar o valor todo (*maravilhosa*). A constatação desse argumento é disposta na porcentagem expressiva de quase 90% da sobreposição entre os níveis 3 e 4, os que conhecem e usam o *blend maravigold*. Podemos retomar, ainda, a defesa de Basilio (1980) de que uma forma produtiva é, automaticamente, transparente e a de Kemmer (2003) de que a semântica de um *blend* incorpora e integra os aspectos da semântica das bases de que é oriundo. A seguir, apresentamos a tabela 5 com as porcentagens de *blends* formados por *ships*:

Tabela 5 – Escala do nível de conhecimento e uso de *blends* formados por *ships*.

BLENDs	1		2		3		4	
	Resps.	%	Resps.	%	Resps.	%	Resps.	%
<i>Abelena</i>	381	94,1%	6	1,5%	16	4%	2	0,4%
<i>Andretino</i>	385	95,1%	9	2,2%	8	2%	3	0,7%
<i>Arliza</i>	382	94,3%	8	2%	12	3%	3	0,7%
<i>Brumar</i>	120	29,6%	22	5,4%	215	53,1%	48	11,9%

Fonte: elaboração própria.

Blends formados por *ships* tendem a não ser reconhecidos pelos falantes. Esses dados apontam para o fato de que por não serem tão avaliativos (quanto aos demais tipos), serem mais designativos, de acordo com o argumento de Silva (2019), os *ships* não tenham grande propagação na língua, circulando mais em contextos específicos. *Brumar* (Bruna + Neymar) foi o único *blend* que apresentou uma porcentagem expressiva para os que conhecem, correspondendo a pouco mais que 53% e apenas 11,9% dos falantes demonstraram usá-lo. Este resultado pode estar ligado ao fato de se tratar de duas figuras públicas do Brasil, bastante conhecidas no país, a atriz Bruna Marquezine e o jogador de futebol Neymar Jr, pois *Abelena* (*Abel* + *Selena*), também, remete a duas figuras públicas, os cantores *The Weeknd* e Selena Gomes, mas, praticamente, 100% apontaram não conhecer o *blend* que envolve os nomes das duas personalidades. A opacidade, neste último, é maior, por isso, pode não ter sido identificável pelos juízes.

Nesse sentido, “ao apoiar um ship publicamente, muitas evidências são reveladas sobre o falante” (SILVA, 2019, p. 106). Esta, talvez, seja a motivação pela qual *Brumar* seja mais reconhecido que os demais *blends* formados por *ship*. Por mais que os fragmentos que compõem as bases sejam mínimos, *bru-* na base 1 e *-mar* na base 2, o conhecimento do *blend* pode estar ligado ao fato de se tratar de duas personalidades que estão em alta na mídia e nas redes sociais – jovem atriz e jovem jogador de futebol – e que tenham fãs que, ainda, torcem pelo relacionamento de ambos. De fato, eles não estão mais juntos há um certo tempo e, talvez, por isso, o nível 4 tenha apresentado uma porcentagem baixa, diferente do nível 3, ou seja, os falantes reconhecem o *blend*, mas não o usa com recorrência.

Portanto, “o significado veiculado pelos ships são motivados por uma intenção específica do falante e aponta para um forte valor discursivo dos antropônimos quando cruzados” (SILVA, 2019, p. 106). *Brumar* é um *blend* que “adormece”, mas quando as personalidades que levam o *ship* aparecem em alguma notícia em comum, ele fica em evidência novamente. Uma hipótese para isso é a de que este *blend* esteja em processo de lexicalização, isto é, está fluando na língua, pois ora desaparece, ora está em evidência.

Analisemos, agora, os *blends* formados por oniônimos (cf. tabela 6):

Tabela 6 – Escala do nível de conhecimento e uso de *blends* formados por oniônimos.

BLENDs	1		2		3		4	
	Resps.	%	Resps.	%	Resps.	%	Resps.	%
<i>Paulufusos</i>	369	91%	14	3,5%	12	3%	10	2,5%
<i>Veterimário</i>	348	85,9%	10	2,5%	32	7,9%	15	3,7%

Fonte: elaboração própria.

Os juízes, em grande parte, apontaram não conhecer os dois *blends* que resultam em oniônimos, *Veterimário* (*veterinário* + *Mário*), 85,9%, e *Paulufusos* (*Paulo* + *para-fusos*), 91%. Estes *blends*, portanto, mostraram-se bastante contextuais, uma vez que se referem a um lugar, no caso dos exemplos, nomes de empresas comerciais criadas, provavelmente, com a junção dos nomes de seus donos e suas profissões (cf. SILVA, 2019). Os resultados obtidos a partir desse tipo reiteram o fato de que o *blend* é uma operação morfológica mais comedida do que os compostos, uma vez que precisam de contexto para ser reconhecido. Não há como recuperar os fragmentos das bases se não houver um conhecimento semântico-pragmático, ainda que os elementos fonológicos da base antroponímica estejam completos na formação dos *blends*, *Paul(u)* e *Mário*.

Entretanto, esses tipos *blends*, por se referirem a estabelecimentos, parecem não remeter às suas bases de origem e, conseqüentemente, não terem sido recuperados pelos falantes por ter uma informação fora de contexto. Nesse sentido, além de contextuais, eles parecem ter um caráter exocêntrico, isto é, seu significado aparenta não ter relação com as bases originais. Algo semelhante ocorre com determinados compostos da língua, como *bate-estaca*, batida da música eletrônica em *raves*, e *cavalo-vapor*, uma unidade de medida de potência (usada principalmente em contextos automobilísticos).

Então, com base nesses tipos de *blends*, poderíamos dizer que o processo é um tipo de composto? Na verdade, não! Algumas respostas para esta pergunta é i- a de que tanto quanto alguns compostos, *blends* apresentam um *ranking* entre os mais e menos dependentes de contextos e ii- que, ao menos semanticamente, tudo está num *continuum*, uma vez que são processos formados a partir de duas bases. Em outras palavras, o que queremos dizer é que, em termos de traços léxicos-semânticos, os processos não são excludentes entre si, ou seja, os *blends*, embora mais endocêntricos, podem ser exocêntricos em determinados exemplos e compostos, em sua maioria, exocêntricos, podem ter exemplos do tipo endocêntricos. Esses argumentos, na verdade, revelam mais uma diferença entre os processos.

Com relação aos níveis 3 e 4 de *Veterimário*, quando sobrepostos, podemos observar que a porcentagem está acima de 10%. Esse resultado pode ser indício de algum equívoco feito pelos juízes, já que o *blend* tem uma grande semelhança fonológica com uma de suas bases, *veterinário*, apresentando diferença, apenas entre as nasais: alveolar na base e bilabial no *blend*.

Tomemos, agora, os exemplos dos falsos *blends*, dispostos na tabela 7:

Tabela 7 – Escala do nível de conhecimento e uso dos falsos *blends*

BLEND	1		2		3		4	
	Resps.	%	Resps.	%	Resps.	%	Resps.	%
<i>Cadelícia</i>	298	73,6%	26	6,4%	74	18,3%	7	1,7%
<i>Caravaca</i>	357	88,1%	13	3,2%	26	6,4%	9	2,3%
<i>Copolate</i>	357	88,1%	15	3,7%	27	6,7%	6	1,5%
<i>Baratapete</i>	377	93,1%	7	1,7%	16	4%	5	1,2%

Fonte: elaboração própria.

Os falsos *blends* são exemplos claros de que os *blends* são palavras, na maioria das vezes, contextuais. Todos apresentaram um alto índice de porcentagem no nível 1, aqueles que não conhecem. Podemos deduzir que os *blends* possam ser reconhecidos, algumas vezes, por serem formados por duas bases que apresentam transparência na formação das palavras, o que justifica as porcentagens de todos os *blends* no nível 3. Nosso intuito era criar *blends* com as seguintes bases e com os possíveis significados:

Quadro 11 – Descrição da criação dos falsos *blends*

BASE 1	BASE 2	FALSO BLEND	SIGNIFICADO POSSÍVEL
a. cadela	delícia	<i>cadelícia</i>	Uma cadela considerada fofa de apertar, por isso, comparada a uma comida.
b. caravana	vaca	<i>caravaca</i>	Uma caravana de vacas.
c. copo	chocolate	<i>copolate</i>	Um chocolate sob a forma de copo.
d. barata	tapete	<i>baratapete</i>	Grande quantidade de baratas, em um lugar, comparada a um tapete.

Fonte: elaboração própria.

A partir da descrição do quadro 11 e dos resultados dispostos na tabela 7, o falante, ao marcar os níveis 2, 3 e 4 que envolvem o conhecimento da palavra, podem ter feito uma relação com as bases de origem que, de alguma maneira, dão pistas para um possível sentido dos *blends*. Sobrepondo esses 3 últimos níveis, o resultado torna-se, ainda mais, expressivo. *Cadelícia*, por exemplo, apresenta 26,4% das respostas. Dessa forma, os elementos fonológicos que compõem este *blend* são identificáveis a ponto de fazer com que o falante estabeleça uma relação de

sentido na palavra criada, ainda que não tenha a visto. Diferentemente do que aconteceu com os *blends* formados por oniônimos.

Em suma, os juízes podem ter demonstrado conhecer os falsos *blends* por apresentarem transparência nos fragmentos que compõem as palavras. Por ser um processo formado a partir de bases que já existem na língua e, em grande parte, ter o caráter endocêntrico, aponta para o fato de que o falante “é capaz de revelar seus conceitos internalizados e os efeitos de sentido que pretende apresentar, por meio da criação lexical” (CARDOSO, 2010, p. 221). Este efeito de sentido, por parte dos juízes, aparentemente, parece ter sido feito com os falsos *blends*.

Os resultados analisados, nesta seção, mostraram que o conhecimento de um *blend* pode estar ligado à decomposição semântica das bases. Seu uso, por outro lado, pode estar atrelado ao contexto social em que foram criados. O *blend cariucho*, por exemplo, apresentou alta porcentagem para os juízes que não o conhece. A porcentagem para quem o conhece e o usa relaciona-se com pessoas que, possivelmente, vivem nas regiões do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, uma vez que as bases remetem a esses lugares. Esse argumento direciona para o fato de que o *blend* é um processo contextual, mas esta contextualidade está ligada à capacidade de o falante nativo decompor, semanticamente, os fragmentos que compõem o *blend*. Os únicos resultados que não corroboraram com essa constatação foram os *blends* formados por oniônimos que, por se tratar de empresa ou estabelecimento, o falante pode associar a palavra a um lugar e não às suas bases de origem. Com os resultados desse tipo de *blend*, também, foi possível perceber que a operação morfológica pode ter um caráter exocêntrico, diferentemente do que defende Silva (2019, p. 38) de que os *blends* “são sempre endocêntricos”.

Nossa hipótese inicial seria a de que a possibilidade de depreender o sentido do *blend* a partir da decomposição semântica das bases poderia levar o juiz a dizer que conhecia o *blend*. Embora isso aparenta não ter ocorrido com os *blends* formados por oniônimos, nos outros tipos, formados pela operação morfológica, uma parte foi conhecida pelos juízes, como as formadas por nomes comuns, enquanto as formadas por antropônimos foram menos conhecidas. Além disso, dos 4 falsos *blends* apresentados no teste, todos apresentaram elevada porcentagem no nível 1, os que não conhecem. Todavia, quando observados, os 3 últimos níveis, a porcentagem apontou que o falante pode conhecer a palavra, devido à transparência dos fragmentos. Sendo assim, a hipótese que levantamos para estas análises parece ter sido parcialmente confirmada.

Ainda, podemos defender que uma palavra formada por esse processo pode ter grande propagação na língua à medida em que são mais usadas, (redes sociais, mídias, comunicações diversas), como pôde ser observado por meio dos exemplos *Brumar*, *Luladrão* e *Bolsolixo* – todos fazendo referência a figuras públicas conhecidas no país –, ou, ainda, *chafé* e *namorido*

(*blends* que já existem há mais tempo na língua). Isso reitera o fato de que “não é propriamente o uso que é especial ou inovador, mas o produto, no qual avaliamos o êxito da formação.” (BASÍLIO, 2010, p. 208).

Neste sentido, os *blends* podem ser contextuais, mas à medida em que são propagados, passam por um processo de lexicalização semântica e morfofonológica na língua. O primeiro pelo conhecimento de uma palavra, como os exemplos acima, e o segundo pelo conhecimento a partir de um formativo (ou fragmento) que compõe um *blend*, como *bolso-* (Bolsonaro) e *maravi-* (maravilhosa).

5 PISTAS PARA O ALGORITMO ACENTUAL DOS *BLENDS*: ABORDAGEM ACÚSTICA

Como já explicamos, muitos trabalhos tratam sobre a atribuição do acento do *blend* e tais trabalhos foram baseados em Teorias Fonológicas, como Teoria da Otimidade (PRINCE; SMOLENSKY, 1993), Fonologia Prosódica (NESPOR; VOGEL, 1986), e Morfologia Prosódica (MCCARTHY, 1981). Esta tese tem um caráter inovador, pois procuramos investigar como se comporta o acento em termos acústicos. Essa constatação legitima-se, ainda mais, pelo fato de não haver trabalhos desenvolvidos nesta perspectiva no português brasileiro. Mas, antes de tudo, qual a definição de acento?

O acento é uma propriedade fonológica inerente ao ritmo de toda língua de ritmo acentual, como é o caso do português, e se caracteriza pela maior força articulatória empregada sobre uma sílaba dentre as outras de uma mesma palavra (CAMARA JR., (2000[1970])), como é em *caju*, *macaco* e *ávido*. O acento pode ser marcado na última, penúltima ou antepenúltima sílaba, como observado, respectivamente, nesses exemplos.

Esta propriedade rítmica é bastante estudada no âmbito da Fonologia, mas ganhou muito destaque na Fonética, a partir de trabalhos como os de Moraes (1987), Major (1992[1985]), Massini-Cagliari (1992) e Ferreira (2008), por exemplo, que investigaram o acento a partir da Acústica. Esta área da Fonética descreve os parâmetros acústicos dos fenômenos linguísticos e estes pesquisadores descreveram o acento no PB, considerando a duração, intensidade e a frequência fundamental (f_0). Dentre esses parâmetros acústicos, Massini (1991) e Massini-Cagliari (1992) demonstram que a duração é o mais relevante na caracterização acústica do acento.

A organização acentual no PB se estende para além da palavra primitiva, chegando às palavras complexas, como é o caso dos *blends* que, como já discutimos ao longo desta tese, resultam na formação de uma palavra, a partir de outras já existentes na língua, palavras essas que têm uma acentuação própria. Discutimos, também, que este processo tem particularidades intrínsecas que o diferenciam do processo da composição que mantém todos os elementos fonológicos em sua formação. *Blends*, por outro lado, têm supressão de segmental ou silábico quando formados.

Além disso, não apresentam uma padronização específica em sua formação, pois i- podem apresentar compartilhamento de material fônico (interposição lexical - IL) como em *presidengue* (*president*e + *dengue*); ii- podem ser formados sem semelhança fônica (combinação truncada - CT), como é o caso de *pagonejo* (*pagode* + *sertanejo*); e, iii- além de

haver casos em que sua formação resulta da inserção de uma palavra invasora noutra palavra (substituição sublexical ou reanálise- SSL), como em *tricha* (*tri* + *bicha*).

Sendo assim, ao pensarmos nesta operação morfológica que apresenta diferentes maneiras de ser formada e que é oriunda de outras palavras que já apresentam uma acentuação própria, trazemos de volta o questionamento levantado na introdução deste trabalho: O padrão acentual dos *blends* está relacionado aos seus tipos de formação? Sob a hipótese de que os *blends* apresentariam padrões acentuais distintos a depender de sua formação. Nosso objetivo, portanto, nesta seção, é investigar a pauta acentual dos *blends*, levando em conta seu padrão de formação, se por IL, CT ou SSL. Investigaremos este fenômeno a partir desses três padrões de formação com o intuito de avaliar sua pauta acentual com base na Fonética Acústica.

5.1 Pauta acentual dos *blends*: o que se sabe até aqui?

De tantas discussões feitas acerca do fenômeno, uma parece ser unânime: *blends* do PB são formados a partir de duas bases, mesclando-se no nível fonético e portando apenas um acento (cf. ARAÚJO, 2000; GONÇALVES, 2004; GONÇALVES, 2006a; 2006b; ANDRADE, 2008).

No entanto, antes de iniciarmos as discussões sobre a pauta acentual do *blend*, faz-se necessário trazer algumas questões acerca do acento no PB, sobretudo, porque *blends* são formados a partir de palavras que já existem na língua e que trazem consigo seu acento próprio.

Camara Jr. (2000[1970], p. 63) define o acento como uma propriedade de “uma maior força expiratória, ou intensidade de emissão, da vogal de uma sílaba em contraste com as demais vogais silábicas”. Com relação à posição na sílaba, o linguista explica que o acento pode incidir na última, penúltima, antepenúltima de uma palavra, como disposto no quadro 12:

Quadro 12 - Pauta acentual do PB, segundo Camara Jr (2000[1970])

(a) cv.cv. CV	javali <u>i</u>	Oxítone
(b) cv. CV .cv	jane <u>l</u> a	Paroxítone
(c) CV .cv.cv	<u>m</u> édico	Proparoxítone

Fonte: elaboração própria.

As palavras descritas no quadro 12 podem ser classificadas como oxítone, paroxítone e proparoxítone em função da posição da sílaba mais proeminente na palavra. Ressaltamos que, nas palavras, a localização do acento pode ser verificada por regras da língua (ou parâmetros

ou restrições, dependendo do modelo fonológico); ou então, pode ser uma propriedade intrínseca de cada palavra (COLLISCHONN, 2007). “Neste caso, terá de ser especificada individualmente, na representação lexical” (COLLISCHONN, 2007, p. 198).

Major (1992[1985]) e Massini-Cagliari (1992), ao investigarem os parâmetros acústicos que estão envolvidos neste aspecto suprasegmental, apontaram que a duração, a frequência fundamental (f_0) e a intensidade são importantes para analisar o acento no PB. Entre esses parâmetros acústicos, Massini-Cagliari (1992) detectou que a duração é o correlato acústico mais importante para os parâmetros acentuais no PB, resultado que foi confirmado por Ferreira (2008).

As sílabas átonas podem ter comportamento diferente a depender de sua posição em relação à tônica. De acordo com Camara Jr. (2000[1970]), as sílabas que antecedem a sílaba tônica, conhecidas como pretônicas, são menos débeis do que as que sucedem, denominadas de postônicas, relação que foi confirmada, por meio da investigação acústica do acento em português realizada por Massini (1991) e Massini-Cagliari (1992).

Assim, podemos afirmar que a análise acústica é uma ferramenta eficaz nos estudos do acento lexical e que, por isso, deve ser utilizada na investigação sobre o acento nos *blends*. Mas o que se tem a dizer sobre o acento nesse processo de criação de palavras? Algumas reflexões sobre essa temática devem ser consideradas.

Andrade (2008), ao definir o fenômeno, enfatiza que as duas palavras se fundem no nível fonético e seleciona um único acento, isto é, o acento de uma das bases. Silva (2019), ainda, discute que, apesar de ser originado a partir de duas bases já existentes na língua, o processo é constituído de apenas uma palavra e, por isso, porta apenas o acento primário. Assim descreve Silva (2019)

Na mescla analfaburro (< analfabeto + burro), o acento da primeira base é suprimido em detrimento ao da segunda base. A palavra-fonte analfabeto, considerada paroxítona, porta o acento na penúltima sílaba /'bɛ/, no entanto, o núcleo dela foi ocultada [*sic*] favorecendo assim a permanência do acento primário em /'bu/, da segunda base, burro (SILVA, 2019, p. 19).

Ainda que a descrição apresentada pela autora seja coerente, há casos em que a sílaba tônica, de ambas as bases, se mantém no nível fonético, como em *sacolé* (*saco* + *picolé*), em que /sa/ de “saco” e /ɛ/ de “picolé” são as tônicas. Há, também, casos de *blends* que, além de apresentar contextos de haplologia, apresentam uma espécie de “fusão” da tonicidade, como pode ser verificado em *advogata* (*advogada* + *gata*). Logo, nota-se que o argumento de Silva (2019) não dá conta de explicar todos os *blends*.

Mediante esses contextos do acento na criação de *blends*, seria difícil que, tendo a tonicidade em proparoxítona ou oxítona na formação de um *blend*, o acento partiria da identidade da(s) base(s), já que seria idiossincrático? Ou melhor, seria difícil eliminar a informação sobre o acento tônico das palavras originais, especialmente, em palavras proparoxítonas e oxítonas, ao criar um *blend*? Atestaremos essas perguntas a partir de nossas análises, mais adiante, ainda, nesta seção. Por ora, é possível observar que a complexidade do fenômeno é latente, desde o nível segmental, com a supressão no corpo fônico, ao suprasegmental, com questões rítmicas e acentuais.

Braga e Pacheco (2020) foram os primeiros estudiosos a fazer uma análise acústica do processo no Brasil. Os autores fizeram uma investigação da marcação do acento em *blends* do PB com o intuito de avaliar a realização, ou não, do acento secundário e observaram que a pauta acentual dos diferentes padrões (IL, CT e SSL) tendia a apresentar um comportamento distinto.

Os autores investigaram se a palavra formada pelo processo portava, além do acento primário, um acento secundário. Por meio de uma análise da duração relativa das sílabas dos *blends* em comparação com palavras primitivas⁵⁵, os resultados alcançados pelos autores evidenciaram não haver, *a priori*, um padrão acentual contundente (tanto para o primário, quanto para o secundário) para o fenômeno. Braga e Pacheco (2020) apontaram que, enquanto as palavras primitivas apresentavam diferença significativa entre a duração relativa das sílabas tônicas e átonas, nos *blends*, essa diferença significativa entre tônica e átona não era categórica, mas sim bem variável, o que para os autores, é uma forte evidência de que certos *blends* podem possuir, sim, o acento secundário.

Estas informações aproximam o acento dos *blends* das composições prosódicas⁵⁶, envolvendo os afixos do PB. Schwindt (2000), do ponto de vista prosódico⁵⁷, assume que os prefixos em português são caracterizados em dois grupos: prefixos composicionais que “à semelhança de palavras, podem receber acento e podem se estabelecer como formas livres” (SCHWINDT, 2000, p. 101) e prefixos legítimos que “à semelhança de clíticos, não podem receber acento e não podem existir como formas livres” (SCHWINDT, 2000, p. 101). Para

⁵⁵ Os autores consideram, como palavra primitiva, a palavra (ou base) já existente na língua.

⁵⁶ Ulrich e Schwindt (2018) descrevem a composição prosódica como duas palavras prosódicas que se unem e formam uma unidade superior à palavra e inferior à frase fonológica. Os linguistas assumem a tese de que “composição prosódica não se confunde necessariamente com composição morfológica. Na composição prosódica, não está em jogo a existência de duas ou mais raízes como na composição morfológica. Também a noção de composição semântica ou lexical, apesar de ensejar isomorfismo com a noção de composição morfológica, nem sempre estabelece essa correspondência de forma plena.” (ULRICH; SCHWINDT, 2018).

⁵⁷ A proposta de Schwindt (2000) centra-se na Fonologia Prosódica, desenvolvida por Nespor e Vogel (1986).

sustentar essa hipótese, o autor leva em consideração o acento e a oposição forma livre/forma presa.

Embora não tenha a intenção de analisar a pauta acentual do português, Schwindt (2000) defende, com essa proposta, que os prefixos legítimos são inacentuados por serem constituídos de monossílabos átonos, enquanto os prefixos composicionais contêm acento, uma vez que admitem escansão em pés binários com cabeça à esquerda, como em *autodidata* e *monocromático*, e, por vezes, possuem acento à direita, a exemplo de *além* e *aquém*. Para o autor, os PC's “se configuram prosodicamente como palavras fonológicas independentes” (SCHWINDT, 2000, p. 175). Estes últimos levam esse nome, porque, segundo ele, são prefixos dotados de acento, o que os aproxima dos compostos que mantêm os acentos dos vocábulos envolvidos na formação, como *guarda-chuva* e porque, “em dado contexto, podem se instanciar isoladamente, caracterizando-se como formas livres [...]” (SCHWINDT, 2000, p. 176).

Ulrich e Schwindt (2020), fazendo uso da proposta de Schwindt (2000), elaboraram uma análise experimental, por meio da Fonética Acústica, para averiguar a independência prosódica dos afixos no português brasileiro. Os autores realizaram, na verdade, dois experimentos para verificar as diferenças entre os dois grupos de afixos: legítimos e composicionais. O primeiro experimento analisou a duração das sílabas, mostrando que ambos os tipos de afixos apresentam um aumento na duração entre a base e o sufixo. O segundo experimento utilizou rastreamento ocular e uma tarefa de decisão lexical, indicando que palavras derivadas por afixos composicionais exigem mais tempo de fixação e resultam em respostas mais longas e menos precisas.

Na análise do experimento acústico, Ulrich e Schwindt (2020) descobriram que ambos os grupos de afixos mostraram um aumento na duração das sílabas entre a base e o sufixo. Isso significa que tanto as palavras derivadas por afixos legítimos, quanto as palavras derivadas por afixos composicionais exibiram uma duração mais longa nas sílabas no final da palavra. Esse resultado foi uma surpresa para os autores, uma vez que, inicialmente, era esperado que, apenas, as palavras derivadas por afixos composicionais exibissem esse padrão de duração mais longa, já que eles hipotetizaram que esse grupo apresentaria características de uma palavra prosódica. O experimento mostrou, na verdade, um “aumento na duração entre a base e o sufixo para ambas as condições morfológicas [...]”⁵⁸ (ULRICH; SCHWINDT, 2020, p. 8). Portanto, os

⁵⁸ [...] increase in duration between the base and the suffix for both morphological conditions [...].

resultados do experimento acústico não confirmaram totalmente as hipóteses iniciais dos linguistas.

Com relação ao segundo paradigma, o experimento de rastreamento ocular e de decisão lexical, os resultados dos estudiosos indicaram que o processamento de palavras derivadas por afixos composicionais era diferente do processamento de palavras derivadas por afixos legítimos. Especificamente, os participantes apresentaram maior tempo total de fixação nas palavras derivadas por afixos composicionais, sugerindo um custo maior de processamento para essas palavras. Além disso, as palavras derivadas, por esse mesmo grupo, levaram a respostas menos precisas e tempos de reação mais longos no teste de decisão lexical. Dessa forma, os resultados confirmaram as hipóteses dos autores de que essas duas classes de afixos se comportam de maneira diferente no processamento linguístico. Segundo Ulrich e Schwindt (2020, p. 11), “esse resultado pode ser explicado pela independência prosódica e complexidade de estruturas semelhantes a compostos. Apesar de consistirem em apenas uma palavra morfossintática, esses afixos não se comportam como um afixo prototípico na língua”⁵⁹.

Os resultados obtidos por Ulrich e Schwindt (2020) não se referem diretamente à formação de *blends* no português brasileiro. No entanto, eles lançam luz sobre a complexidade do processamento de palavras derivadas por afixos, sobretudo composicionais, que se assemelham a palavras que envolvem duas bases, como a operação morfológica estudada nesta tese. No caso dos *blends* do PB, o acento ocorre, muitas vezes, na junção de duas bases ou partes das bases para criar uma palavra, e essa formação pode ser, de alguma maneira, influenciada por considerações prosódicas.

O trabalho realizado por Ulrich e Schwindt (2018; 2020) sugere, então, a ideia de que a composição prosódica, em afixos composicionais, seja formada a partir de dois acentos primários. Pensando nessa proposta, seria possível que o conceito de dois acentos primários possa ter alguma relevância para a compreensão do acento em *blends* do PB, uma vez que sua formação surge da mescla entre duas bases já existentes no léxico? Ou, justamente, por apresentarem essa estrutura, a operação apresentaria um acento primário e um secundário, como os compostos? Para responder a essa pergunta, uma análise acústica que considere os diferentes padrões de *blends* foi realizada, como descrevemos na subseção de resultados, os quais foram obtidos a partir do delineamento descrito na subseção 5.2.

⁵⁹ *This result can be explained by the prosodic independence and complexity of compound-like structures. Despite of having only one morphosyntactic word, these affixes do not behave as a prototypical affix in the language.*

Antes de darmos continuidade, é importante ressaltar que, muito mais que estabelecer se o fenômeno apresenta dois acentos, nossa proposta é fazer uma análise comparativa com proeminências que indicam que, na formação dos *blends*, há algo que os diferenciam de outros processos de formação de palavras.

5.2 Delineamento percorrido para a busca do algoritmo acentual dos *blends*

Nesta tese, como já apresentamos, anteriormente, pretendemos investigar a ocorrência do acento no processo do *blend* a partir do léxico do PB. Tomamos, como base de análise, a duração relativa das sílabas dos *blends*, sendo esta nossa variável dependente.

A princípio, selecionamos palavras formadas por *blends* e, para efeitos de comparação, palavras que já existem na língua e que apresentam o mesmo padrão acentual e a mesma estrutura silábica que o *blend* apresenta. Para fins de comparação, consideramos, também, na análise, o tamanho das palavras. Para tanto, escolhemos *blends* e palavras primitivas⁶⁰ dissílabos, trissílabos e polissílabos, como são apresentadas no quadro 13:

Quadro 13 – Palavras selecionadas para análise acústica

PADRÃO	BLEND	PALAVRA PRIMITIVA
IL	(a) <i>matel</i> <i>namorado</i> <i>sacolé</i>	Motel namorado picolé
CT	(b) <i>chafé</i> <i>bolsogado</i> <i>portunhol</i>	Café Bolsonaro português
SSL	(c) <i>tricha</i> <i>roubartilhar</i>	Bloco compartilhar

Fonte: elaboração própria.

Pretendemos comparar as sílabas tônicas com as átonas para observar o comportamento do acento na operação morfológica. Esta comparação, entre tônicas com átonas, foi feita com as palavras primitivas. Selecionamos (a) 3 *blends* formados por interposição lexical-IL, (b) 3 por combinação truncada-CT e (c) 2 por substituição sublexical-SSL⁶¹. A escolha das palavras

⁶⁰ Neste trabalho, consideramos como palavras primitivas aquelas que podem formar novas palavras na língua, como o *blend* por exemplo.

⁶¹ *Blends* formados por SSL são os menos produtivos na língua. Por essa razão, não analisamos outros dados, pois os outros exemplos de nossa coleta ou não apresentavam o mesmo número de sílabas ou não apresentavam a mesma estruturação silábica com as palavras primitivas. Esta, também, é a razão de não analisarmos *blend* trissílabo deste padrão.

primitivas foi feita a partir de uma das bases que formava o *blend* do padrão (a) e (b). O mesmo procedimento foi adotado para o *blend* do padrão (c) *roubartilhar*. Entretanto, não fizemos o mesmo com *tricha*, pois a base que apresenta o mesmo número de sílaba, *bicha*, não apresenta a mesma estruturação silábica.

A nossa proposta é fazer uma análise multivariada das palavras, tanto dos *blends* quanto das palavras primitivas, que requer a ocorrência de, ao menos, três dados, neste caso, sílaba. Neste sentido, este procedimento metodológico não dá conta de analisar as palavras dissílabas. Sendo assim, dividimos as análises em duas partes: 1) para as palavras dissílabas, a análise estatística realizada foi a *Anova – um critério* e 2) para as palavras com mais de duas sílabas, o teste estatístico utilizado foi análise Multivariada por meio dos *clusters*.

As palavras apresentadas no quadro 13 foram inseridas na frase veículo: “disse _____ para ele”. Este procedimento metodológico utilizado em pesquisas de fonética acústica, viabiliza uma homogeneização no ambiente fonético, evitando “diferenças prosódicas na análise da duração devido à posição da palavra na estrutura” (SOUZA; FONSECA, 2018).

Feita a seleção das palavras, a gravação dos áudios foi realizada por 3 participantes, todos do sexo masculino, com idade entre 19 e 20 anos, estudantes do curso de Letras Modernas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e todos aceitaram integrar esta pesquisa, voluntariamente.

A leitura da frase veículo, realizada pelos sujeitos, foi feita por meio de três repetições. Antes disso, fizemos um sorteio manual das palavras, de modo que não ocupassem a mesma ordem nas três repetições. Dessa maneira, as palavras primitivas e os *blends* se apresentavam aleatoriamente em cada repetição, como descritas no quadro 14:

Quadro 14 – Sequência do sorteio das palavras (primitivas e *blends*)

SEQUÊNCIA 1	SEQUÊNCIA 2	SEQUÊNCIA 3
<i>sacolé</i>	Português	namorado
<i>matel</i>	Compartilhar	café
<i>namorado</i>	<i>Roubartilhar</i>	<i>bolsogado</i>
<i>chafé</i>	Picolé	Bolsonaro
bloco	Bloco	motel
<i>portunhol</i>	<i>Tricha</i>	<i>tricha</i>
<i>tricha</i>	<i>Portunhol</i>	<i>portunhol</i>
português	<i>Matel</i>	picolé
picolé	<i>Namorado</i>	português
<i>roubartilhar</i>	Motel	bloco
compartilhar	<i>Sacolé</i>	<i>roubartilhar</i>
motel	Namorado	compartilhar
café	<i>Chafé</i>	<i>matel</i>

SEQUÊNCIA 1	SEQUÊNCIA 2	SEQUÊNCIA 3
<i>bolsogado</i>	Café	<i>chafé</i>
Bolsonaro	<i>Bolsogado</i>	<i>sacolé</i>
namorado	Bolsonaro	<i>namorido</i>

Fonte: elaboração própria.

Para a coleta das gravações, utilizamos um *MACbook (Apple)* e um microfone profissional, afastado 15 centímetros da boca dos sujeitos. Tais gravações foram feitas em laboratório apropriado⁶² que dispõe de uma cabine audiométrica para evitar ruídos durante a gravação. Utilizamos, também, um *notebook* para a projeção da frase veículo em *slides* que deveria ser lida pelos sujeitos participantes da pesquisa. Configuramos os arquivos do *Power Point* para que os *slides* trocassem automaticamente de 5 em 5 segundos. O *notebook* foi colocado fora da cabine e, por meio de um vidro à sua frente, os participantes podiam executar a leitura.

Os três participantes estiveram no mesmo horário no laboratório e, por esse motivo, dávamos um intervalo entre as três repetições para cada um. Ao final, obtivemos 72 dados, 24 de cada um, resultante das três repetições.

As gravações foram feitas pelo *software PRAAT* (BOERSMA; WEENINK, 2002), a partir do qual também foi feita a análise acústica do sinal sonoro. Como já dito acima, o parâmetro acústico analisado foi a duração por ser o mais importante na investigação do acento. Diante disso, extraímos as palavras-alvo (*blends* e palavras primitivas) da frase veículo e medimos a sua duração total. Em seguida, medimos a duração de cada sílaba (tônica e átonas), isoladamente, para procedermos o cálculo da duração relativa⁶³ que se deu a partir da fórmula na duração da sílaba/duração total da palavra*100. Com esse procedimento metodológico, fomos capazes de minimizar os efeitos da velocidade de fala/taxa de locução sobre a duração intrínseca das sílabas. Assim, obtivemos a porcentagem de ocupação da sílaba na palavra, com pouca interferência de forma com a palavra foi realizada.

As médias das durações relativas das palavras dissílabas foram submetidas à análise *Anova – um critério*, por meio do *software BioEstat* (AYRES *et al.*, 2007), pois é um teste que permite avaliar a diferença entre as médias entre dois conjuntos de dados, qual seja, duração relativa da sílaba tônica em comparação com a duração relativa da sílaba átona. Nosso intuito

⁶² O Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), em nome da UESB, dispõe de um laboratório em Fonética e Fonologia, conhecido como LAPEFF (Laboratório de pesquisas em estudos em Fonética e Fonologia) coordenado pela professora Dra. Vera Pacheco.

⁶³ Comparar sílabas com *onsets* distintos pode ser um atrapalhador para o juízo da duração em termos comparativos. Foi, por essa razão, que adotamos o dispositivo metodológico da duração relativa na tentativa de equacionar essas diferenças internas da sílaba.

foi avaliar diferença significativa entre as sílabas das palavras primitivas e dos *blends*. Adotamos 0,05 como nível de significância, e consideramos diferença significativa quando o valor de *p* era menor ou igual a 0,05 e como diferença não significativa quando o valor de *p* era maior que 0,05. Calculamos, também, a proporcionalidade entre as sílabas para avaliar a diferença de ocupação de cada uma das sílabas (tônica e átona) na composição total da palavra.

As médias das durações relativas das palavras com mais de duas sílabas foram submetidas à análise Multivariada de conglomerados. Este método de análise objetiva juntar objetos/dados em grupos por meio de conglomerados ou *clusters*. “Os conglomerados são identificados como grupos que compõem a população ou a amostra que está sendo analisada. As unidades de um grupo apresentam muitas semelhanças entre si e muitas diferenças em relação às unidades dos demais grupos” (AYRES *et al.*, 2007, pp. 17 e 18).

Adotamos este procedimento metodológico, pois queríamos investigar qual a relação de semelhança ou diferença entre as sílabas tônicas e átonas das palavras formadas por *blends* não dissílabos, a fim de testar a nossa hipótese de que os diferentes padrões de *blends* (IL, CT, SSL) possuem pauta acentual específica. Assim, paralelamente, fomos capazes de investigar se um desses padrões de *blends* possui acento secundário. As palavras primitivas foram usadas como grupo controle, pois nos serviram para fins de comparação.

A avaliação de conglomerados se dá por meio da análise de dendrogramas⁶⁴, como apresentado na figura 4. As sílabas que antecedem as tônicas são classificadas como pretônicas. Em caso de a palavra ter mais de uma pretônica, a PRET1 é a pretônica mais distante da tônica e a PRET2 e a PRET3 serão as mais próximas. Foi classificada como postônica (POST), a sílaba átona que sucede a sílaba tônica, e a sílaba tônica será referida como TÔNICA, como demonstrado no esquema da figura 3:

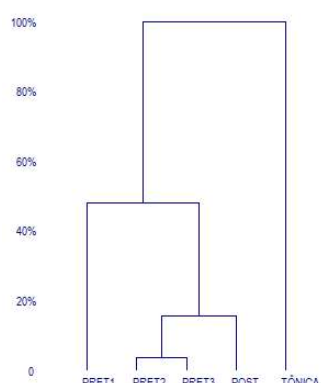
Figura 3 – Esquema de distribuição dos padrões de sílabas quanto à tonicidade

a	d̃zi	vo	ga	ta
PRET1	PRET2	PRET 3	TONICA	POST

Fonte: elaboração própria.

⁶⁴Dendrograma é um tipo específico de diagrama que organiza determinados fatores e variáveis. Resulta de uma análise estatística de determinados dados, em que se emprega um método quantitativo que leva a agrupamentos e à sua ordenação hierárquica ascendente. Em termos gráficos se assemelha aos ramos de uma árvore que se vão dividindo noutros ramos sucessivamente. Assim, ilustra o arranjo de agrupamentos derivado da aplicação de um "algoritmo de clustering" (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Dendrograma>).

Figura 4 – Dendrograma do conglomerado das durações das sílabas PRET1, PRET2, PRET3, TONICA e POST do *blend* *advogata* do sujeito 1



Média da duração relativa das sílabas do *blend* [aḑʒivo'gate].

a: 10.30

ḑʒi: 20.66

vo: 19.84

ga: 31.86

tɐ: 17.32

Fonte: elaboração própria.

Fonte: elaboração própria.

O dendrograma, gerado através do *software* BioEstat (AYRES *et al.*, 2007) referente à produção de *advogata* do sujeito 1, disposto na figura 4, permite-nos afirmar a relação existente entre as sílabas no que tange à duração relativa. PRET2 e PRET3, por exemplo, formam um conglomerado entre si e, acima, a POST agrupa-se a elas. Em outras palavras, o dendrograma apresenta uma relação de similitude entre a PRET2 e PRET3 e o conglomerado entre elas tem uma proximidade com a POST. Ainda, podemos observar que, a seguir, a PRET1 se aproxima da POST e, por fim, tem-se a TÔNICA, acima de todas.

Na próxima subseção, apresentaremos a análise e os resultados obtidos.

5.3 Afinal, qual o padrão acentual dos *blends*?

Nosso intuito foi investigar se os padrões de *blends* apresentam diferença entre si no que se refere à organização de suas sílabas quanto à tonicidade, investigada por meio da duração relativa. Assim, buscamos avaliar similaridades e diferenças no agrupamento entre sílabas tônicas e átonas dos diferentes padrões de *blends*.

Como já esclarecemos, as palavras-alvo gravadas foram decompostas em sílabas para avaliarmos a sua duração relativa. Para a geração dos dendogramas, utilizamos a média da duração relativa das três repetições. A média da duração relativa de cada um dos sujeitos pode ser conferidas no anexo C desta tese. As médias podem ser observadas na tabela 8:

Tabela 8 – Médias da duração relativa das sílabas entre todos os sujeitos

PALAVRAS SIMPLES	Médias da duração relativa das sílabas			
	S1 ⁶⁵	S2	S3	S4
motel	37.58	62.41	-	-
café	38.61	61.38	-	-
bloco	68.02	31.97	-	-
picolé	27.85	32.59	39.36	-
português	32.67	23.19	50.31	-
namorado	26.70	25.80	31.84	15.65
Bolsonaro	30.79	24.61	33.23	11.19
compartilhar	24.33	25.30	17.70	32.65
BLENDs	S1	S2	S3	S4
matel	45.73	54.24	-	-
chafé	44.95	54.93	-	-
tricha	57.07	42.92	-	-
sacolé	36.63	29.49	33.38	-
portunhol	35.34	21.18	43.47	-
namorido	26.28	27.48	26.93	18.34
bolsogado	28.32	24.78	32.21	14.68
roubartilhar	19.62	28.32	18.21	33.83

Fonte: elaboração própria.

A tabela 8 apresenta dados interessantes, quando observamos a duração relativa. É possível observar que as sílabas das palavras primitivas, foneticamente, tônicas correspondem às sílabas que são consideradas, também, mais proeminentes fonologicamente. Por outro lado, houve uma pequena variação com os dados das palavras formadas por *blends*. Em *sacolé*, por exemplo, a sílaba que apresentou mais proeminência, acusticamente, foi a primeira, [sa]. Fonologicamente, a sílaba tônica é /le/.

Um dado curioso em *namorido* foi que a segunda sílaba, [mo], mostrou-se com maior duração, não seguindo o padrão acentual fonológico que deveria ser a penúltima sílaba, /ri/. Esta, inclusive, apresentou uma duração relativa bastante próxima à primeira sílaba, [na]. Então,

⁶⁵ ‘S’ refere-se à sílaba, e a contagem da sílaba deverá ser da esquerda para direita.

o que esses dados nos revelam? Passemos para as análises de tais palavras para averiguar melhor esses comportamentos.

Iniciamos nossas análises com as palavras primitivas dissílabas com vistas a avaliar possíveis diferenças entre a duração relativa das sílabas tônica e a átona. Em seguida, procederemos a mesma análise para os *blends* dissílabos, buscando verificar se semelhanças e diferenças com as palavras primitivas dissílabas. Será também foco de nossa análise possíveis semelhanças e diferenças da duração relativa silábicas entre os diferentes padrões tipos de *blends* (IL, CT, SSL).

Na tabela 9, apresentamos os resultados obtidos na avaliação da duração relativa das palavras primitivas.

Tabela 9 – Duração relativa média das duas sílabas (S1 e S2) de palavras dissílabas primitivas e respectivos valores de *p*

PALAVRAS	Média da duração relativa			Proporcionalidade entre as sílabas
	S1	S2	Valor de <i>p</i>	S1/S2
[mo'tɛw]	37.58	62.41	0,0011 s	60,21%
[ca'fɛ]	38.61	61.38	0,0013 s	62,9%
['blɔkʊ]	68.02	31.97	0,0005 s	47,08%

Fonte: elaboração própria.

Como podemos verificar a partir dos valores de *p* dispostos na tabela 9, das palavras primitivas dissílabas, a sílaba tônica tende a ter maior duração relativa do que as átonas. No que diz respeito à proporcionalidade entre as sílabas tônicas e átonas, as palavras *motel* e *café* apresentam uma diferença substancial – ambas acima de 50% –, enquanto *bloco* apresenta uma proporção de 47%. A porcentagem de 60,21% na palavra *motel* pode corresponder ao fato de a sílaba tônica ser pesada, /teL/. Note, por exemplo, que a sílaba tônica da palavra *café*, /fɛ/, apresenta uma porcentagem de 58% com relação a átona, /ka/, e ambas são leves. Observemos, agora, o que ocorre com os *blends* dissílabos (cf. tabela 10):

Tabela 10 – Duração relativa média das duas sílabas (S1 e S2) de blends dissílabos e respectivos valores de *p*

BLENDSS DISSÍLABOS				
PALAVRAS	Média da duração relativa			Proporcionalidade entre as sílabas
	S1	S2	Valor de <i>p</i>	
[ma'tɛw]	45.73	54.24	0,2 ns	8,4%
[ja'fɛ]	44.95	54.93	0.02 s	8,1%
['triʃv]	57.07	42.92	0.0011 s	7,5%

Fonte: elaboração própria.

Os dados de palavras formados por *blends* dissílabos mostraram-se distintos aos das palavras primitivas. O *blend matel* apresentou o valor de *p* não significativo, acima de 0,05 e a proporcionalidade entre as suas sílabas tônica e átona apresentou uma porcentagem de, apenas, 8,4%. Este resultado distancia-se do argumento de Bisol (2002) para quem o acento, no PB, é sensível ao peso da sílaba final. Era esperado, então, que a sílaba tônica, por ser constituída com coda, sílaba pesada, apresentasse um valor mais expressivo, como aconteceu com a palavra primitiva com a mesma estruturação silábica e acentual ao *blend*.

Uma possibilidade de resposta para este dado é o fato de *matel* ser um *blend* formado com as duas sílabas tônicas das suas bases de origem, /ma/ da base 1 (*mato*) e /tɛL/ da base 2 (*motel*), corroborando, assim, com a proposta de Braga e Pacheco (2020, p. 321) que discutem que a sílaba /ma/ “traz, consigo, marcas do acento da palavra de onde foi oriunda (*mato*), em que era a tônica”. Esta explicação dá indícios de que o falante possa acessar questões acentuais na formação de um *blend*.

Os outros dois *blends*, *chafé* e *tricha*, apresentaram diferença significativa entre as sílabas tônica e átona, contudo, a diferença proporcional entre elas foi bem inferior a 50%, correspondendo a 8,1% e 7,5%, respectivamente. Desse modo, aparentemente, “a sílaba tônica do fenômeno parece ser mais discreta” (BRAGA; PACHECO, 2020, p. 321).

Estes resultados nos fazem retomar uma das perguntas levantadas no início desta seção: “seria difícil eliminar a informação sobre o acentoônico das palavras originais, especialmente, em palavras proparoxítonas e oxítonas, ao criar um *blend*?” Uma resposta viável para esta pergunta é a de que, aparentemente, o acento está envolvido na constituição de um *blend* e isso pode confirmar, também, que o processo é de fato morfofonológico, ratificando a defesa Bevilacqua e Silva (2021). Isso quer dizer que, além de não ser construído de morfemas plenos, como defende Kemmer (2003), parece que os *blends* acessam informações rítmicas e prosódicas da língua, como o acento. Isso quer dizer que o falante quando produz *matel* e *chafé*

pode não ter perdido, completamente, as duas bases que os formam⁶⁶ e isso é denunciado pela presença da proeminência guardada, em termos fonéticos.

Nesse sentido, por meio dos resultados apresentados nos *blends* dissílabos, podemos deduzir, então, que haja um forte indício de que resquícios do acento das bases de onde os *blends* são oriundos sejam mantidos nas palavras formadas pelo fenômeno (cf. BRAGA; PACHECO, 2020). Os dados dos *blends* dissílabos revelam, também, que seus diferentes padrões (IL, CT, SSL) não apresentam diferença entre si, no que tange ao acento, o que, até este momento, refuta nossa hipótese. Passemos, então, a observar os trissílabos e polissílabos.

Das análises feitas, até este momento, é possível perceber que a diferença de duração entre as sílabas tônicas e átonas das palavras primitivas e dos *blends* é contundente. As sílabas tônicas das palavras primitivas tendem durações mais expressivas que as tônicas. Isso não ocorre nos *blends*.

Para nos certificarmos de que os conglomerados encontrados eram, de fato, específicos do processo aqui investigado, procedemos, preliminarmente, à análise dos conglomerados de palavras primitivas, cujos tamanho e formatação interna das sílabas eram semelhantes aos *blends* utilizados nesta pesquisa, como já foi apresentado no quadro 13, bem como o procedimento de análise nos dissílabos. Passemos a avaliar, portanto, os dendrogramas das palavras primitivas trissílabas ‘picolé’ e ‘português’, conforme figuras 5 e 6:

⁶⁶ Essa ideia está ancorada na proposta de Bisol (1981) que, ao analisar a harmonia vocálica do PB, observou que algumas formas não sofriam o processo, porque guardavam memória da palavra primitiva, quando eram compostas por palavras que tinham vogal média aberta que ela denominou como átona casual: “vogal que perde o acento ao longo da derivação (medicina < médico)” (SCHWINDT, 1997, p. 57).

Figura 5 – Dendrograma do conglomerado das durações relativas médias das sílabas PRET1, PRET2 e TÔNICA da palavra primitiva ‘picolé’.

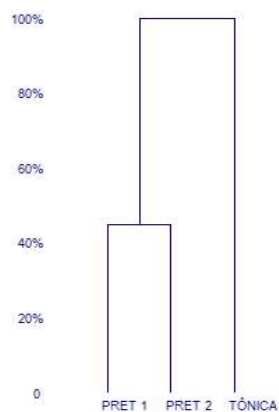
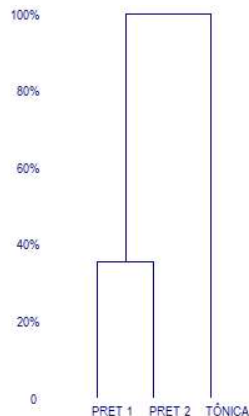


Figura 6 – Dendrograma do conglomerado das durações relativas médias das sílabas PRET1, PRET2 e TÔNICA da palavra primitiva ‘português’.



Média da duração relativa de [pikɔ'le].

pi: 27.85

kɔ: 32.59

le: 39.36

Média da duração relativa de [poxtu'ges].

pox: 32.67

tu: 23.19

ges: 50.31

Fonte: elaboração própria.

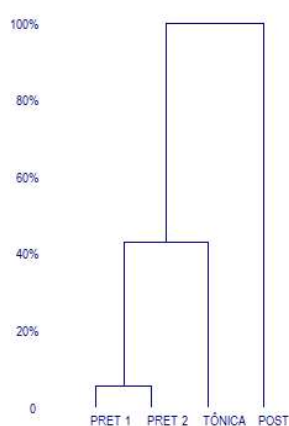
A partir dos dendrogramas das palavras primitivas ‘picolé’ e ‘português’⁶⁷, podemos observar uma tendência comum a esses dois trissílabos oxítonos do PB: ambos conglomeram as pretônicas, o que significa que há similitude entre PRET 1 e PRET 2, e isolam a tônica, indicando distância entre as pretônicas e a tônica. Pelo dendrograma, atestamos a lenização das sílabas pretônicas em relação as tônicas conforme defendida Camara Jr. (2000[1970]).

Observemos, agora, a relação que existe entre sílabas átonas e tônicas em palavras primitivas polissilábicas, conforme figuras 7 e 8. O dendrograma gerado para a palavra primitiva ‘namorado’ apresentou *cluster* entre PRET1 e PRET2, evidenciando a similitude entre essas suas sílabas. Há uma proximidade entre a tônica e o *cluster* das pretônicas e um isolamento da POST. Nota-se que o dendrograma não foge ao padrão do que se espera da pauta acentual do PB. Camara Jr (1972), por exemplo, sinaliza que as sílabas pretônicas têm uma proeminência maior do que as postônicas, o que justifica o *cluster* formado por PT 1 e PT2 e a

⁶⁷ É viável que a qualidade da vogal esteja em jogo nos resultados desses exemplos: Aberta no primeiro caso, /ɛ/, e fechada no segundo, /e/. No entanto, seria necessária uma análise que levasse em conta a frequência fundamental para ter melhores conclusões a respeito.

proximidade da tônica a elas. Esta sinalização pode ser confirmada, ainda, por meio de dados acústicos apresentados por Massini-Cagliari (1992). Por outro lado, a palavra primitiva ‘Bolsonaro’ não apresenta o mesmo dendrograma que ‘namorado’, como se verifica na figura 8:

Figura 7 – Dendrograma do conglomerado das durações das sílabas PT1, PT2, T e POST da palavra primitiva ‘namorado’



Média da duração relativa de
[namo'rado].

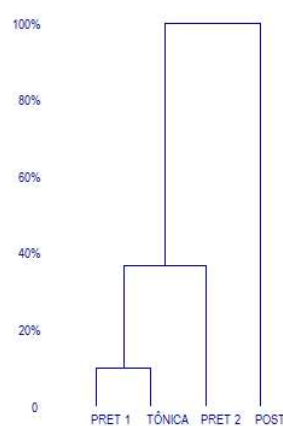
na: 26.70

mo: 25.80

ra: 31.84

do: 15.65

Figura 8 – Dendrograma do conglomerado das durações das sílabas PT1, PT2, T e POST da palavra primitiva ‘Bolsonaro’



Média da duração relativa de
[bowso'naro].

bow: 30.79

so: 24.61

na: 33.23

ro: 11.19

Fonte: elaboração própria.

Em ‘Bolsonaro’ o *cluster* formado foi entre a PRET1 e a TÔNICA, diferente de ‘namorado’. A similitude entre PRET 1 e TÔNICA encontrada nessa palavra pode se dever ao fato de ela ser uma palavra polissílaba com parte de sua constituição ser equivalente a uma palavra real na língua, qual seja, *bolso*, em que a sílaba /bol/ é a sílaba tônica.

Acerca disso, Silva (2019) discute que *bolso-* se caracteriza como um formativo, denominado de *splinter*, como já discutimos ao longo desta tese, que pode gerar outros *blends* (*bolsolixo*, *bolsominion*, *bolsobosta*, *bolsomerda*), sendo, por isso, uma porção não morfêmica da palavra-base que se combina com outro elemento para gerar uma nova palavra. Ao formar

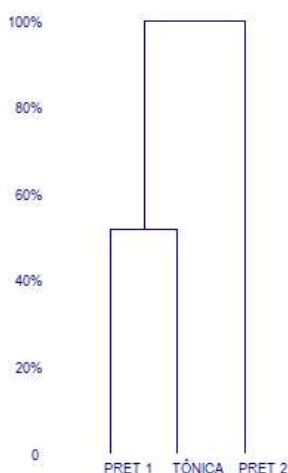
novas palavras a partir de um único fragmento, *bolso-* apresenta uma regularidade em seu recorte (SILVA, 2019), pois se parece “com a estrutura silábica e com os segmentos constituintes do pé métrico (o nuclear, mais raramente, o secundário) da base-alvo” (ANDRADE, 2013, p.131).

Neste sentido, isso pode ser uma característica dessas “formações como cruzamentos não prototípicos e talvez seja justificado pelo fato de os *splinters* se adjungirem a palavras inteiras” (SILVA, 2019, p. 82). Logo, a interpretação rítmica inconsciente que o falante faz da palavra ‘Bolsonaro’ é de uma composição formada por *bolso* + *naro*. Sendo assim, a palavra “formada” traria o acento da primeira base, além de ter a penúltima sílaba também proeminente.

Assim, podemos afirmar que as palavras primitivas *namorado*, *picolé* e *português* possuem um dendrograma em que a sílaba tônica fica isolada das átonas, sendo possível verificar três agrupamentos diferentes: o *cluster* das pretônicas; a tônica e a postônica. A palavra ‘Bolsonaro’, apesar de ser uma palavra primitiva, possui uma constituição que pode levar o falante a interpretá-la como uma composição, o que justifica seu dendrograma diferente.

Podemos afirmar que as palavras primitivas apresentam uma padronização em sua pauta acentual quer seja trissílabo, quer seja polissílabo. E quanto aos *blends*? Como ocorre a organização acentual, uma vez que são formados de diferentes maneiras? A seguir, analisaremos o fenômeno, levando em conta seu padrão de formação. Vamos iniciar com os *blends* trissílabos formados por IC e CT, *sacolé* e *portunhol*, respectivamente:

Figura 9 – Dendrograma do conglomerado das durações das sílabas PRET1, PRET2 e TÔNICA do *blend sacolé*.



Média da duração relativa

[sako'le]

sa: 36.63

co: 29.49

le: 33.38

Fonte: elaboração própria.

Fonte: elaboração própria.

O dado do *blend* *sacolé*, formado por interposição lexical, apontou a primeira sílaba com maior duração relativa na média entre os três sujeitos, em termos acústicos – uma diferença pequena. Um fato interessante acerca deste *blend* é que as sílabas tônicas das bases de origem estão no nível fonético e formam, entre si, um único *cluster*. O *cluster* formado é entre PRET1, que é a tônica de uma das bases, e a tônica da outra base. Logo, o *blend* trissílabo formado por interposição lexical apresentou um conglomerado distinto ao da palavra primitiva trissílaba *picolé* em que se observa nitidamente o isolamento da sílaba tônica, sinalizando para um comportamento acentual diferente entre *blend* e palavra primitiva. Braga e Pacheco (2020, p. 322) sugerem que esta ocorrência pode ser “uma evidência importante para a hipótese de que os *blends* podem ter mais de uma sílaba longa” um acento secundário, portanto.

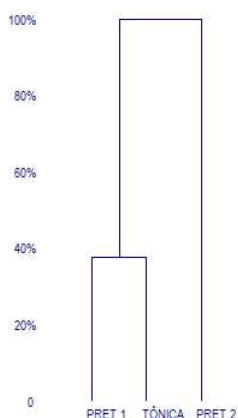
Contudo, a hipótese dos autores, embora interessante, não apresenta uma contundência para determinar um acento primário e um secundário no processo, pois, neste último, a noção pode ser puramente fonológica e não fonética. O parâmetro utilizado em nosso experimento não nos permite estabelecer que haja uma proeminência principal, seguida de uma proeminência secundária, apenas pela duração relativa⁶⁸. O resultado para *sacolé*, por exemplo, apontou que, foneticamente, a sílaba mais proeminente é a antepenúltima, embora, tendenciados pela fonologia, esperávamos uma duração maior na última sílaba.

Uma hipótese possível, então, é a de que *blends* podem apresentar dois acentos primários, baseada na composição prosódica (ULRICH; SCHWINDT, 2018; 2020), tendo em vista que o processo envolve a mescla de palavras prosódicas independentes já dotadas de acento. Com isso, quando a mescla dessas palavras geram um *blend*, deixam suas marcas acentuais, conferindo, ao processo, o *status* de uma palavra prosódica complexa, ou seja, com dois acentos primários.

Vejamos o que ocorre com o *blend* trissílabo formado por combinação truncada, na figura 10:

⁶⁸ Inclusive, a noção de acento secundário, em análises acústicas, na literatura, é bastante complexa. Keller e Costa (2014, p. 551) explicam que “não há resultados robustos relativos a correlatos acústicos específicos para a identificação do acento secundário.”

Figura 10 – Dendrograma do conglomerado das durações das sílabas PRET1, PRET2 e TÔNICA do *blend portunhol*.



Média da duração relativa

[poxtu'ɲɔw].

pox: 35.34

tu: 21.18

ɲɔw: 43.47

Fonte: Elaboração própria.

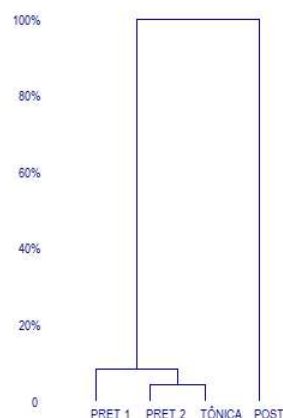
Fonte: Elaboração própria.

Como se verifica na figura 10, o *blend portunhol* apresentou um conglomerado entre a PRET1 e a TÔNICA e distância da PRET2, tal qual acontece com o dendrograma do *blend sacolé* (figura 9), também oxítono, e diferente da palavra primitiva oxítona *português* (figura 6), que se assemelha em tamanho e tipos de sílabas a palavra *portunhol*.

Esse resultado nos evidencia que, apesar de *portunhol* está, em termos estruturais, mais para português, do que para *sacolé*; o falante o interpreta como a soma de duas palavras, como acontece em *sacolé*. A presença de um “cluster tônico” no dendrograma de *sacolé* e *portunhol* é uma evidência importante para a hipótese de que os *blends* carregam dois acentos primários, delimitando, subjacentemente, o papel das duas bases envolvidas em sua formação, o que, de fato, reflete em seu sentido: *sacolé* carrega a ideia de *saco* e *picolé* ao mesmo tempo; assim como *portunhol* carrega a ideia de *português* e *espanhol*.

E o que ocorre com os *blends* polissílabos? O dendrograma apresentado na figura 11, da palavra *namorido*, formado por IL endossam os resultados até aqui obtidos.

Figura 11 – Dendrograma do conglomerado das durações das sílabas PRET1, PRET2, TÔNICA e POST do *blend* *namorido*



Média da duração relativa de
[namo'rido].
na: 26.28
mo: 27.48
ri: 26.93
do: 18.34

Fonte: Elaboração própria.

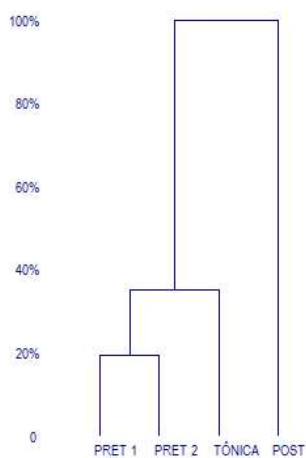
Fonte: Elaboração própria.

O *blend* polissílabo *namorido*, como pode ser verificado na figura 11, caracteriza-se por uma similaridade entre as sílabas PRET2 e TÔNICA e uma proximidade da PRET1. A POST fica isolada desse *cluster* de sílabas mais fortes, evidenciando sua natureza mais débil.

Ao comparar o dendrograma de *namorido* (figura 11) com a palavra primitiva ‘namorado’ (figura 7), verificamos diferenças importantes entre o agrupamento das sílabas tônica e átonas, apesar de serem duas palavras polissílabas e paroxítonas com a mesma formação silábica. Enquanto ‘namorado’ possui um *cluster* formado pela PRET1, [na], e PRET2, [mo], evidenciando a similaridade entre essas duas sílabas, em *namorido*, temos, diferentemente, o *cluster* formado pela PRET2, [mo], e a TÔNICA, [ri]. Se pensarmos que *namorido* pode ser interpretado como a combinação de *namoro* + *marido*, o *cluster* formado por PRET2 e a TÔNICA revelam a presença das sílabas tônicas das suas bases originárias, [mo] e [ri], sinalizando-nos para a manutenção das sílabas tônicas da base, como ocorre em *sacolé*.

Como os *blends* deste padrão apresentam “relações de correspondência de um-para-muitos entre os constituintes da forma resultante e das formas de base” (ANDRADE; RONDININI, 2016, p. 874), era esperado que seus dendrogramas fossem similares aos dendrogramas de palavras primitivas. Porém, eles tendem a apresentar uma pauta acentual distinta, corroborando com o fato de que o falante pode acessar informação acentual na formação de *blend*. Observemos, agora, o *blend* polissílabo formado por combinação truncada (cf. figura 12):

Figura 12 – Dendrograma do conglomerado das durações das sílabas PRET1, PRET2, TÔNICA e POST do *blend bolsogado*.



Média da duração relativa de
[bowso'gado].

bow: 28.32

so: 24.78

ga: 32.21

do: 14.68

Fonte: Elaboração própria.

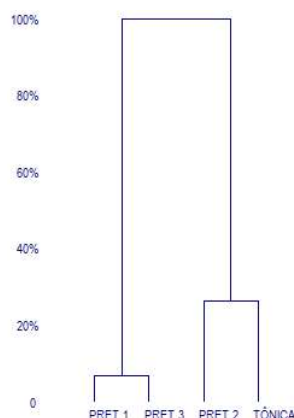
Fonte: Elaboração própria.

O dendrograma do *blend bolsogado* conglomerou as sílabas pretônicas 1 e 2 e a tônica veio logo acima como mais próxima ao conglomerado. A postônica, por ser posterior à tônica, isolou-se bem mais acima. Essa configuração é semelhante à das palavras primitivas, aqui investigadas, *namorado*, *picolé* e *português*, não seguindo a tendência geral dos outros *blends* que é sempre ter um *cluster* formado entre a TÔNICA e uma PRET. Curiosamente, o *blend bolsogado* difere da palavra primitiva 'Bolsonaro', que, como vimos, parece portar dois acentos primários.

Nesse interim, seriam 'Bolsonaro' e *bolsogado blends* com comportamento duracional diferenciado por ter em sua formação um nome próprio? Ou será que por ter um fragmento não morfêmico (ANDRADE, 2013), *bolso-*, que gera outros *blends*, portando a estrutura métrica de uma palavra da língua? Gonçalves, Carvalho e Andrade (2016) argumentam que o uso recorrente de determinados fragmentos, bem como a sua utilização em combinação com formas transparentes na primeira posição (o radical), cria condições ideais para a identificação de suas partes constituintes como unidades isoláveis, conferindo-lhe o estatuto de morfema. Ainda assim, sugerimos que, para responder melhor a essa pergunta um delineamento experimental apropriado é requerido.

Por fim, passemos agora a analisar o *blend* formado por SSL, *roubatilhar*, conforme figura 13.

Figura 13 – Dendrograma do conglomerado das durações das sílabas PRET1, PRET2, PRET3 e TÔNICA do *blend roubartilhar*.



Média da duração relativa de

[xowbaxtʃi'λax].

xow: 19.62

bax: 28.32

tʃi: 18.21

λax: 38.66

Fonte: elaboração própria.

Fonte: elaboração própria.

Embora *roubartilhar* seja uma formação cujo *status* de *blends* possa ser questionado (GONÇALVES, 2003), o dendrograma referente à duração relativa de suas sílabas mostra que um *blend* formado por SSL tem comportamento, sim, semelhante ao de um *blend* formado quer por IL, quer por CT. Observando a figura 13, podemos verificar que a sílaba TÔNICA – *lhar*, forma um *cluster* com a sílaba PRET 2, *bar*, formando um “*cluster*ônico” como os demais *blends* até aqui investigados, exceto o *blend bolsogado*. Considerando que na palavra *roubartilhar*, temos a palavra ‘roubar’ que tem a sua sílaba tônica [bax], é perfeitamente compreensível que essa sílaba integre o núcleoônico da nova palavra formada, como acontece com *namorido*. Assim, podemos afirmar que o dendrograma da palavra *roubartilhar* traz uma evidência robusta para a proposta de Andrade (2008) e Silva (2019) que formações a partir de SSL constituem *blends*.

Com a análise de *roubartilhar*, *blend* formado por SSL, somos capazes de afirmar que os *blends* do PB possuem uma tendência geral de organização rítmica, no que se refere à duração relativa das sílabas, que independe do seu tamanho, bem como independe do seu padrão de formação. Com as análises de dendrogramas desenvolvidas, aqui, verificamos que os *blends* possuem um núcleo de tonicidade sempre formado pela tônica e uma pretônica. Dessa forma, podemos deduzir que as formações em *blends* tendem a possuir dois acentos primários, uma vez que a duração relativa entre sílabas tônicas e átonas não apresentaram um distanciamento significativo. Porém, mais do que isso, evidenciamos que, em termos acústicos, o falante parece acessar informações acentuais na criação do processo. Caminho contrário aconteceu com as palavras primitivas, cujas sílabas tônicas tendem a não formar *cluster* com as sílabas pretônicas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, discutimos fatores que envolvem o fenômeno do *blend*, uma operação morfológica que engloba a junção de duas palavras, formando uma terceira, como em *prostiputa*, *blend* formado pelas bases *prostituta* e *puta*. Primeiramente, fizemos uma investigação sobre o estado da arte como forma de compreender melhor qual seu *status* morfológico no léxico.

A partir deste estudo foi possível observar que o fenômeno morfológico tem ganhado um certo destaque nos últimos anos, tanto com análise em *blends* do PB, como análises em outras línguas naturais. Muitos autores debruçaram-se sobre essa operação morfológica, tão complexa, como forma de entender melhor sua formação em diferentes níveis da gramática.

Com isso, fizemos uma discussão, a partir de diversos estudos, sobre os aspectos gramaticais quem envolvem o fenômeno. No âmbito fonológico, o processo sofre ruptura(s) no nível segmental e silábico, tornando-o um processo não concatenativo de formação de palavras. Além disso, podem ter diferentes padrões em sua criação, quando compartilham ou não segmentos ou podem ter uma palavra invasora numa palavra-alvo. Observamos, também, que alguns *blends* podem acionar a haplologia em sua formação. Para isso, lançamos mão do balanceamento de sílaba(s), uma proposta de Braga (2019), para atestar que ocorrência do fenômeno fonológico em alguns *blends* pode ser por fusão, quando há sobreposição entre as bases (*Lulaladrão* << *Lula* + *ladrão*) ou por apagamento da sílaba em uma das bases para manter uma cadência rítmica da língua, como ocorre em (*promochila* << *promoção* + ~~*mochila*~~).

Com relação ao aspecto morfológico, os *blends* podem ser criados por bases de diferentes categorias morfológicas, além das de classes gramaticais (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio), pela classe do pronome (*euquipe* << *eu* + *equipe*), onomatopeia (*aumigo* << *au* + *amigo*) e, até mesmo, por outro processo morfológico, como a siglagem (*Abralindos* << *Abralin* + *lindos*).

Sendo assim, por serem formados por duas bases, os *blends* se aproximam da composição por justaposição e do processo da aglutinação. No que tange a este último, a proximidade com os *blends* é maior por apresentar algum tipo de supressão em sua formação. No entanto, não fizemos uma análise comparativa entre os aglutinados e o processo estudado neste trabalho, porque consideramos que a aglutinação não é i- um processo produtivo e ativo na língua, além de apresentar um número bastante reduzido de exemplos; ii- por ser um processo lexicalizado na língua como uma palavra simples, isto é, dotado de apenas um acento primário (cf. VILLALVA, 2020) e iii- e por não ser um processo pertencente apenas à

composição, isto é, pode ser observado em situações de sândi externo (cf. TENANI, 2006) por fusão, como em *laranjamarela* (*laranja* *a* *marela*) e por apagamento de vogal, a exemplo de *todalegre* (*todo* *alegre*).

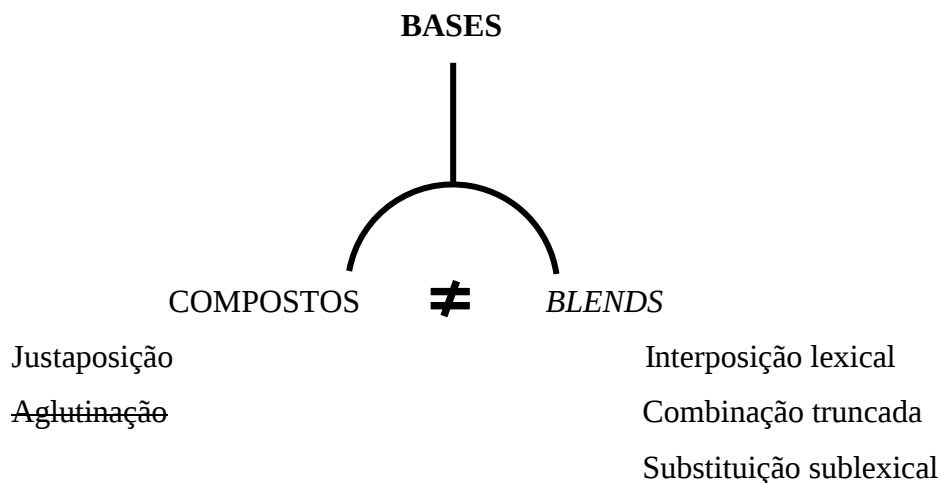
Nesse sentido, traçamos uma discussão entre os *blends* e os compostos justapostos, a fim de apresentar as convergências e divergências entre os processos. A grande semelhança entre eles está no fato de ambos serem formados a partir de duas bases já existentes na língua. Todavia, a composição se dá por meio da concatenação entre as bases, onde uma inicia exatamente no ponto em que a outra termina (cf. GONÇALVES, 2003, 2019; VILLALVA, 2020), mantendo todo corpo fônico nível fonético, como *cabra-cega*, *cavalo-marinho*. O *blend* por outro lado, se dá a partir da concatenação, em que as bases sofrem algum tipo de supressão, seja no nível segmental, seja no nível silábico, como em *marinoivo* (*maride + noivo*) que teve supressão silábica na base da esquerda.

Além disso, as palavras formadas por *blends* tendem em fazer menção às suas bases de origem, configurando-se mais como endocêntricos, enquanto os compostos justapostos são, majoritariamente, exocêntricos (SANDMAN, 1997; KEHDI, 1997). Sendo assim, ponderamos, então, que os aspectos importantes para análise dos *blends* são o semântico e o fonológico, pois, através deles, podemos apontar o fenômeno como distinto ao de composição.

Por essa razão, os dois processos, compostos e *blends*, embora apresentem semelhanças entre si, formam palavras de modos diferentes: o primeiro por uma sequência concatenativa e o segundo por uma sequência não concatenativa. Assim, consideramos que ambas as operações morfológicas pertencem a um processo superior que é o de formação de palavras criada por duas bases, onde de um lado encontra-se a composição e seu subtipo e do outro, o *blend* com seus diferentes padrões, como ilustra a figura 14 do esquema:

Figura 14 – Configuração dos processos de formação de palavras no PB, formados a partir de duas bases.

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS CRIADAS POR DUAS



Fonte: elaboração própria.

De acordo com a padronização dos *blends*, para considerá-lo como um processo à parte da composição, fizemos um levantamento de discussões (ALGEO, 1977; GONÇALVES, 2003; MINUSSI; NÓBREGA, 2014; ANDRADE; RONDININI, 2016) e observamos que os *blends* apresentam formações diferentes, ora compartilham material fônico, como em *advogada* (*advogada* + *gata*), ora não, como em *futelama* (*futebol* + *lama*) e, ainda, há possibilidade de serem formados a partir de criações analógicas, em que uma sílaba, sem *status* fonológico, pode ser reinterpretada e substituída por uma palavra com *status* fonológico, como em *boadrasta* (*boa* + *madrasta*).

Ainda, vimos que os *blends* têm ganhado o novo destaque a partir de criações por antropônimos (SILVA, 2019), como os acrescidos de qualificador, *Cangaciro* (*Canganceiro* + *Ciro*) e os *ships*, *Brumar* (*Bruna* + *Neymar*). Com isso, observamos que a lexicalização dos *blends* é semântica e formal.

Na seção 3, elaboramos um teste de Percepção como forma de averiguar qual o conhecimento que os falantes nativos tinham dos *blends* com a hipótese de que seu conhecimento seria por sua decomposição semântica e seu uso seria por fatores sociais. Observamos, então, que os *blends* são contextuais, mas esta contextualização tem relação com o significado da palavra.

Verificamos que os juízes tendem a conhecer o *blend* pelos fragmentos que vão para o nível fonético, independente de fator social, como *chafé* que apresentou alta porcentagem de conhecimento dos falantes. Mostramos que o seu conhecimento tinha relação com suas bases,

sobretudo, a primeira que mantém todo o corpo fônico e a alta porcentagem para os que usam, pode ter relação com o alto número de pessoas que consomem a bebida. A partir disso, observamos que os *blends* mais conhecidos pelos juízes são os que mais se propagaram na língua, como *Bolsolixo*, *Luladrão* e *Brumar*. Os *blends* menos conhecidos não tiveram tanta circulação e pudemos atestar isso, com os falsos *blends*.

Com os resultados dessa seção, observamos, também, que há, entre os *blends*, um *ranking* entre os mais e menos dependentes de contextos, e o que diferencia o fenômeno do composto é, justamente, a dependência do contexto. Os *blends* formados por oniônimos, por exemplo, mostraram-se bastante contextuais, o que nos fez deduzir que o falante pode não recuperar o significado pelas bases envolvidas, mas por se referir a um estabelecimento, a um lugar, quando forem contextualizados. Dessa forma, notamos que os *blends* não serão sempre endocêntricos, como afirmam alguns autores (GONÇALVES, 2003; ANDRADE, 2009; SILVA, 2019). Por isso, propomos um *continuum* entre os processos:

Figura 15 – Caráter semântico dos processos de formação de palavras formados a partir de duas bases.



Fonte: elaboração própria.

Como ilustrado na figura 15, compostos tendem a ser mais exocêntricos, isto é, a formação da palavra não remete às suas bases de origem, a exemplo de *guarda-chuva*, *amor-perfeito*, mas apresentam alguns exemplos com caráter endocêntricos, como *erva-doce*. Em contrapartida, *blends* tendem a ser mais endocêntricos, uma vez que as bases remetem às bases de onde foram oriundos, *chafé*, *Brumar* e que podem apresentar alguns *blends* exocêntricos, como *plasticouro* (loja de tecidos), *bruboi* (restaurante).

Além disso, assinalamos que a lexicalização dos *blends* é mais lenta na língua, pois surgem diversas palavras desta natureza, diariamente. Essa sinalização dá indícios de que os *blends* podem ser efêmeros, desaparecendo rapidamente na língua, outros podem surgir, ‘adormecer’ e ‘despertar’ na língua, sendo, desta maneira, flutuantes e, ainda, há os *blends* que passaram por todo processo que uma palavra nova que surge na língua passa, tornando-se, assim, cristalizados.

Acerca da seção 4, propomos discutir a pauta acentual de palavras formadas por *blends*. Levando em consideração o fato de este processo ser formado de modo distinto, compartilhando material fônico, não compartilhando ou formando-se a partir da invasão de uma palavra numa outra, levantamos a hipótese de que *blends* teriam padrões acentuais distintos em função do seu padrão de formação: IL, CT ou SSL

A análise dos dendrogramas mostram que *blends* provenientes de IL, CT ou SSL possuem um *cluster* formado pela TÔNICA e uma PRETÔNICA. Essa pretônica que forma o *cluster* com a TÔNICA tende a ser a tônica da base da esquerda de sua formação. Em caso de a tônica da base não estar presente no *blend* formado, outra PRETÔNICA conglopera com a TÔNICA, formando, igualmente, o que estamos chamando de um “*cluster* tônico”.

Nesse sentido, podemos afirmar que, em se tratando de duração relativa das sílabas, os *blends*, independentemente de seu processo de formação (IL, CT ou SSL), independentemente de ser dissílabo, trissílabo ou polissílabo, oxítono ou paroxítono, caracterizam-se pela aproximação na duração relativa entre sílabas tônicas e átonas, ao passo que as palavras primitivas apresentam um distanciamento entre tônicas e átonas. Assim, inferimos que as bases que formam um *blend* deixam resquícios acentuais na palavra formada.

Desta feita, partindo da proposta de Schwindt (2000) e Ulrich e Schwindt (2018, 2020) sobre composição prosódica, apontamos que os *blends* apresentam duas proeminências que estão ligadas às bases que os formam, a saber: dois acentos primários. Com essa informação, deduzimos que há a possibilidade de que, na formação de um *blend*, o falante acesse, não só informações segmentais e silábicas, como também, informações acentuais. Estas constatações, inclusive, apontam para o fato de que o *blend* se trata um fenômeno morfofonológico.

Dito isso, em resposta à nossa pergunta, podemos afirmar que a organização rítmica dos *blends* é comum a todos os padrões e independe do padrão envolvido na sua formação. Nesse sentido, refutamos a nossa hipótese de que o padrão de formação do *blend* poderia interferir na sua organização rítmica.

As discussões apresentadas ao longo desta tese trouxeram mais contribuições sobre os *blends*, sobretudo, em análises poucos exploradas antes, como a de percepção com a tentativa de mostrar o funcionamento do fenômeno na língua a partir da percepção (conhecimento e uso) do falante nativo e um trabalho de acústica, a partir de seus distintos padrões, como forma de compreender sua pauta acentual.

Contudo, salientamos que o trabalho realizado nesta tese não teve a intenção de ser categórica. Apenas, trouxemos mais contribuições, a partir do nosso plano de análise, para entender o caminho que o processo percorre na língua para ganhar mais notoriedade no léxico

do PB. Mediante as leituras e discussões feitas, aqui, observamos que os *blends* podem ser analisados em outras perspectivas. Uma delas, é uma análise no plano da Fonética Acústica, comparando o fenômeno com compostos a partir dos parâmetros acústicos envolvidos no acento para observar se há mais distanciamento ou mais aproximações entre esses processos de formação de palavras. Julgamos necessária, também, uma análise acústica que investigue o acento de *splinters*, a fim de verificar se os formativos que geram diversos *blends* (*maravi-*, *bolso-*, *-naro*) comportam-se como uma palavra prosódica independente.

Além disso, embora Minussi e Villalva (2020) tenham feito um excelente trabalho sobre o processamento lexical de *blends* do PB e PE, seria interessante uma abordagem mais apurada do processo na perspectiva da Psicolinguística que i- ajudasse a entender como o cérebro humano lida com palavras complexas e como elas são processadas em tempo real; ii- para ajudar em aplicações clínicas, como no tratamento de distúrbios da linguagem e da fala, pois, compreender como os *blends* são processados, pode ser útil na reabilitação de pacientes com dificuldades linguísticas e iii- para mais contribuições para a Linguística, ajudando a esclarecer a estrutura morfológica da língua e a forma como as palavras são formadas a partir de unidades menores.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, V. **An introduction to modern English word-formation**. London: Longman, 1973.
- ALGEO, J. Blends, a structural and systemic view. **Amercian Speech**, v. 52, n. 1/2, 1977, p. 47-64.
- ALI, M. S. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.
- ALKMIM, M G. R.; GOMES, C. A. Dois fenômenos de Supressão de Segmentos em Limite de Palavra. **Cadernos de lingüística e teoria da literatura**. Belo Horizonte, n. 7, 1982, p. 43-51.
- ALVES, I. M. **Neologismo**. São Paulo: Ática, 1990.
- AMORIM, G. S. dinamismo linguístico dos cruzamentos vocabulares: algumas motivações morfo-fonético-sintático-semânticas. GELNE. *In*: JORNADA NACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO NORDESTE, 24., 2012, Natal. **Anais [...]**. Natal: EDUFRN, 2012.
- ANDRADE, K. E. **Proposta de um continuum composição-derivação para o Português do Brasil**. 2013. 163 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- ANDRADE, K. E. **Uma análise otimalista unificada para mesclas lexicais do Português do Brasil**. 2008. 131 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- ANDRADE, K. E. Entranhamento lexical, combinação truncada e analogia: Estudo otimalista sobre padrões de cruzamento vocabular. *In*: GONÇALVES, Carlos A. **Otimalidade em foco: morfologia e fonologia do português**. Rio de Janeiro : Publit Soluções editoriais, 2009.
- ANDRADE, K. E.; RONDININI, R. B. Cruzamento vocabular: um subtipo da composição? **DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, , 2016 p. 861-887.
- ARAÚJO, G. A. **O acento em português: abordagens fonológicas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- ARAÚJO, G. A. Morfologia não-concatenativa em português: os portmanteaux. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, 2000, p. 5-21.
- ARNDT-LAPPE, S.; PLAG, I. The role of prosodic structure in the formation of English blends. **English Language and Linguistics**, v. 17, n. 4, 2013, p. 537.

ARONOFF, M. **Word Formation in Generative Grammar**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1976.

AYRES, M. *et al.* **Bioestat 5.0 aplicações estatísticas nas áreas das ciências biológicas e médicas**. Belém: IDSM, 2007.

AZEREDO, J. C. **Fundamentos da gramática do português**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BASÍLIO, M. **Estruturas lexicais do português**: uma abordagem gerativista. Petrópolis: Vozes, 1980.

BASÍLIO, M. **Teoria Lexical**. 7ª. ed. São Paulo: Ártica, 1987.

BASÍLIO, M. Cruzamentos vocabulares: o fator humorfológico. *In*: CONGRESSO DA ASSEL-RIO, 10., 2003, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Laços, 2003.

BASÍLIO, M. A fusão vocabular como processo de Formação de Palavras. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 4., 2005, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: [s.n], 2005.

BASÍLIO, M. Fusão vocabular expressiva: um estudo da produtividade e da criatividade em construções lexicais. *In*: **XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, Porto, 2010, p. 201-210.

BAT-EL, O. Selecting the best of the worst: the grammar of Hebrew blends. **Phonology**, New York, 13, n. 1, jan./jul, 1996, p. 283-328.

BAT-EL, O. Blend. *In*: BROWN, K. **Encyclopedia of language and linguistics**. Amsterdam: Elsevier, 2006, p. 66-70.

BATTISTI, E. Haplogia no português do sul do Brasil: Porto Alegre. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 40, n. 3, 2005, p. 73-88.

BAUER, L. **English word-formation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

BAUER, L. **Morphological Productivity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

BAUER, L. **A Glossary of Morphology**. Washington, DC. Georgetown Univ. Press 2004.

BAUER, L. Blends: Core and periphery. *In*: RENNER, V.; MANIEZ, F.; ARNAUD, P. J. L. **Cross-disciplinary perspectives on lexical blending**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2012, p. 11-22.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev. - ampl. e atual. Conforme o Novo Acordo Ortográfico: Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BEVILACQUA, C. R.; SILVA, F. M. Morfologia concatenativa e morfologia não concatenativa: do princípio morfológico ao princípio prosódico. **Confluência**, Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, n. 60, 2021, p. 353-372.

BISOL, L. **Harmonia vocálica**: uma regra variável. 1981. 335 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

BISOL, L. O acento, mais uma vez. **Letras & Letras**, Uberlândia, MG, p. 103-110, 2002.

BISOL, L. O acento: duas alternativas de análise. **Organon**, Porto Alegre, 28, n. 54, 2013, p. 281-321.

BOERSMA, P; WEENINK, D. **Praat [Computer software]**. Amsterdam: Institute of Phonetic Sciences, University of Amsterdam, 2002.

BRAGA, E. V. **Haplologia à luz da Teoria da Otimidade e à luz da Percepção do falante nativo**. 2019. 90 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019.

BRAGA, E. V.; PACHECO, V. Balanceamento do número de Sílabas e Haplologia atuando no processo do Portmanteau. **Id on Line Revista Multidisciplinar de Psicologia**, v. 13, n. 43, 2019, p. 1108-1120.

BRAGA, E. V.; PACHECO, V. Percepção dos brasileiros na composição de palavras por base + base: balanceamento do número de sílabas e haplologia atuando no portmanteau. In: HORA, D. *et al.* **Estudos linguísticos (teorias e aplicações)**: contribuição da Associação de Linguística da América Latina - ALFAL [recurso eletrônico]. São Paulo: Terracota Editora, 2019, p. 29-44.

BRAGA, E. V.; PACHECO, V. Estudo da duração silábica de blends: Uma análise acústica comparativa com as palavras primitivas. In: ENANPOLL, 35., 2020, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: *Online* 2020.

BRAGA, E. V.; PACHECO, V.; ROCHA, W. J. C. A relação entre conhecimento, uso e faixa etária de blends por falantes nativos do PB. **Revista (Con)textos Linguísticos**, Vitória, 16, 2022, p. 205-224.

CAMARA JR. J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2000[1970].

CAMARA JR., J. M. **The Portuguese Language**. Chicago: University of Chicago Press, 1972.

CAMARA JR., J. M. **Dicionário de lingüística e gramática**. 13. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

CAMPOS, H. **Galáxias**. 2 ed. São Paulo: Ed. 34, 2004. p. 31.

CANNON, G. Blends in English word formation. **Linguistics**, n. 24, 1986, p. 725-753.

CARDOSO, E. D. A. Cruzamentos lexicais no discurso literário. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 39, 2010, p. 214-222.

CARROLL, L. **Through the looking glass and what Alice found there**. [S.l.]: Macmillan, 1871.

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CHOMSKY, N. **Knowledge of language: Its Nature, Origin, and use**. 1. ed. Connecticut: Praeger, 1986.

CIPRO NETO, P.; INFANTE, U. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2008.

COLLISCHONN, G. Proeminência acentual e estrutura silábica: seus efeitos em fenômenos do português brasileiro. In: ARAÚJO, G. A. **O acento em português: abordagens fonológicas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CUNHA, C. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

DELGADO-MARTINS, M. R. **Sept études sur la perception**. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

FERREIRA, L. **High initial tones and plateaux in Spanish and Brazilian Portuguese neutral declaratives**: consequences to the relevance of F0, duration and vowel quality as stress correlates. 2008. 205 f. Tese (Doutorado em Letras), University of Illinois at Urbana-Champaign, Urbana, 2008.

FERREIRA, L. A duração como correlato acústico do acento de palavra no Português Brasileiro e no Espanhol: desafios para o ensino de suprasegmentais e preparação de material didático. **Signum Estudos de Linguística**, Londrina, n. 17/1, 2014, p. 74-101.

GONÇALVES, C. A. Blends lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência. **Veredas (UFJF)**, Juiz de Fora, v. 7, n. 1 e n. 2, 2003, p. 149-167.

GONÇALVES, C. A. Processos morfológicos não concatenativos do português brasileiro: formato prosódico e latitude funcional. **Alfa (ILCSE/UNESP)**, Araraquara, v. 48, n. 2, 2004, p. 30-66.

GONÇALVES, C. A. Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português. **Gragoatá**, Niterói, v. n. 21, 2 sem, 2006a, p. 219-241.

GONÇALVES, C. A. A ambimorfemia de cruzamentos vocabulares: uma abordagem por ranking de restrições. **Revista ABRALIN**, v. 5, n. 1 e 2, 2006b, p. 169-183.

GONÇALVES, C. A. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, C. A. **Morfologia**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

GONÇALVES, C. A. Uma análise construcional das (de) formações lexicais com os nomes do atual chefe executivo. **Gragoatá**, Niterói, v. 25, n. 52, maio-ago. 2020, p. 648-687.

GONÇALVES, C. A.; ALMEIDA, M. L. L. Bases semântico-cognitivas para a diferenciação de cruzamentos vocabulares. **Revista Portuguesa de Humanidades**, v. 11, 2007, p. 75-85.

GONÇALVES, C. A.; CARVALHO, W.; ANDRADE, K. Splinters são cruzamentos de cruzamentos? Repensando o estatuto desse constituinte em português. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 13, n. 1, 2016, p. 132-156.

GONÇALVES, C. A.; SILVA, V. B. O fenômeno da shippagem na nomeação de casais: um novo emprego do cruzamento vocabular. **Revista do GEL**, v. 18, n. 3, 2021, p. 335-365.

GRIES, S. T. Some characteristics of English morphological blends. In: ANDRONIS, M. A. *et al.* **Papers from the 38th Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society**. Chicago: Chicago Linguistic Society, v. 2 The panels, 2004, p. 201-216.

G1. **Lula tem 48% das intenções de voto para presidente: Bolsonaro tem 21%, diz Ipec.** 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/12/14/lula-tem-48percent-das-intencoes-de-voto-para-presidente-bolsonaro-tem-21percent-diz-ipeec.ghtml>. Acesso em: 20 maio 2022.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. K. (org.). **The View from Building 20: Essays in Honor of Sylvain Bromberger**. Cambridge, Mass: MIT Press, 1993, p. 111-176.

HOUAISS, A.; VILLAR, Mauro S. **Dicionário de Houaiss da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IGNES, A. F.; FERREIRA, E. M. A. R. P. Os cruzamentos vocabulares nas propagandas da Hortifruti. In: GIL, Beatriz D.; *et al.* **Saberes lexicais (recurso eletrônico)**. São Paulo: FFLCH/USP, 2019, p. 60-72.

INFANTE, U. **Curso de gramática aplicada aos textos**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

KEHDI, V. **Formação de palavras em português**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.

KELLER, T.; COSTA, E. P. F. S. Acento secundário e epêntese vocálica no português do sul do Brasil. **Letrônica**, Porto Alegre, v.7, n. 2, 2014, p. 547-564.

KEMMER, S. Schemas and Lexical Blends. In: CUICKENS, H. *et al.* (org.) **Motivation in Language**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2003.

KUBOZONO, H. Phonological constraints on blending in English as a case for phonology-morphology interface. **Yearbook of Morphology** 3, 1990, p. 1-20.

LAHLOU, H.; HO-ABDULLAH, I. **A Cognitive Approach to Compounds and Blends: Revising the linguistic approach to blends**. Germany: LAP LAMBERT Academic Publishing, 2012.

LAHLOU, H.; HO-ABDULLAH, I. The fine line between compounds and portmanteau words in English. **Journal of Language and Linguistic Studies**, v. 17, n. 4, 2021, p. 1684-1694.

LAPA, M. R. **Estilística da Língua Portuguesa**. 5. ed. Coimbra: Coimbra, 1968.

LIEBER, R. **Introducing Morphology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

LOPES, C. A. G. **Lições de morfologia da língua portuguesa**. Jacobina: Tipô-carimbos, 2003.

LUFT, C. P. **Moderna Gramática Brasileira**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2002.

MAJOR, R. C. Stress and rhythm in Brazilian Portuguese. In: KOIKE, D. A.; MACEDO, D. P. **Romance Linguistics: The Portuguese Context**. Westport, Connecticut; London: Bergin Garvey, 1992 [1985], p. 3-30.

MARANGONI JÚNIOR, C. E. **A blendividade na formação de palavras: a derivação dos blends na interface entre morfologia, fonologia e pragmática**. 2021. 222 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

MARTINS, N. S. **Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa**. São Paulo: T.^a Queiros, EDUSP, 2000.

MASSINI, G. **A duração no estudo do acento e do ritmo do português**. 1991. 333 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Acento e ritmo**. São Paulo: Contexto, 1992.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico**. 1995. 269 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1995.

MCCARTHY, J. A prosodic theory of nonconcatenative morphology. **Linguistic Inquiry**, 12, 1981, p. 373-418.

MINUSSI, R. D.; NÓBREGA, V. A. A interface sintaxe-pragmática na formação de palavras: avaliando os pontos de acesso da Enciclopédia na arquitetura da gramática. **Veredas (UFJF)**, Juiz de Fora, v. 18, n. , 2014, p. 161-184.

MINUSSI, R. D.; VILLALVA, A. M. S. M. Reconhecimento e acesso lexical dos blends em português europeu e português brasileiro. **Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura**, São Paulo, v. 22, n. 1, jan./abr. 2020, p. 1-14.

MORAES, J. A. *Correlats acoustiques de l'accent de mot en Portugais Brésilien*. **Proceedings of the XI International Congress of Phonetic Sciences**. vol. 3, Tallin, Estonia. URSS, 1987, p. 313- 316.

NESPOR, M; VOGEL, I. **Prosodic phonology**. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

NEVES, C. Clara Moneke cai na gargalhada ao saber por que não chamam mais os Estúdios Globo de Projac. **Revista QUEM**, 2023. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/noticias/noticia/2023/08/clara-monecke-cai-na-gargalhada-ao-saber-por-que-nao-chamam-mais-os-estudios-globo-de-projac.ghml>. Acesso em: 10 ago 2023.

NICOLA, J.; INFANTE, U. **Gramática contemporânea da língua portuguesa**. 8. ed. São Paulo: Scipione, 1992.

PIÑEROS, C. E. **Word-blending as a case of non-concatenative morphology in spanish**. Rutgers: Rutgers University, 2000.

PIÑEROS, C. E. The creation of portmanteaus in the extragrammatical morphology os Spanish. **Rutgers Optmality Archive**, Iowa, 2002. Disponível em: <http://roa.rutgers.edu/files/526-0602/526-0602-PINEROS-0-0.PDF>.

PLAG, I. **Word-Formation in English**. 2. ed. Cambridge: Cambridge Textbooks in Linguistics, 2018.

POUND, L. **Blends**: Their relation to English word formation. Amsterdam: Swets & Zeitlinger (Reprint: Heidelberg: Carl Winter), 1914.

PRINCE, A; SMOLENSKY, P. **Optimality Theory**: constraint interaction in generative grammar. New Brunswick: Rutgers University, University of Colorado, 1993.

RALLI, A. Compounding versus derivation. In: SCALISE, S.; VOGEL, I. (Eds.). **The Benjamins Handbook of Compounding**. Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2010.

RIO-TORTO, G. Blending, cruzamento ou fusão lexical em português: padrões estruturais e (dis)semelhanças com a composição. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 16, n. 1, 2014, p. 7-29.

RIO-TORTO, G.; RIBEIRO, S. Compounding in contemporary Portuguese. **Probus**, 2012.

ROCHA, L. C. A. Criação lexical: processos produtivos no português contemporâneo. **Revista de estudos de Língua Portuguesa**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, 1983, p. 29-56.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

SAID ALI, M. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

SANDMANN, A. J. **Competência lexical**. Paraná: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1991.

SANDMANN, A. J. **Morfologia Geral**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1993.

SANDMANN, A. J. **Formação de Palavras no Português Contemporâneo**. Curitiba: Ed. URPR, 1996.

SANDMANN, A. J. **Morfologia Lexical**. São Paulo: Contexto, 1997.
SAPIR, E. **Linguística como ciência**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

SCHWINDT, L. C. A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista. **Graphos**, João Pessoa, v. 2, n.1, 1997, p. 55-64.

SCHWINDT, L. C. **O prefixo no Português Brasileiro: análise morfofonológica**. 2000. 192 f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2000.

SERRA, L. H. A neologia literária no universo poético de Ferreira Gullar: uma leitura de neologismos. **Revista do GELNE**, Natal, RN, 20, 2018, p. 136-149.

SILVA, V. B. **O cruzamento vocabular formado por antropônimos: análise Morfológica e Fonológica**. 2019. 184 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SILVEIRA, C. M. F. **Cruzamento vocabular em português: acaso ou processo?** 2002. 76 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

SOLEDADE, J. A antroponímia no português arcaico: aportes sobre sufixação de nomes personativos. In: LOBO, T. *et al.* **ROSAE: Linguística Histórica, História das línguas e outras Histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 323-336.

SOUZA, M. M.; FONSECA, A. A. O status de palavra fonológica em afixos do português brasileiro. **Diadorim**, Rio de Janeiro, 20, n. 2, 2018, p. 418-434.

TECHTUDO. **Google Forms: o que é e como usar o app de formulários online**. Techtudo, 2018. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2018/07/google-forms-o-que-e-e-como-usar-o-app-de-formularios-online.ghml>. Acesso em: 20 maio 2022.

TENANI, L. Domínios prosódicos no Português Brasileiro: evidências rítmica, entoacional e segmental. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, SP, 2006, p. 118-131.

ULRICH, C. W.; SCHWINDT, L. C. O status morfoprosódico dos sufixos -inho/-zinho, -mente e -íssimo no português brasileiro. **DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 34, 2018, p. 769-788.

ULRICH, C. W.; SCHWINDT, L. C. Prosodic independence of affixes in Brazilian Portuguese: an experimental approach. **Proceedings of the Annual Meetings on Phonology**, v. 8, 2020, p. 1-12.

VEALE, T. An analogy-oriented type of hierarchy for linguistic creativity. **Knowledge-Based Systems**, v. 19, 2006, p. 471-479.

VILLALVA, A. **Estruturas Morfológicas: Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

VILLALVA, A. **Morfologia do português**. Lisboa: Universidade Aberta, 2007.

VILLALVA, A. Composição. *In*: RAPOSO, E. B. P.; *et al.* (org.). **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa, Portugal: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa - Fundação Calouste Gulbenkian, 2020.

VILLALVA, A.; GONÇALVES, C. A. V. The phonology and morphology of word formation. *In*: WETZELS, L.; COSTA, J.; MENUZZI, S. **The Handbook of Portuguese Linguistics**. 1. ed. Oxford: Wiley Blackwell, v. 1, 2016, p. 167-187.

ZONAURBANA. **Mn-mc lanca polemico video bolsolixo e ataca o presidente**. 2020. Disponível em: <https://www.zonasuburbana.com.br/mn-mc-lanca-polemico-video-bolsolixo-e-ataca-o-presidente/>. Acesso em: 20 maio 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Quadro com *blends*

BASE 1	BASE 2	BLEND	FONTE
Abacaxi	Pingue-pongue	Abaxinguepongue	Gonçalves; Almeida (2002)
Abacaxi	Xana	Abacaxana	Marangoni Jr. (2021)
Abacaxi	Xique	Abacaxique	Comunicação diversa
Abel	Selena (Gomes)	Abelena	Silva (2019)
Aborrecer	Adolescente	Aborrescente	Araújo (2000)
Abralin	Lindos	Abralindos	Storie do Instagram
Abraços	Beijos	Abreijos	Marangoni Jr. (2021)
Acarajé	Crente	Acaracrente	Storie do Instagram
Acarajé	Jéssica	Acarajéssica	Imagem do Instagram
Acorda	Gardenal	Acordenal	Comunicação diversa
Acrílico	Gel	Acrigel	Marangoni Jr. (2021)
Adulto	Adolescente	Adultecente	Araújo (2000)
Advogado	Gato	Advogato	Instagram
Afonso	Amália	Afonsalia	Silva (2019)
Agronomia	Boy	Agroboy	Storie do Instagram
Alagoano	Pernambucano	Alabucano	Comunicação diversa
Alegria	Sofrência	Alegrência	Instagram
Alface	Cássio	Alfássio	Marangoni Jr. (2021)
(José) Alfredo	Ísis	Alfredisis	Silva (2019)
Almoço	Janta	Almojanta	Storie do Instagram
Alucinado	<i>Crazy</i>	Alucicrazy	Internet/ Com. Div.
Amanda	Robson	Amason	Silva (2019)
Amarela	Laranja	Amaranja	Marangoni Jr. (2021)
Amigo	Inimigo	Aminimigo	Marangoni Jr. (2021)
Amigos	Ricos	Amirricos	Marangoni Jr. (2021)
Ana (Paula)	Munik	Annik	Silva (2019)
Analfabeto	Bruto	Analfabruto	Marangoni Jr. (2021)
Analfabeto	Burro	Analfaburro	Gonçalves (2003)
Analfabeto	<i>Byte</i>	Analfabyte	
André	Tolentino	Andretino	Silva (2019)
Anitta	<i>Coachella</i>	Anichella	Instagram
Apertado	Apartamento	Apertamento	Andrade; Rondinini (2016)
Arcanjo	Ângela	Arcângela	Silva (2019)
Arcrebiano	Mãe	Arcrebimãe	Facebook

BASE 1	BASE 2	BLEND	FONTE
Argumento	Mentira	Argumentira	Marangoni Jr. (2021)
Arrocha	Sertanejo	Arrochanejo	Oliveira (2017)
Arthur	Eliza	Arliza	Silva (2019)
Artur	Julia	Artulia	Silva (2019)
Asquerosa	Acerola	Asquerola	Marangoni Jr. (2021)
Atacado	Varejo	Atacarejo	Marangoni Jr. (2021)
Atlético	Coritiba	Atletiba	Marangoni Jr. (2021)
Au	Amigo	Aumigo	Facebook
Auto	Patrocínio	Autrocínio	Marangoni Jr. (2021)
Bahia	Vitória	BaVi	Comunicação diversa
Baiano	Mineiro	Baianeiro	Andrade; Rondinini (2016)
Balada	Sertaneja	Baladaneja	Oliveira (2017)
Balão	Ovni	Balovni	Marangoni Jr. (2021)
Balotelli	Thalles	ballothalles	Silva (2019)
Bandida	Dilma	Bandilma	Comunicação diversa
Bandido	Divo	Bandivo	Twitter
Bar	Aquário	Barquário	Marangoni Jr. (2021)
Bar	Táxi	Barxi	Marangoni Jr. (2021)
Barbudo	Cabeludo	Barbeludo	Comunicação diversa
Barbieri	Guardiola	Barbiola	Silva (2019)
Barbieri	Heptacampeão	Barbiepta	Silva (2019)
(Joaquim) Barbosa	Afro	Barbosafro	Silva (2019)
Barriga	Aluguel	Barriguel	Araújo (2000)
Batata	Bacalhau	Batatalhau	Gonçalves; Almeida (2002)
Batata	<i>Top</i>	Batatop	Marangoni Jr. (2021)
BBB (Big Brother Brasil)	Fazenda	BBBzenda	Comentário no Instagram
Bebê	Basilisco	Bebelisco	Comentário do Facebook
Bebê	Benício	Bebenício	<i>Storie</i> do Instagram
Beber	Comemorar	Bebemorar	Pires (2018)
Beber	Comilança	Bebelança	Pires (2018)
Bélgica	Índia	Belíndia	Marangoni Jr. (2021)
Beliza	Rodolfo	Belidoufo	Silva (2019)
Belo	Gracyanne	Belgra	Silva (2019)
Beto	Lívia	Belívia	Silva (2019)
Ben	Jennifer	Bennifer	Silva (2019)
Bento	Beatriz	Bentriz	Silva (2019)
Benzadeus	Matheus	Benzatheus	Marangoni Jr. (2021)

BASE 1	BASE 2	BLEND	FONTE
Besta	Bacharel	Bestarel	Andrade; Rondinini (2016)
Bianca	Gustavo	Biantavo	Silva (2019)
Bicicleta	Táxi	Bicitáxi	Marangoni Jr. (2021)
Bil	Biscoiteiro	Bilscoiteiro	Comentário do Instagram
<i>Blend</i>	Descrição	Blendescrição	Comunicação diversa
Boa	Macumba	Boacumba	Andrade; Rondinini (2016)
Boa	Madrasta	Boadrasta	Andrade; Rondinini (2016)
Boa	Madrinha	Boadrinha	Marangoni Jr. (2021)
Boçal	Bolsonaro	Boçalnaro	Silva (2019)
Boi	Bailarina	Boilarina	Andrade; Rondinini (2016)
Bolero	Sertanejo	Boleronejo	Oliveira (2017)
Bolo	Panetone	Bolotone	Facebook
Bolsonaro	Afetivo	Bolsoafetivo	Silva (2019)
Bolsonaro	Anta	Bolsoanta	Silva (2019)
Bolsonaro	Asno	Bolsoasno	Silva (2019)
Bolsonaro	Bobagem	Bolsonagem	Silva (2019)
Bolsonaro	Bosta	Bolsobosta	Facebook
Bolsonaro	Caixa (2)	Bolsocaixa (2)	Silva (2019)
Bolsonaro	Caro	Bolsocar	Instagram
Bolsonaro	Coisa	Bolsocoisa	Comentário do Instagram
Bolsonaro	Corno	Bolsocorno	Comentário do Instagram
Bolsonaro	Demônio	Bolsomônio	Comentário do Instagram
Bolsonaro	Deus	Bolsodeus	Silva (2019)
Bolsonaro	Ditador	Bolsoditador	Silva (2019)
Bolsonaro	Estupro	Bolsoestupro	Silva (2019)
Bolsonaro	<i>Fake</i>	Bolsofake	Silva (2019)
Bolsonaro	Falso	Bolsofalso	Silva (2019)
Bolsonaro	Fascista	Bolsofascista	Silva (2019)
Bolsonaro	Filho	Bolsofilho	Silva (2019)
Bolsonaro	Gado	Bolsogado	Comentário do Instagram
Bolsonaro	Gatas	Bolsogatas	Silva (2019)
Bolsonaro	<i>Hitler</i>	Bolsohitler	Silva (2019)
Bolsonaro	<i>Kid</i>	Bolsokid	Silva (2019)

BASE 1	BASE 2	BLEND	FONTE
Bolsonaro	Lixo	Bolsolixo	Comunicação diversa
Bolsonaro	Lula	Bolsolula	Silva (2019)
Bolsonaro	Lunático	Bolsolunático	Silva (2019)
Bolsonaro	Marcas	Bolsomarcas	Instagram
Bolsonaro	Merda	Bolsomerda	Silva (2019)
Bolsonaro	<i>Minion</i>	Bolsominion	Comentário do Instagram
Bolsonaro	Mito	Bolsomito	Silva (2019)
Bolsonaro	Nabo	Bolsonabo	Silva (2019)
Bolsonaro	Nada	Bolsonada	Silva (2019)
Bolsonaro	Nádegas	Bolsonádegas	Comentário do Instagram
Bolsonaro	Narcos	Bolsonarcos	Status do <i>Whatsapp</i>
Bolsonaro	(ACM) Neto	Bolsoneto	Instagram
Bolsonaro	Niver	Bolsoniver	Silva (2019)
Bolsonaro	Nojo	Bolsonojo	Silva (2019)
Bolsonaro	Otário	Bolsotário	Silva (2019)
Bolsonaro	<i>Play</i>	Bolsoplay	Instagram
Bolsonaro	Quadrilha	Bolsoquadrilha	Silva (2019)
Bolsonaro	Rato	Bolsorato	<i>Storie</i> do Facebook
Bolsonaro	Réu	Bolsoréu	Silva (2019)
Bolsonaro	Soneca	Bolsoneca	Silva (2019)
Bolsonaro	Tonto	Bolsotonto	Silva (2019)
Bolsonaro	Troglodita	Bolsotroglodita	Silva (2019)
Bolsonaro	<i>Trump</i>	Bolsotrump	Silva (2019)
Bolsonaro	Universo	Bolsoverso	Facebook
Bolsonaro	Violência	Bolsoviolência	Silva (2019)
Bom	Inácio	Bombácio	Silva (2019)
Bom	Padrasto	Bomdrasto	Instagram
Borboleta	Letras	Borboletras	Ferreira (2014)
Bordel	Novela	Bordela	Marangoni Jr. (2021)
(Tijana) Boskovic	Preta	Boskopreta	Comunicação diversa
Bosta	Botânica	Bostânica	Araújo (2000)
(Guilherme) Boulos	(Henrique) Meirelles	Bourelles	Silva (2019)
Bozo	Bolsonaro	Bozonaro	Silva (2019)
Bradesco	Escravo	Bradescravo	Marangoni Jr. (2021)
Brasil	Argentina	Brasgentina	Gonçalves; Almeida (2002)
Brasil	Azul	Brazul	Marangoni Jr. (2021)
Brasil	Paraguaio	Brasiguaio	Araújo (2000)

BASE 1	BASE 2	BLEND	FONTE
Brasileiro	Espanhol	Brasinhol	Marangoni Jr. (2021)
Brega	Sertanejo	Breganejo	Andrade; Rondinini (2016)
Brenda	Guilherme	Brelherme	Silva (2019)
Breno	Ana (Clara)	Breana	Silva (2019)
Breno	Samila	Bremila	Silva (2019)
Brice	Rodolfo	Bridolfo	Silva (2019)
Brigadeiro	Maconha	Brigadeironha	Marangoni Jr. (2021)
Brigadeiro	Panetone	Brigatone	Marangoni Jr. (2021)
Brilho	Cinderela	Brilhorela	Marangoni Jr. (2021)
Brilho	Luz	Brilhuz	Pires (2018)
Brincadeira	Criação	Brincriação	Marangoni Jr. (2021)
Brincar	Brigar	Bringar	Marangoni Jr. (2021)
Brisa	Brigadeiro	Brisadeiro	Internet
Brittany	Santana	Brittana	Silva (2019)
Broto	Brontossauro	Brotossauro	Gonçalves; Almeida (2002)
Broxante	Bikini	Brokini	Marangoni Jr. (2021)
Brumado	Boi	Bruboi	Restaurante da cidade de Brumado
Bruna	Neymar	Brumar	Instagram
Bruno	Giovanna	Brugio	Silva (2019)
Bruno	Leidiane	Bruane	Silva (2019)
Bruxa	Madrasta	Bruxadrasta	Andrade; Rondinini (2016)
Buraco	(Chico) Buarque	Buraque	Silva (2019)
Buscopan	Paz	Buscopaz	Comunicação diversa
Burro	Barichello	Burrichello	Silva (2019)
Burro	Democracia	Burrocracia	Araújo (2000)
Cabelereira	Leila	Cabeleleila	Instagram
Cabelo	Lindo	Cabelindo	Facebook
Cacá	Cocaína	Cacaína	Gonçalves; Almeida (2002)
Cacau (Maria Cláudia)	Matheus	Catheus	Silva (2019)
Cachecol	Capuz	Cachepuz	Netflix (Wednesday)
Caio	Bibi	Cabibi	Silva (2019)
Caipira	Piranha	Caipiranha	Marangoni Jr. (2021)
Caipirinha	Flor	Caipiflor	Marangoni Jr. (2021)
Caipirinha	Fruta	Caipifruta	Gonçalves (2013)
Caipirinha	Inácio	Caipirinácio	Silva (2019)

BASE 1	BASE 2	BLEND	FONTE
Caipirinha	Lima	Caipilima	Marangoni Jr. (2021)
Caipirinha	Picolé	Caipilé	Marangoni Jr. (2021)
Caipirinha	Piroca	Caipiroca	Marangoni Jr. (2021)
Caipirinha	<i>Vodka</i>	Caipivodka	Gonçalves; Almeida (2002)
Caligrafia	Feia	Caligrafeia	Marangoni Jr. (2021)
Camarão	Maionese	Camaronese	Marangoni Jr. (2021)
Camila	Lauren	camren	Silva (2019)
Camisinha	Violência	camisinholência	Marangoni Jr. (2021)
Câncer	Conservadores	Cancervadores	Comentário do Instagram
Canceriano	Emo	Canceriemo	Marangoni Jr. (2021)
Candidato	Gato	Candigato	Storie do Instagram
Caneca	Copo	Canecopo	Marangoni Jr. (2021)
Cangaceiro	Ciro	Cangaciro	Silva (2019)
Carioca	Caricatura	Cariocatura	Andrade; Rondinini (2016)
Cansativo	Fantástico	Cansástico	Gonçalves; Almeida (2002)
Cantor	Autor	Cantautor	Marangoni Jr. (2021)
Cantora	Atriz	Cantriz	Araújo (2000)
Cão	Câmbio	Cãobio	Marangoni Jr. (2021)
Cão	Caminhada	Cãominhada	Marangoni Jr. (2021)
Cão	Campeão	Cãopeão	Marangoni Jr. (2021)
Capes	Patrocínio	Capestrocínio	Marangoni Jr. (2021)
Carente	Quarentena	Carentena	Marangoni Jr. (2021)
Carioca	Gaúcho	Cariucho	Marangoni Jr. (2021)
Carnaval	Baby	Carnababy	Storie do Instagram
Carnaval	Natal	Carnatal	Araújo (2000)
Carnaval	<i>Zord</i>	Carnazord	Instagram
Carolina	Linda	Carolinda	Marangoni Jr. (2021)
(Paulo) Carpegiane	Zidane	Carpezidane	Silva (2019)
Carro	Karaokê	Carrokê	Marangoni Jr. (2021)
Cartomante	Mente	Cartomente	Marangoni Jr. (2021)
Cartolouco	Nojo	Cartonojo	Marangoni Jr. (2021)
Catarina	Pedro	Catpe	Silva (2019)
Catarina	Rodolfo	Cadolfo	Silva (2019)
Catuaba	Açaí	Catuçaí	Comunicação diversa
Catupiry	Calabresa	Catupiresa	Marangoni Jr. (2021)
Catupiry	Camarão	Catumarão	Marangoni Jr. (2021)
Celebridade	Debutante	Celebutante	Marangoni Jr. (2021)

BASE 1	BASE 2	BLEND	FONTE
Cerveja	Sertanejo	Cervejanejo	Oliveira (2017)
Chá	Aniversário	Chaversário	Imagem do Instagram
Chá	Café	Chafé	Araújo (2000)
Chá (de bebê)	Carreata	Charreata	<i>Storie</i> do Instagram
Chá	Maconha	Chaconha	Marangoni Jr. (2021)
Chapolin	Lindo	Chapolindo	<i>Youtube</i>
Chata	Madrasta	Chatadrasta	Andrade; Rondinini (2016)
Chato	Cartolouco	Chatolouco	Marangoni Jr. (2021)
Chato	Mattoso	Chattoso	Gonçalves (2004)
Chavez	(Mai) Perroni	Chaverroni	Silva (2019)
Chay (Suede)	Melanie (Fronckowiak)	Chamel	Silva (2019)
Chernobyl	Macho	Chernomacho	Marangoni Jr. (2021)
Chevette	Velho	Chevelho	Marangoni Jr. (2021)
Chocolate	Bom	Chocobom	Marangoni Jr. (2021)
Chocolate	<i>Box</i>	Chocobox	Marangoni Jr. (2021)
Chocolate	Delícia	Chocolícia	Gonçalves; Almeida (2002)
Chocolate	<i>Friday</i>	Chocofriday	Imagem
Chocolate	Panetone	Chocotone	Andrade; Rondinini (2016)
Chocolate	Sucrilhos	Chocrilhos	Gonçalves; Almeida (2002)
Chuchu	<i>Shrek</i>	Chuchurek	Ignez; Ferreira (2019)
Chulé	Baconzitos	Chulézitos	Marangoni Jr. (2021)
Chupeta	Adulta	Chupedulta	Marangoni Jr. (2021)
Churros	Sorvete	Churvete	Marangoni Jr. (2021)
Churros	Sorvete	Chuvete	Marangoni Jr. (2021)
Chuteira	Terça	Chuterça	<i>Site Netshoes</i>
Chuva	Joinville	Chuville	Marangoni Jr. (2021)
Cinema	Preto	Cinepreto	Marangoni Jr. (2021)
Cirilo	Isabela	Ciribela	Silva (2019)
Ciro	Ceará	Ciroará	Silva (2019)
Ciro	Haddad	Cihaddad	Silva (2019)
Ciro	Haddad	Ciroddad	Marangoni Jr. (2021)
Ciro	Lula	Cirula	Silva (2019)
Ciscar	Cicarelli	Ciscarelli	Silva (2019)
(Ana) Clara	Anitta	Clanitta	Silva (2019)
Clara	Caruso	Claruso	Silva (2019)
Clara	Kaysar	Claysar	Silva (2019)

BASE 1	BASE 2	BLEND	FONTE
Clara	Patrick	Clarick	Silva (2019)
Clara	Vanessa	Clanessa	Silva (2019)
Clark	Lana	Clana	Silva (2019)
Cloroquina	Cana	Clorocana	Marangoni Jr. (2021)
Colheita	Letras	Colhetras	<i>Banner de Letras</i>
Collor	Corrupto	Collorupto	Silva (2019)
Comercial	Botafogo	Comefogo	Pires (2018)
Conegliano	Minas	Conegliminas	Marangoni Jr. (2021)
Concerto	Sertão	Consertão	Marangoni Jr. (2021)
Construção	Calhas	Construcalhas	Marangoni Jr. (2021)
Controverso	Versátil	Controversátil	Marangoni Jr. (2021)
Copo	Companheiro	Coponheiro	Marangoni Jr. (2021)
Corpo	Política	Corpolítica	Instagram
Corra	Carrefour	Corrafour	Marangoni Jr. (2021)
Covas	Convalescente	Covalescente	Araújo (2000)
Craque	Raquético	Craquético	Marangoni Jr. (2021)
<i>Crazy</i>	Brasil	Crazil	Marangoni Jr. (2021)
Crente	Cretino	Crentino	Marangoni Jr. (2021)
Criança	Onça	Crionça	Marangoni Jr. (2021)
Crioulo	Louro	Crilouro	Gonçalves; Almeida (2002)
Croassaint	Sonho	Croasonho	Marangoni Jr. (2021)
<i>Crossfit</i>	Sofá	Crossfá	Marangoni Jr. (2021)
Curitibanos	Baianos	Curitibaianos	Imagem do Instagram
Cuscuz	Tapioca	Cuscuzoca	<i>Storie do Instagram</i>
Daciolo	Lindo	Daciolindo	Silva (2019)
<i>Dark</i>	Fazenda	Darkzenda	Marangoni Jr. (2021)
Deboche	Bechara	Debochara	Silva (2019)
Déborah	Bezalel	Dezalel	Silva (2019)
Déborah	Roger	Debóger	Silva (2019)
Dedos	Fantoches	Dedoches	Marangoni Jr. (2021)
Deleite	Leitura	Deleitura	Andrade; Rondinini (2016)
Demi (Lovato)	Selena (Gomez)	Delena	Silva (2019)
Democracia	Ditadura	Democradura	Pires (2018)
Democracia	Gracinha	Demogracinha	Marangoni Jr. (2021)
Damon	Elena	Delena	Silva (2019)
Desamassando	Sandro	Desamasandro	Marangoni Jr. (2021)
Desembargadora	Margarete	Desembargarete	Marangoni Jr. (2021)
Desnecessário	Dinossauro	Desnecessauro	Marangoni Jr. (2021)
Dicionário	Enciclopédia	Diciopédia	Marangoni Jr. (2021)

BASE 1	BASE 2	BLEND	FONTE
Diego	Roberta	DiRo	Silva (2019)
Dilma	Demônia	Dilmônia	Silva (2019)
Dilma	Mãe	Dilmãe	Silva (2019)
Dilma	Mais	Dilmais	Silva (2019)
Dilma	Malandra	Dilmalandra	Marangoni Jr. (2021)
Diploma	Mamata	Diplomamata	Imagem do Instagram
Ditador	Dória	Ditadória	Marangoni Jr. (2021)
Divos	Dinossauros	Divossauros	Marangoni Jr. (2021)
Documentário	Drama	Docudrama	Marangoni Jr. (2021)
Doida	Damares	Doidamares	Marangoni Jr. (2021)
Domingar	Gay	Domingay	Marangoni Jr. (2021)
Draco (Malfoy)	Hermione (Granger)	Dramione	Silva (2019)
<i>Drag</i>	<i>Avatar</i>	Dragatar	Marangoni Jr. (2021)
<i>Drag</i>	Revista	Dragvista	Marangoni Jr. (2021)
Drama	Comédia	Dramédia	Marangoni Jr. (2021)
Duda	Bianca	Duanca	Silva (2019)
Dudu	Tayse	Duyse	Imagem do Instagram
Edit	Anitta	Edinitta	Marangoni Jr. (2021)
Eduardo (Paes)	Errado	Eduerrado	Silva (2019)
Eletro	Sertanejo	Eletronejo	Oliveira (2017)
Eliminação	<i>Night</i>	Eliminight	Marangoni Jr. (2021)
Elisa	Isabel	Elisabel	Silva (2019)
Embalar	Lixo	Embalixo	Marangoni Jr. (2021)
Engambelador	Inácio	Engabelácio	Silva (2019)
Emprego	Inácio	Empregácio	Silva (2019)
Enxada	Espadachim	Enxadachim	Andrade; Rondinini (2016)
Epilepsia	Episódios	Epilepsódios	Marangoni Jr. (2021)
Escritório	Clitóris	Esclitóris	Marangoni Jr. (2021)
Escravo	Estagiário	Escragiário	Marangoni Jr. (2021)
Espanhol	Inglês	Espanglês	Pires (2018)
Esquerdo	Esquizofrenia	Esquerdofrenia	Dicionário informal
Esquerdo	Esquizofrênico	Esquerdofrênico	Dicionário informal
Estagnação	Inflação	Estagflação	Marangoni Jr. (2021)
Estremecer	Mexer	Estremexer	Marangoni Jr. (2021)
Estrogonoff	Bingo	Estrogobingo	Marangoni Jr. (2021)
Estrondoso	Escandaloso	Estrondaloso	Marangoni Jr. (2021)
Eu	Equipe	Euquipe	Marangoni Jr. (2021)
Europa	Ásia	Eurásia	Marangoni Jr. (2021)
Evaristo	Sandra	Evarisandra	Silva (2019)

BASE 1	BASE 2	BLEND	FONTE
Exagerado	Gelado	Exagelado	Araújo (2000)
Exposição	Poesia	Expoesia	Marangoni Jr. (2021)
Extrovertido	Tímido	Extrovertímido	
Ezequias	Izabel	Ezebel	Silva (2019)
Fabi (Fabrício)	Show	Fabishow	Silva (2019)
Fada	Roberta	Fadaberta	Marangoni Jr. (2021)
Fala	Palavra	Falavra	Andrade; Rondinini (2016)
Falácia	Inácio	Falácio	Silva (2019)
Família	Milícia	Familícia	Comentário do Instagram
Farmácia	Mais	Farmais	Marangoni Jr. (2021)
Fazenda	Sertaneja	Fazendaneja	Oliveira (2017)
Fedor	Desodorante	Fedorante	Marangoni Jr. (2021)
Fedido	Doritos	Fedoritos	Marangoni Jr. (2021)
Fedor	Chorume	Fedorume	Marangoni Jr. (2021)
Fernando	Aline	Ferline	Silva (2019)
Fernando	Deus	Fernandeus	Silva (2019)
Felina	Feminista	Felinista	Marangoni Jr. (2021)
Feliz (ano novo)	Luz	Feluz	Marangoni Jr. (2021)
Feminino	Sertanejo	Feminejo	Instagram
Filho	Democracia	Filhocracia	Marangoni Jr. (2021)
Filho	Inácio	Filhácio	Silva (2019)
Finn	Rachel	Finchel	Silva (2019)
Fisioterapia	Bixo	Fisiobixo	Storie do Instagram
Fisioterapia	Cats	Fisiocats	Instagram
Flamengo	Fluminense	FlaFlu	Comunicação diversa
Flamengo	Ginástica	Flaginástica	Instagram
Flamengo	Merda	Flamerda	Araújo (2000)
Flávia	Marcelo	Flacelo	Silva (2019)
Flor	Fluminense	Florminense	Storie do Instagram
Forró	Pagode	Forrogode	Andrade; Rondinini (2016)
Forró	Roça	Forroça	Araújo (2000)
FP	Alice	Falice	Silva (2019)
Francisco	Fernanda	Francisconanda	Silva (2019)
Francês	Inglês	Franglês	Marangoni Jr. (2021)
Frango	Bacon	Franbacon	Comunicação diversa
Frango	Filé	Franfilé	Marangoni Jr. (2021)
Frango	Good	Frangood	Instagram
Frango	Hamburguer	Franburguer	Gonçalves (2003)

BASE 1	BASE 2	BLEND	FONTE
Frigobar	Pinto	Frigopinto	Marangoni Jr. (2021)
Fudeu	Fidel (Castro)	Fudel	Silva (2019)
<i>Funk</i>	Sertanejo	Funknejo	Marangoni Jr. (2021)
Fusca	Casa	Fuscasa	Marangoni Jr. (2021)
Fusca	Itamar (Franco)	Fuscamar	Silva (2019)
Futebol	Lama	Futelama	Marangoni Jr. (2021)
Futebol	Mutirão	Futirão	Marangoni Jr. (2021)
Futebol	Salão	Futsal	Marangoni Jr. (2021)
Futebol	Vôlei	Futevôlei	Andrade; Rondinini (2016)
Gabriel	Camila	Gamila	Silva (2019)
Galinha	Inácio	Galinácio	Silva (2019)
Galinha	(Bruno) Gagliasso	Galinhasso	Silva (2019)
Galinha	(Adriane) Galisteu	Galinisteu	Silva (2019)
Gato	Cachorro	Gachorro	Marangoni Jr. (2021)
Gay	Radar	Gaydar	Internet
Gay	Garoto	Gayroto	Gonçalves; Almeida (2002)
Gay	Gaúcho	Gayúcho	Marangoni Jr. (2021)
Gelo	Louco	Gelouco	Araújo (2000)
Geromel	<i>Hummels</i>	Gerohumfels	Silva (2019)
Gerusa	Osório	Gesório	Silva (2019)
Gil	Gigante	Gilgante	Facebook
Ginecologista	Gina	Ginecologina	Marangoni Jr. (2021)
Giovana	(Bruno) Gagliasso	Giogliasso	Youtube
Giovanni	Camila	Gimila	Silva (2019)
Gleici	Wagner	Gleigner	Silva (2019)
Globo	Beleza	Globeleza	Araújo (2000)
Globo	Bosta	Globosta	Araújo (2000)
Global	Local	Glocal	Marangoni Jr. (2021)
Gordo	Delícia	Gordelícia	Comunicação diversa
Gordo (Guto Ferreira)	Guardiola	Gordiola	Silva (2019)
Gordo	Ronaldo	Gornaldo	Silva (2019)
Gostoso	<i>Strogonoff</i>	Gostonof	Instagram
Gracyanne (Barbosa)	Rambo	Gracirambo	Silva (2019)
Gramática	Matrix	Gramatrix	Parábola editorial
Gramática	Namastê	Gramastê	Parábola editorial
Grão	Omelete	Grãoomelete	Marangoni Jr. (2021)
Gratidão	Luz	Gratiluz	Marangoni Jr. (2021)
Grazi (Massafera)	Cauã (Reymond)	Grauã	Silva (2019)

BASE 1	BASE 2	BLEND	FONTE
Gustavo	Bianca	Gustanca	Silva (2019)
Haddad	Camaleão	Haddadmaleão	Silva (2019)
Haloween	Anitta	Hallownitta	Marangoni Jr. (2021)
Hanna	Caleb	Haleb	Silva (2019)
Helicóptero	Ponto	Heliponto	Marangoni Jr. (2021)
Hell	Recife	Hellcife	Storie do Facebook
Heloísa	Daniel	Heloel	Silva (2019)
Hidro	Hipocrisia	Hidrocrisia	Marangoni Jr. (2021)
Homossexual	Sensuais	Homossensuais	Marangoni Jr. (2021)
Honorato	Gato	Honogato	Ig de Instagram
Horroroso	Terrível	Horrorível	Marangoni Jr. (2021)
Hospital	Itaú	Hospitaú	Marangoni Jr. (2021)
Imbecil	Ciro (Gomes)	Imbeciro	Silva (2019)
Impostor	Pastor	Impastor	Marangoni Jr. (2021)
Índio	Borboleta	Indioleta	Marangoni Jr. (2021)
Irmã	Mãe	Irmãe	Ig de Instagram
Irmão	Patrocínio	Irmãotrocínio	Marangoni Jr. (2021)
Isabela	Cirilo	Isarilo	Silva (2019)
Isabela	Thales	Isales	Silva (2019)
<i>Instagram</i>	Sertanejo	Instagranejo	Oliveira (2017)
Jakelyne	(Bruna) Marquezine	Jakezine	Marangoni Jr. (2021)
Jane (Corso)	Chacrete	Janecrete	Silva (2019)
Japão	Suíça	Jaíça	Marangoni Jr. (2021)
Jararaca	Jaqueline	Jararaqueline	Silva (2019)
Javali	Porco	Javaporco	Marangoni Jr. (2021)
Jean (Wyllys)	Ânus	Jeânus	Silva (2019)
Jeiza	Zeca	Jeyzeca	Silva (2019)
Jegue	Severino (Cavalcanti)	Jeguerino	Silva (2019)
Jerônimo	Lula	Jerolula	Imagem
Jéssica	Emerson	Jemerson	Silva (2019)
Jéssica	Lucas	JeLu	Silva (2019)
Jéssica	Quenga	Jessiquenga	Silva (2019)
João	Larissa	Jolari	Silva (2019)
João	Lorena	Jorena	Silva (2019)
Jojo	Julieta	Jojolietta	Marangoni Jr. (2021)
Jônatas	Eliza	Joliza	Silva (2019)
Juliana	Fellipe	Jullipe	Silva (2019)
Juliana	Nick (Nicolas)	Junick	Silva (2019)
Juliana	Rodrigo	Judrigo	Silva (2019)

BASE 1	BASE 2	BLEND	FONTE
Jumento	Zebra	Jumebra	Marangoni Jr. (2021)
Jundiaí	Sondas	Jundsondas	Marangoni Jr. (2021)
Junho	Maionese	Junhose	Marangoni Jr. (2021)
Kamilla	Elieser	Kamieser	Silva (2019)
Kayser	Jéssica	Kayssica	Silva (2019)
Kelson	Tatiana	Kelana	Silva (2019)
Klaus	Camille	Klamille	Silva (2019)
Klaus	Caroline	Klaroline	Silva (2019)
Kleber (Toledo)	Camila (Queiroz)	Klemila	Silva (2019)
Lacre	(Bruna) Marquezine	Lacrezine	Marangoni Jr. (2021)
Ladrão	Maluf	Ladruf	Araújo (2000)
Lambada	Aeróbica	Lambaeróbica	Gonçalves; Almeida (2002)
Lambida	Beijo	Lambeijo	Storie do Instagram
Lasanha	(Ronaldo) Nazário	Lazanhário	Silva (2019)
Laura	Caíque	Lauríque	Silva (2019)
Lavajato	<i>Zap</i>	Lavazap	Marangoni Jr. (2021)
Lenta	<i>Internet</i>	Lentanet	Marangoni Jr. (2021)
Letícia	<i>Netflix</i>	Letflix	Marangoni Jr. (2021)
Lincon	Lionel (Messi)	Linconel	Silva (2019)
Linda	Deusa	Lindeusa	Marangoni Jr. (2021)
Lipe	Mariano	Lipiano	Marangoni Jr. (2021)
Literatura	Linda	Literalinda	Marangoni Jr. (2021)
Lívia	Felipe	Livipe	Silva (2019)
Lixo	Bolsonaro	Lixonaro	Imagem
Lixo	Literatura	Lixeratura	Gonçalves; Almeida (2002)
Lobisomem	Mulher	Lobsmulher	Marangoni Jr. (2021)
Lorrana	Vinícius	Lovi	Silva (2019)
Louca	Locomotiva	Loucomotiva	Marangoni Jr. (2021)
Luan (Santana)	Jade (Magalhães)	Luade	Silva (2019)
Luan	Lionel (Messi)	Luanel	Silva (2019)
(Moisés) Lucarelli	(Fábio) Carille	Lucarille	Pires (2018)
Lucas	Rihanna	Luhanna	Marangoni Jr. (2021)
Lucas	Shakira	Lukira	Marangoni Jr. (2021)
Luciana	Rodrigo	Ludrigo	Silva (2019)
Luciano (Hulk)	Diabo	Luciabo	Silva (2019)
Ludmilla	Mico	Ludmico	Marangoni Jr. (2021)
Ludmilla	Anitta	Ludnitta	Marangoni Jr. (2021)
Luís (Inácio da Silva)	Uísque	Luísque	Silva (2019)

BASE 1	BASE 2	BLEND	FONTE
Luiza	Vittar	Luvittar	Imagem do Instagram
Lula	Bolsonaro	Lulanaro	Silva (2019)
Lula	Ladrão	Luladrão	Facebook
Lula	Larápio	Lularápiao	Comentário do Instagram
Lula	<i>Minion</i>	Lulaminion	Silva (2019)
Lula	Ramsés	Lulamsés	Silva (2019)
Lula	Bolsonaro	Lulassonaro	Silva (2019)
Lulu (Santos)	(Michel) Teló	Luló	Marangoni Jr. (2021)
Lumena	Merda	Lumerda	<i>Storie</i> do Instagram
Macaco	<i>Kids</i>	Macakids	Imagem
Macarrão	Atum	Macatum	Gomes Costa (Instagram)
Macarrão	Maionese	Macarronese	Andrade; Rondinini (2016)
Maconha	Manoela	Maconhela	Silva (2019)
Macumbeiro	Crente	Macuncrente	Andrade; Rondinini (2016)
Madalê	Gelatto	Madelatto	Marangoni Jr. (2021)
Mafalda	Romeu	Mafeu	Silva (2019)
Mafalda	Zé	MaZé	Silva (2019)
Magrinha	Marina	Magrina	Silva (2019)
Madonna	Anitta	Madonitta	Marangoni Jr. (2021)
Mãe	Macarrão	Mãecarrão	Marangoni Jr. (2021)
Mãe	Madrasta	Mãedrasta	Gonçalves (2003)
Mãe	Maionese	Mãeonese	Marangoni Jr. (2021)
Mãe	Maracujá	Mãeracujá	Marangoni Jr. (2021)
Mãe	Manteiga	Mãetega	Marangoni Jr. (2021)
Mãe	Patrocínio	Mãetrocínio	Marangoni Jr. (2021)
Malafaia	Cheia	Malacheia	Silva (2019)
Malafaia	Fala	Malafala	Silva (2019)
Malafaia	Falha	Malafalha	Silva (2019)
Malafaia	Feia	Malafeia	Silva (2019)
Malluf	Mafioso	Mallufioso	Silva (2019)
Manguaça	Inácio	Manguácio	Silva (2019)
Manoel	Vivian	MaVi	Silva (2019)
Manuela	Jaquim	MaJo	Silva (2019)
Maracujá	Manga	Maracumanga	Comunicação diversa
Maracujá	Loko	Maraculoko	Comunicação diversa
Maratona	Toma	Maratoma	Araújo (2000)

BASE 1	BASE 2	BLEND	FONTE
Maravilhosa	Deusa	Maravideusa	Comentário do Instagram
Maravilhoso	Fofo	Maravifofo	Comentário do Instagram
Maravilhosa	<i>Gold</i>	Maravigold	Imagens
Maravilhoso	Gostoso	Maravitoso	Comentário do Instagram
Maravilhosa	Linda	Maravilinda	Comunicação diversa
Marcos	Emilly	Mally	Silva (2019)
Marcela	Michelle	Marchelle	Silva (2019)
Marginal	<i>Gay</i>	Margigay	Ig de Instagram
Marginal	Magnata	Marginata	Andrade; Rondinini (2016)
Maria	Alex	Marilex	Silva (2019)
Marias	<i>Halloween</i>	Mariasween	Instagram
Marido	Noivo	Marinoivo	Araújo (2000)
Marina	Inácio	Marinácio	Silva (2019)
Marina	(Henrique) Meirelles	Marinelles	Silva (2019)
Marizete	Benjamin	Mariben	Silva (2019)
Marta (Suplicy)	Taxa	Martaxa	Silva (2019)
Máscara	Acne	Mascne	Marangoni Jr. (2021)
Masoquista	Fofo	Masofofo	Marangoni Jr. (2021)
Mato	Motel	Matel	Gonçalves; Almeida (2002)
Mau	Motorista	Mautorista	Marangoni Jr. (2021)
Maura	Ionam	MauNam	Silva (2019)
Megan	Anitta	Meganitta	Marangoni Jr. (2021)
Meiga	Galinha	Megalinha	Comunicação diversa
Mel	Liz	Meliz	Silva (2019)
Mendiga	Gata	Mendigata	Comunicação diversa
Mensalão	Inácio	Mensalácio	Silva (2019)
Merda	Mendonça	Merdonça	Silva (2019)
Mês	Aniversário	Mesversário	Imagem de Instagram
Mete	<i>Netflix</i>	Meteflix	<i>Storie</i> do Instagram
Michele (Bolsonaro)	Cheque	Micheque	Marangoni Jr. (2021)
<i>Minion</i>	Manifestação	Minionfestação	Marangoni Jr. (2021)
Misericórdia	Credo	Misericredo	Comunicação diversa
Moita	Motel	Moitel	Marangoni Jr. (2021)
Monalisa	Alice	Monalice	Marangoni Jr. (2021)
Monitor	Trouxa	Monitrouxa	Araújo (2000)

BASE 1	BASE 2	BLEND	FONTE
Mono	Sobrancelha	Monocelha	Pires (2018)
Monstro	Menstruação	Monstruação	Araújo (2000)
Morango	Coxinha	Morangoxinha	Marangoni Jr. (2021)
Mundo	Mudança	Mundança	Araújo (2000)
Namastê	Treta	Namastreta	Instagram
Namorada	Morena	Namorena	Marangoni Jr. (2021)
Namorado	Marido	Namorido	Araújo (2000)
Nanda	Filipe	Nanlipe	Silva (2019)
Não	Sim	Nim	Rio-Torto (2014)
Natal	<i>Town</i>	Natown	Marangoni Jr. (2021)
Nestlé	Cacau	Nescau	Marangoni Jr. (2021)
Nestlé	Café	Nescafé	Marangoni Jr. (2021)
Neura	Noronha	Neuronha	Marangoni Jr. (2021)
Neymar	Amorzão	Neymorzão	Silva (2019)
Neymar	Maradona	Neymaradona	Marangoni Jr. (2021)
Neymar	Maravilha	Neymaravilha	Silva (2019)
Neymar	Marquezzine	Neymarquezzine	Silva (2019)
Neymar	Messi	Neymessi	Silva (2019)
Neymar	Mídia	Neymidia	Comentário do Instagram
Neymar	Mito	Neymito	Marangoni Jr. (2021)
Neymar	Padrasto	Neydrasto	Comentário do Instagram
Noite	Notícia	Noitícia	Marangoni Jr. (2021)
Novela	Velha	Novelha	
Nutrição	Genocídio	Nutricídio	Instagram
Nuvem	Ventania	Nuventania	Marangoni Jr. (2021)
Obrigado	Gato	Obrigato	Instagram
Óleo	Heloísa	Oleoísa	Araújo (2000)
Oligarquia	Garcia (Neto)	Oligarcia	Silva (2019)
Olívia	Miguel	Oliguel	Silva (2019)
Omelete	Pizza	Omepizza	Marangoni Jr. (2021)
Omitir	Mentir	Omentir	Marangoni Jr. (2021)
Osmar	Elisa	Marelisa	Silva (2019)
Ovo	Maionese	Ovonese	Marangoni Jr. (2021)
Pagode	<i>Funk</i>	Pagofunk	Marangoni Jr. (2021)
Pagode	Sertanejo	Pagonejo	<i>Spotify</i>
Pai	Mãe	Pãe	Gonçalves (2003)
Pai	Anitta	Painitto	Marangoni Jr. (2021)
Pai	Patrocínio	Paitrocínio	Araújo (2000)
Panetone	Maconha	Paneconha	Storie do <i>Instagram</i>

BASE 1	BASE 2	BLEND	FONTE
Pão	Capivara	Pãopivara	Marangoni Jr. (2021)
(Lucas) Paquetá	Totti	Paquetotti	Silva (2019)
Paqueta	Paniquete	Paquete	Marangoni Jr. (2021)
Paracetamol	Loko	Paracetaloko	Comunicação diversa
Participativo	Passivo	Participassivo	Marangoni Jr. (2021)
Passe	Kassiely	Passiely	Marangoni Jr. (2021)
Paula	Caruso	Pauruso	Silva (2019)
(Ana) Paula	Daniel	Pauniel	Silva (2019)
Paula	Jéssica	Paussica	Silva (2019)
Paula	Wagner	Paugner	Silva (2019)
Paulo	Marcela	Paucela	Silva (2019)
Paulo	Parafusos	Paulufusos	Silva (2019)
Paulo	Tales	Paules	Youtube
Pedófilo	Wyllys	Pedófyllys	Silva (2019)
Pedro	Alice	Pelice	Silva (2019)
Pedro	Heloísa	Peloísa	Silva (2019)
Pedro	Karina	Perina	Silva (2019)
Pensamentos	Passatempos	Pensatempos	Marangoni Jr. (2021)
Pérola	Márcio	Peromar	Silva (2019)
Pesquisa	Cópia	Pescópia	Marangoni Jr. (2021)
Petrolina	Linda	Petrolinda	Storie do Instagram
Petrônio	Rodolfo	Petrolfo	Silva (2019)
Pikachu	Cachorro	Pikachorro	Marangoni Jr. (2021)
Pijama	Jânio	Pijânio	Silva (2019)
Pilatra	Filantropia	Pilantropia	Araújo (2000)
<i>Pitbull</i>	<i>Boy</i>	Pitboy	Andrade; Rondinini (2016)
Pinto	<i>(Bill) Clinton</i>	Pinton	Silva (2019)
planta	Mateus	Planteus	Marangoni Jr. (2021)
Plástico	Couro	Plasticouro	Loja na cidade de Jequié/Ba
<i>Play</i>	Sertanejo	Playnejo	Instagram
Pobre	<i>Netflix</i>	Pobreflix	Marangoni Jr. (2021)
Poc	Sertanejo	Pocnejo	Instagram
Podre	Presidente	Podredente	Comentário do Instagram
Pogba	Walace	Pogbalace	Silva (2019)
Política	Sacanagem	Politicanagem	Gonçalves; Almeida (2002)
Pomodoro	Choro	Pomochoro	Marangoni Jr. (2021)
Popular	Inácio	Populácio	Silva (2019)

BASE 1	BASE 2	BLEND	FONTE
Português	Espanhol	Portunhol	Araújo (2000)
<i>Praat</i>	Prático	Praatico	Marangoni Jr. (2021)
Presidente	Dengue	Presidengue	Gonçalves; Almeida (2002)
Prima	Irmã	Primã	Marangoni Jr. (2021)
Priscila	Cílios	Priscílios	Marangoni Jr. (2021)
Produção	Show	Produshow	Imagem
Projota	Bosta	Probosta	<i>Storie</i> do Instagram
Projota	Brócolis	Projócolis	Comentário do Facebook
Projota	Gil	Progil	Comentário do <i>Instagram</i>
Projota	Judas	Projudas	Instagram
Promoção	Mochila	Promochila	Araújo (2000)
Promoção	Apaixonei	Promoxonei	Marangoni Jr. (2021)
Prosa	Poesia	Proesia	Marangoni Jr. (2021)
Prostituta	Puta	Prostiputa	Araújo (2000)
Psicopata	Otário	Psicotário	Marangoni Jr. (2021)
PT	Pentelho	Petêlho	Marangoni Jr. (2021)
Quarentena	Treino	Quarentreino	Imagem do Instagram
Ratinho	Teen	Rateen	Gonçalves (2003)
Rebelde	Balde	Rebalde	Comentário do Instagram
Recife	Folia	Recifolia	Pires (2018)
Record	Cópia	Recópia	Comentário do <i>Instagram</i>
Reflexão	Gratidão	Refletidão	Facebook
Renan	Munik	Renik	Silva (2019)
Renê	Neymar	Renêymar	Silva (2019)
Retardado	Haddad	Retarddad	Silva (2019)
Retrospectiva	Diva	Retrospecdiva	Marangoni Jr. (2021)
Rico	Campeão	Ricampeão	<i>Storie</i> do Instagram
Rico	Mileide	Rileide	<i>Storie</i> do Instagram
Rio	<i>Réveillon</i>	Riovéillon	Marangoni Jr. (2021)
Riso	Rivotríl	Risotríl	Comunicação diversa
Rita	Riachuelo	Ritachuelo	Marangoni Jr. (2021)
<i>Rock</i>	Ronaldo	Rocknaldo	Marangoni Jr. (2021)
Romero	Atena	Romena	Silva (2019)
Rhodolfo	Frank(stein)	Rhodolfrank	Silva (2019)
Ronaldo	Gorducho	Ronalducho	Pires (2018)
Rondonópolis	<i>Hell</i>	Rondohell	Marangoni Jr. (2021)
Rouba	Rousseff	Roubasseff	Silva (2019)

BASE 1	BASE 2	BLEND	FONTE
Roubar	Compartilhar	Roubartilhar	Comentário do Facebook
Roubo	Roberto	Rouberto	Silva (2019)
Roubo	Rodízio	Roubodízio	Minussi; Nóbrega (2014)
Ruim	Rubinho (Barrichello)	Ruimbinho	Silva (2019)
Saco	Picolé	Sacolé	Gonçalves (2004)
Samba	Sapatear	Sambatear	Marangoni Jr. (2021)
Samuel	Marocas	Samurocas	Silva (2019)
Santa	Madrasta	Santadrasta	Andrade; Rondinini (2016)
(Valdemiro) Santiago	Diabo	Sandiabo	Silva (2019)
Salpicão	Piqué	Salpiqué	Comentário do <i>Instagram</i>
Sarah	Jararaca	Sararaca	Comentário do Facebook
Sarah	Satanás	Saranás	Facebook
Sasha	Satanás	Sashanás	Silva (2019)
Seda	Guardanapo	Sedanapo	Marangoni Jr. (2021)
Seguidores	Donos	Seguidonos	<i>Storie</i> do Instagram
Seguidores	<i>Lovers</i>	Seguilovers	Marangoni Jr. (2021)
Seguidores	Matheus	Seguitheus	Instagram
Seguidores	Amores	Seguimores	Marangoni Jr. (2021)
Seguidores	Pobres	Seguipobres	<i>Storie</i> do Instagram
Seleção	Flamengo	Selemengo	Andrade; Rondinini (2016)
Selena (Gomez)	Lenda	Selenda	Marangoni Jr. (2021)
Senadora	Atriz	Senatriz	Gonçalves; Almeida (2002)
Sertanejo	Nojo	Sertanojo	Comentário do Facebook
Sevaling	Linda	Sevalinda	<i>Storie</i> do Instagram
Sexta	Sertaneja	Sextaneja	Gonçalves (2013)
Shirlei	Felipe	Shirlipe	Silva (2019)
<i>Show</i>	chocolate	Showcolate	Marangoni Jr. (2021)
<i>Show</i>	Comício	Showmício	Araújo (2000)
<i>Show</i>	Xoxota	Showxota	Marangoni Jr. (2021)
Singular	Masculino	Singulino	Marangoni Jr. (2021)
Sobrancelha	Sheila	Sobransheila	Imagem do Instagram
Sofá	Fazenda	Sofazenda	Marangoni Jr. (2021)
Sofrência	Sertanejo	Sofrencianejo	Oliveira (2017)
Sofrer	Professor	Sofressor	Pires (2018)
Soja	Feijão	Sojão	Marangoni Jr. (2021)
Solidariedade	Arte	Solidariedarte	Araújo (2000)

BASE 1	BASE 2	BLEND	FONTE
Sorvete	Panetone	Sorvetone	Gonçalves; Almeida (2002)
Sorteio	Loteria	Sorteria	Gonçalves; Almeida (2002)
[i]Stalin	Inácio	Stanlinácio	Silva (2019)
Stefan	Elena	Stelena	Silva (2019)
Stefan	Katherine	Steferine	Silva (2019)
Stefany	Mirella	Sterella	Marangoni Jr. (2021)
Suco	Picolé	Sucolé	Marangoni Jr. (2021)
Surreal	<i>Reality</i>	Surreality	Marangoni Jr. (2021)
Talarica	Larissa	Talarissa	Comentário do Instagram
Talarica	Lina	Talarina	Instagram
Talita	(Rafael) Licks	Talicks	Silva (2019)
Tamires	Adrilles	Tadrilles	Silva (2019)
Tatiana	Kelson	Tatelson	Silva (2019)
(Michel) Teló	Lulu (Santos)	Telu	Marangoni Jr. (2021)
Tequila	Loka	Tequiloka	Marangoni Jr. (2021)
Tio	Patrocínio	Tiotrocínio	Marangoni Jr. (2021)
Tobogã	Água	Toboágua	Marangoni Jr. (2021)
Tomate	Arte	Tomarte	Marangoni Jr. (2021)
Tomável	Comestível	Tomestível	Marangoni Jr. (2021)
Tosco	Bolsonaro	Tosconaro	Comentário do Instagram
Traficante	Crente	Traficrente	Marangoni Jr. (2021)
(Cesar) Tralli	Ticiane (Pinheiro)	Tralliane	Silva (2019)
Tri	Bicha	Tricha	Gonçalves (2003)
Tri	Bikini	Triquini	Marangoni Jr. (2021)
Tri	Casal	Trisal	Marangoni Jr. (2021)
Triste	Testemunho	Tristemunho	Gonçalves; Almeida (2002)
Tropical	Tônicos	Tropitonicos	Comunicação diversa
Troy	Gabriella	Troyella	Silva (2019)
Uísque	Esquerda	Uisquerda	Marangoni Jr. (2021)
Urubu	Observar	Urubuservar	Marangoni Jr. (2021)
Vaca	Madrasta	Vacadrasta	Andrade; Rondinini (2016)
Vacina	China	Vachina	Facebook
Vagabunda	Piranha	Vagaranha	Gonçalves (2004)
Valdelice	Delícia	Valdelícia	Silva (2019)
Vampiro	Capeta	Vampeta	Araújo (2000)

BASE 1	BASE 2	BLEND	FONTE
Var	Flamengo	Varmengo	Comentário do Facebook
Velha	(Susana) Vieira	Velheira	Silva (2019)
Velho	Velocidade	Velhocidade	Marangoni Jr. (2021)
Velho	Veloso	Velhoso	Silva (2019)
Veterinário	Mário	Veterimário	Silva (2019)
Viih	Luis	Viihlu	Silva (2019)
Vírus	Bolsonaro	Virusnaro	Storie do Instagram
Vitiligo	Lindos	Vitilindos	Instagram
Vivido	Vagabundo	Vivibundo	Marangoni Jr. (2021)
Vôlei	Leblon	Voleiblon	Série vai que cola
Vó	Patrocínio	Vótrocínio	Marangoni Jr. (2021)
Vô	Patrocínio	Vôtrocínio	Marangoni Jr. (2021)
Vyni	Universo	Vyniverso	Instagram
Wellington	Michele	Wellmiche	Silva (2019)
Wyllys	Lixo	Wyllixo	Silva (2019)
Youtube	Sertanejo	Youtubenejo	Oliveira (2017)
Zebra	Cavalo	Zebralo	Marangoni Jr. (2021)

APÊNDICE B – Formulário desenvolvido para o teste de Percepção

Formulário sem título

Enviar

Perguntas

Respostas 405

Configurações

Seção 1 de 3

CRIAÇÃO DE PALAVRAS POR BLENDS

Antes de descrever a finalidade deste formulário, eu quero agradecer a você pela contribuição para com este trabalho e por abdicar um pouco de seu tempo para preenchê-lo. Sua ajuda será de suma importância para compreendermos novas palavras que têm sido criadas na língua.

Salientamos que, caso você tenha interesse em saber mais sobre a pesquisa, pode entrar em contato, mandando uma mensagem para o e-mail: emevibra@hotmail.com

E-MAIL

Texto de resposta curta

IDADE *

☐ Até 25 anos

☐ Entre 26 e 35

☐ Entre 36 e 45

☐ Acima de 45

 Formulário sem título  

    [Enviar](#) 

[Perguntas](#) [Respostas](#) **405** [Configurações](#)

Você conhece a palavra BANDILMA? *

☐ NÃO CONHEÇO

☐ JÁ OUVI FALAR, MAS NÃO SEI O SIGNIFICADO

☐ CONHEÇO

☐ CONHEÇO E USO

Você conhece a palavra NAMORIDO? *

☐ NÃO CONHEÇO

☐ JÁ OUVI FALAR, MAS NÃO SEI O SIGNIFICADO

☐ CONHEÇO

☐ CONHEÇO E USO

APÊNDICE C – Média da duração relativa dos sujeitos 1, 2 e 3, respectivamente

PALAVRAS SIMPLES	MÉDIAS DA DURAÇÃO RELATIVA DA SÍLABAS				
	S1	S2	S3	S4	S5
picolé	28.0367	32.8033	38.6167		
português	36.0900	36.0900	46.3767		
bloco	70.2767	29.7233			
compartilhar	25.1033	23.9267	18.5333	32.4333	
motel	40.5067	59.4933			
namorado	27.4200	25.8067	32.2600	14.5200	
café	41.6767	58.3233			
Bolsonaro	28.7700	28.7467	31.9567	10.5333	
BLENDS					
<i>sacolé</i>	38.3033	29.0200	33.2533		
<i>matel</i>	42.4567	57.6133			
<i>namorido</i>	25.8167	27.4233	28.2400	18.3400	
<i>chafé</i>	48.7100	51.1467			
<i>portunhol</i>	35.7500	20.7733	43.4767		
<i>tricha</i>	58.7233	41.2767			
<i>roubartilhar</i>	22.9800	25.8467	18.3867	32.7867	
<i>bolsogado</i>	28.7267	26.4633	32.7400	12.0700	

Fonte: elaboração própria.

PALAVRAS SIMPLES	MÉDIAS DA DURAÇÃO RELATIVA DA SÍLABAS				
	S1	S2	S3	S4	S5
picolé	27.2600	34.0967	38.6400		
português	30.0067	18.6867	51.3067		
bloco	65.5967	34.4033			
compartilhar	23.8600	26.5400	16.1667	33.4367	
motel	36.8200	63.1800			
namorado	23.5533	28.7133	34.2000	13.5367	
café	36.7500	63.2500			
Bolsonaro	31.3067	23.1833	32.7800	12.2567	
BLENDS					
<i>sacolé</i>	33.8200	34.5100	31.5433		
<i>matel</i>	54.4333	45.4933			
<i>namorido</i>	24.5300	30.1100	27.2333	17.9367	
<i>chafé</i>	43.9667	55.9600			
<i>portunhol</i>	36.2767	20.9800	42.7400		
<i>tricha</i>	56.3833	43.6167			
<i>roubartilhar</i>	18.6233	30.8000	16.4167	34.1633	
<i>bolsogado</i>	26.3167	24.5600	31.4667	17.6567	

Fonte: elaboração própria.

PALAVRAS SIMPLES	MÉDIAS DA DURAÇÃO RELATIVA DA SÍLABAS				
	S1	S2	S3	S4	S5
picolé	28.2633	30.8900	40.8467		
português	31.9400	14.8133	53.2533		
bloco	68.1933	31.8067			
compartilhar	24.0367	25.4400	18.4233	32.1000	
motel	35.4167	64.5833			
namorado	29.1400	22.8800	29.0767	18.9100	
café	37.4167	62.5833			
Bolsonaro	32.3067	21.9267	34.9733	10.7933	
BLENDS					
<i>sacolé</i>	37.7700	24.9467	35.3500		
<i>matel</i>	40.3000	59.6400			
<i>namorido</i>	28.5000	24.9233	25.3233	18.7600	
<i>chafé</i>	42.1933	57.6933			
<i>portunhol</i>	33.9967	21.8000	44.2033		
<i>tricha</i>	56.1100	43.8900			
<i>roubartilhar</i>	17.2800	28.3233	19.8433	34.5533	
<i>bolsogado</i>	29.9167	23.3200	32.4433	14.3167	

Fonte: elaboração própria.